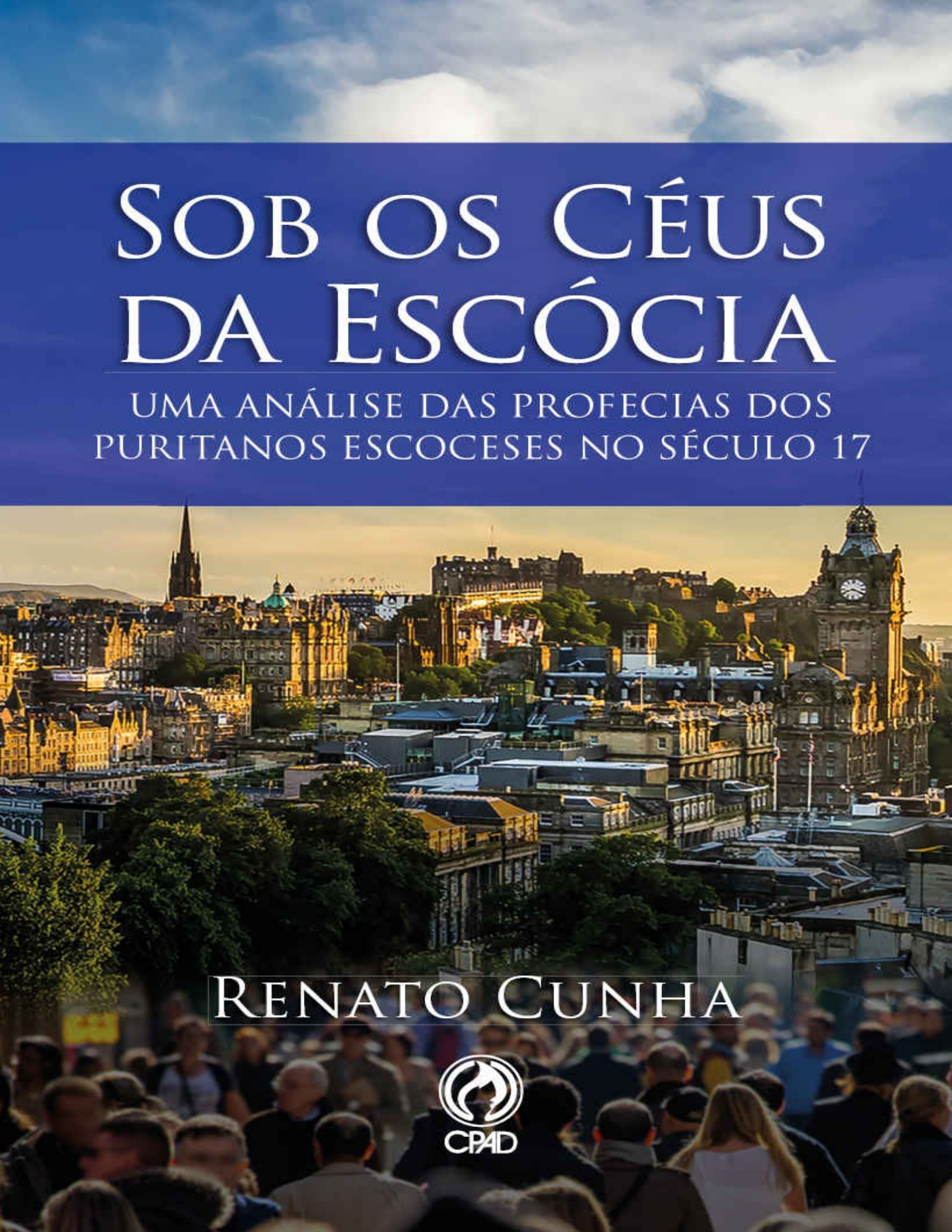
Sob os Céus da Escócia

Uma análise das profecias dos puritanos escoceses no século 17



Renato Cunha

CPAD

Renato Cunha

Sob os Céus da Escócia

UMA ANÁLISE DAS PROFECIAS
DOS PURITANOS ESCOCESES NO SÉCULO 17

Renato Cunha

Sob os Céus da Escócia

UMA ANÁLISE DAS PROFECIAS
DOS PURITANOS ESCOCESES NO SÉCULO 17

1ª Edição

CPAD

Rio de Janeiro
2017

Todos os direitos reservados. Copyright © 2017 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Editora Executiva: Luciana Avelino Cunha
Capa: Elias Barbosa
Revisão: Dorothy Maia
Diagramação: Studio Carisma
Produção de ePub: Cumbuca Studio
3ª Edição Revisada - Abril / 2017

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL
Cunha, Renato; Sob os céus da Escócia - Uma análise das profecias dos puritanos escoceses no século 17 - 2ª Edição Revisada - Natal: Editora Carisma, 2016.

ISBN: 978-85-263-1462-7
ISBN digital: 978-85-263-1594-5
CDD: 230 - Cristianismo e Teologia Cristã
1. Teologia 2. Reforma Escocesa 3. Dons I. Título II. Série

Índices para catálogo sistemático:
1. Teologia 2. Reforma Escocesa 3. Renato Cunha
SAC - Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro-RJ
CEP 21.852-002

1ª edição: Agosto/2017

Sumário

Agradecimento

Prefácio

A História Revivida e Compreendida

A Historiografia Protestante Reformada Analisada Através da História das Mentalidades

Confronto Entre Reformados e Entusiastas

A Assembleia de Westminster: Contexto Geral

Breve Análise da Confissão de Fé de Westminster

Sola Scripturæ x Novas Revelações do Espírito

O Profetismo no Contexto Reformado: Visão Sobre Profecia na Igreja Pós-Apostólica

João Calvino (1509-1564)

George Gillespie (1613–1648)

Samuel Rutherford (1600-1661)

Jonathan Edwards (1703-1758).

A Ocorrência de Profecias Entre os Puritanos Escoceses

George Wishart (1513-1546)

John Knox (1505-1572)

John Welch (1570-1622)

Alexander Peden (1626-1686)

Robert Bruce (1554-1631)

Richard Cameron (1647-1680)

John Semple

John Davidson

Resumo Histórico-Teológico

Trajetória pelos Séculos

O Profetismo na Antiguidade (Contexto Bíblico no Mundo Antigo)

A Profecia em Corinto: Por que Profetizar é Mais Importante do que Falar em Línguas?

Recordando Antigos Conceitos

Apóstolos Somente?

A Relação Entre Profecia e Escrituração Canônica

O Cessacionismo e o Continuísmo Comparados

Conclusão

Conselho aos Cessacionistas

Conselho aos Continuístas

Referências

Agradecimentos

Este livro não teria saído sem a colaboração decisiva de inúmeras pessoas que se esforçaram a fim de que você, leitor, tivesse acesso ao seu conteúdo.

Em primeiro lugar, e não poderia ser diferente, rendo graças ao Deus trino, pela iluminação e coragem com que me revestiu para tratar de um assunto controvertido e polêmico, mas tão necessário à discussão. Deus Pai, Filho e Espírito Santo, recebam o louvor que procede de lábios e coração imensamente gratos. Eu ofereço esta obra como oferta, com os votos de que tudo redunde em glória ao Senhor que se compraz em revelar sua intimidade aos que o temem.

Em segundo lugar, agradeço à Luciana Cunha, minha adorável Pety, bem como aos meus filhos amados, Letícia Cunha e Renato Filho. Vocês foram generosos em compreender a dimensão da tarefa e propiciaram o ambiente perfeito para as reflexões, as leituras e a produção textual, afazeres constantes de uma empreitada tão complexa. Sem esta amorosa cooperação e apoio, sobretudo de sua parte minha Luciana, tal empresa não seria possível. Vocês encarnam meu mundo de sossego e mistério revelado, são o vozerio de meu silêncio inquieto e contemplativo diante das maravilhas de um Deus galardoador na minha vida.

Agradeço aos Drs. Dean Smith, Garnet Howard Milne e Ron Smith pela prestimosa colaboração que enriqueceu consideravelmente o conjunto da obra. Em especial ao Dr. Ron Smith pela gentileza em prefaciar o livro,

conferindo grande prestígio em razão do esforço dedicado que deita raízes no inestimável legado dos puritanos.

Ao amigo queridão Carlos Eduardo Oliveira, que me auxiliou no garimpo de obras raríssimas, bem como nas dificílimas traduções; lidar com os arcaísmos do inglês elisabetano não foi tarefa das mais simples. Além, claro, de outras importantes colaborações. A você, honrado amigo, meu abraço afetuoso.

Devo igualmente registrar minha mais sincera gratidão a Elias Barbosa, um dos mais talentosos profissionais de designer gráfico deste país. Sem sua intervenção, Sob os céus da Escócia estaria à mercê daquelas improvisações sem estilo e personalidade.

Por fim, agradeço especialmente à Profª Simone Freitas que aceitou o desafio de ser facilitadora do trabalho do Dr. Smith. Fez um trabalho digno, como que para o Senhor, emprestando singular brilhantismo neste mister; além da generosidade envolvida, razão pela qual este autor sentir-se-á sempre devedor de uma menção em separado.

Prefácio

Não lhes parece espantosa coincidência que os possuidores da fé Reformada tivessem deixado de crer na continuidade do dom de profecia após o século 18? Teria algo a ver com *"The Killing Times"* do século 17? E ainda, teria alguma relação com a Idade da Razão? O conhecimento cessou quando a Bíblia foi concluída? Nós já conhecemos assim como somos conhecidos? Obviamente que o que é perfeito é a ressurreição, tempo em que só então cessarão o conhecimento, as línguas e as profecias porque a perfeição terá acontecido. Dizer o oposto é negar os milagres de Columba e de muitos outros santos homens na História. O que dizer das profecias de John Knox? Isto, contudo, não é nenhum endosso à abordagem "Elmer Gantry" de muitos "carismáticos"[*] de hoje.

Devemos ser cuidadosos e considerar aqueles que defendem doutrinas que se confrontam, porque nossa tendência é assumir um dos lados e rejeitar o outro. A reação à subjetividade do que é o milagre pode resultar em rejeição aos aspectos ao mesmo tempo objetivo e subjetivo do elemento miraculoso. A resposta para este problema é a história calvinista. O modelo deve ser encontrado na História e não nos movimentos pendulares modernos influenciados pelo Iluminismo.

Este livro de Renato Cunha abrange todas as objeções às ideias do pós-iluminismo que se opõem à continuidade dos dons espirituais. É muito inspirador e fortaleceu minhas convicções. Que Deus conceda à Igreja o retorno à fé dos nossos Pais.

Dr. Ron D. Smith – ThD Edinburg Theological Seminary.

[*] A expressão “Carismático”, neste livro, se refere a qualquer pessoa que crê na contemporaneidade de todos os dons espirituais. Dentro dessa perspectiva, muito embora nem todo Carismático seja Pentecostal (clássico), todo Pentecostal (clássico) é um Carismático. A expressão indicada não se refere necessariamente ao movimento Romanista de Renovação Carismática.

A HISTÓRIA REVIVIDA E COMPREENDIDA

Todo grupo étnico possui uma história que remonta às tradições e as explica. Para compreender esses signos, o historiador mais desavisado poderá incorrer em toda sorte de equívocos, caso não se debruce no estudo meticuloso, observando criteriosamente pontos fundamentais. Revirar arquivos, estudar as fontes e analisar os aspectos mais sutis implicará, consequentemente, o entendimento equilibrado de certas minúcias. Com a historiografia protestante não poderia ser diferente.

No que se refere aos desdobramentos das reformas protestantes, quem se detém ao estudo de um dos mais comoventes eventos da história da religiosidade humana deve cercar-se de cuidado; não pode contentar-se com a superficialidade e deve reger-se pelo rigorismo da ciência histórica. O que aconteceu? Quem testemunhou? Como contou? Quem as deu a conhecer? Estas e outras perguntas devem dirigir a mente do investigador histórico.

O historiador deve ser o mais isento possível, deixando que os fatos falem por si. Deve evitar que suas impressões pessoais, crenças, aspirações e perspectivas acadêmicas interfiram no processo de apresentação histórica. Seu dever é apenas historiá-los, descrevendo-os com o máximo de profundidade e riqueza. No entanto, aqui e acolá, deve corrigir as falhas verificadas dentro do próprio processo, visto que nem sempre os grupos hegemônicos – geralmente os que a contam – registram os fatos em sua inteireza, assim como quase nunca estão comprometidos com outra coisa,

senão com seus próprios interesses.

Partindo desta premissa entenderemos melhor por qual razão o movimento Reformador abalou os alicerces do mundo antigo medieval. Houve ruptura com uma das maiores potestades da terra. A Igreja Católica Apostólica Romana foi sua grande rival, uma poderosa estrutura, aliada aos maiores reinos de seu tempo, pugnou por erradicar coercitivamente aqueles que militavam nas trincheiras do movimento reformador.

Em vista desse entendimento, faz-se necessário que estudemos o processo todo para descobrir os desdobramentos mais importantes e entender as mais relevantes consequências. Com efeito, o comportamento opositor das lideranças eclesiásticas em reação aos movimentos místicos surgentes nas fileiras de uma igreja corrupta e devassada pela imoralidade e simonia. Neste processo vamos averiguar também onde nasceu o Continuacionismo, seu desenvolvimento e, sobretudo, porque tem sido rejeitado pelo seu oposto teológico durante os séculos. Especialmente, vamos discernir o que ocorreu entre os *covenanters* escoceses, o que eles pensavam sobre revelação especial extrabíblica e também conhecer sobre o contexto político, social e religioso em que viveram. Este livro pugna por demonstrar registros históricos no contexto dos reformadores que têm contribuído para despertar ainda maior polêmica e são, no mínimo, indicadores de que a experiência sobrenatural com dons carismáticos não se restringe, ou se restringiu ao ambiente carismático/pentecostal.

Definimos um istmo que une determinada produção intelectual de importantes nomes do Puritanismo escocês e inglês dos séculos 16 a 18, aos postulados do continuacionismo equilibrado e bíblico dos dias atuais. Nossa análise aponta para um continuacionismo embrionário, com base em experiências e teologias do puritanismo britânico que pugnou como possível algum tipo de revelação especial extrabíblica após o encerramento do cânon da Palavra.

É neste sentido que reviver a história observando suas minúcias será de vital importância, porque os conflitos enfrentados pelos reformadores na luta contra Roma, anabatistas radicais, e toda sorte de entusiastas, desencadearam ataques que objetivavam minar a credibilidade do Protestantismo. E tais ataques recrudesceram num período crucial, *e.g.* como no ministério de John Knox, ex-padre convertido ao Protestantismo que se viu hostilizado em sua honra. Knox foi comparado a um agoureiro e mago profano à semelhança de Merlin, em um período com a verificação recorrente de manifestações proféticas nos ministérios de figuras expressivas do protestantismo europeu.

O cessacionismo fortalece-se com muita ênfase neste cenário como arma a serviço de uma campanha difamatória articulada por católicos romanistas que procuravam descredibilizar a Reforma na Europa junto às massas e aos soberanos daquele tempo. Logo, qualquer ocorrência extraordinária do poder de Deus entre os reformadores, naqueles dias de intensos debates, era rotulada como diabólica ou falsamente simulada. Parte expressiva da verdadeira história do Cessacionismo e seu desenvolvimento será revelada.

Por fim, ainda que este livro se proponha discutir de maneira introdutória a história que abrange questões sobre os dons revelacionais no contexto reformado e puritano, entendemos como de extrema importância debater algumas questões mais ligadas à nossa realidade contemporânea. Para esta discussão reservamos a segunda seção deste livro. A ideia é aplicar ao nosso contexto diversas lições que resultaram das experiências sobrenaturais entre os Puritanos, que nos ajudarão a avançar na discussão sobre a contemporaneidade dos dons revelacionais.

A HISTORIOGRAFIA PROTESTANTE REFORMADA ANALISADA ATRAVÉS DA HISTÓRIA DAS MENTALIDADES

Prima facie, a história das mentalidades é considerada uma análise de tipo mais aprofundada da História, pois busca perscrutar e compreender as importantes alterações nas formas de pensar e agir do homem ao longo dos tempos. Inscreve-se no chamado tempo longo (a longa duração), de teor essencialmente estrutural e que atua nos diversos setores sociais. É a chamada história centrada nas visões de mundo, ou ainda a história do sistema de crenças, de valores e de representações próprio a uma época ou grupo. Tem implicações diretas na política, na economia, na cultura, na filosofia assim como na religião de uma sociedade. Enquadra cada complexo histórico-geográfico e determina-o profundamente. Ou seja, através da história das mentalidades podemos nos aproximar do evento histórico e definir o que pertenceu a determinado tempo ou definir aspectos mais duradouros em suas causas e efeitos.

As repercussões da história das mentalidades são multidirecionais e aplicam-se ao homem-indivíduo como ser pensante, à família, aos grupos, às comunidades e nações; entra igualmente no domínio do público e do privado, revelando para cada época sensibilidades e vivências próprias nos relacionamentos humanos.

Por ser do domínio do tempo longo, a perspectiva temporal é fundamento

essencial para seu estudo. Devido sua abrangência intrínseca, ela permite aumentar os limites do documental, ampliando a visão do escrito de matiz oficial. Os registros não-oficiais são tão ou mais importantes que a formalidade dos decretos e das ordens régias. A arte, a literatura, os costumes, os ritos e a religião são manifestações fundamentais para revelar a consciência autorreflexiva que o homem tem de si mesmo ou de seu grupo social numa determinada época.

Com os dados conclusivos de um estudo desse nível o pesquisador poderá elaborar e oferecer explicações para determinados comportamentos de grupos sociais em suas épocas, dentre os quais figuram os eclesiásticos; em síntese, poderá estudar as razões pelas quais cada grupo age da forma que age e as motivações que antecedem as decisões da atualidade, tanto dos que compõem o grupo herdeiro, tanto dos que compõem grupo diverso. Nesse sentido poderemos conhecer melhor o conjunto de interesses que motivaram e ainda motivam ambos os grupos: Continuístas e Cessacionistas, seja pela manutenção do *status quo*, seja pela ruptura de valores e tradições que remontam a própria história dos grupos.

Assim, analisando um longo período da historiografia protestante, por exemplo, o pesquisador haverá de constatar os rudimentos de um movimento incipiente que já clama por reformas dentro da Igreja Católica Apostólica Romana. A Reforma foi na verdade um processo que eclodiu à partir de diversas insatisfações verificadas já no século 12; ela não teve início com Lutero no século 16. Nichols vai nos informar que

> Logo no início do século 12 surgiram vários movimentos de oposição contra a atitude e o estado da igreja, por parte de homens que conheciam o grande mal nela existente, e que abandonaram o seu culto e sua comunhão [...] outro movimento de protesto foi o dos valdenses. Ao fim do século 12, um negociante de Lião, chamando Pedro Valdo, movido pelo ensino do capítulo 10 do Evangelho de Mateus, começou a repartir seu dinheiro com os pobres, e tornou-se um pregador ambulante do

> Evangelho. Juntou-se a ele um grande número de seguidores. As autoridades eclesiásticas logo os excomungaram. Expulsos e considerados inimigos, começaram a se organizar como igreja à parte.[2]

Nichols nos aponta uma dita inquietação por parte de clérigos que estavam conscientes dos problemas religiosos que os cercava. E assim eles não esperaram ser excomungados para deixar de manter comunhão com uma igreja que julgavam herética.

Nota-se claramente um revide contra o movimento de insurreição. Roma começaria a demonstrar não só seu desconforto, como também lançaria mão de mecanismos castradores com o propósito de sufocar os focos de rebelião que floresciam no seio de suas fileiras.

É neste período que surgem os cataristas como totalmente desvinculados da *práxis* romanista. Na realidade, Nichols relata que aqueles subsistiam como uma igreja rival, possuindo organização própria, ministério, culto, sacramento, além de um sincretismo de elementos do Cristianismo com elementos da religiosidade oriental.[3]

Com efeito, pode-se perceber certa efervescência já quatro séculos antecedentes ao movimento reformador desencadeado por Martinho Lutero. Vários elementos balizadores desse período propiciaram o ambiente ideal à consolidação do futuro movimento que viria pela instrumentalidade direta do monge, tais quais: a corrupção do clero; a degradação da religião; os movimentos de protesto; a queda do papado; o cativeiro babilônico, além do grande Cisma e do Renascimento medieval. Todos foram importantes reações concorrentes em favor dos intentos da Reforma. Quanto a isto Gonzalez nos relata e acrescenta que

> O impacto que Lutero causou se deve em boa parte às circunstâncias que estavam fora do alcance de sua mão e das quais ele mesmo frequentemente não se apercebia. A invenção da imprensa fez com que suas obras fossem difundidas de uma maneira que tinha sido impossível fazê-lo poucas décadas antes. O crescente nacionalismo alemão, de que

> ele mesmo era até certo ponto participante, se prestou a ser um apoio inesperado e muito valioso. Os humanistas, que sonhavam com uma reforma segundo concebia Erasmo, ainda que frequentemente não pudessem aceitar o que lhes parecia ser os exageros e a rudeza do monge alemão, tampouco estavam dispostos a que o esmagassem sem antes ser escutado, como tinha ocorrido no século anterior com João Huss. As circunstâncias políticas no começo da Reforma foram um dos fatores que impediram que Lutero fosse condenado imediatamente e quando por fim as autoridades eclesiásticas e políticas se viram livres para agir, já era demasiado tarde para calar o seu protesto.[4]

Pedro Abelardo, por exemplo, questionou tradições reverenciadas e estimuladas pela Igreja as quais julgava ilógicas e antibíblicas[5]. Em uma de suas obras mais importantes ele demonstrou diversos pontos falhos da teologia romanista que reclamavam solução.

Wyclif e Huss também levantaram bandeiras relevantes contra algumas falhas do sistema católico-romano. Este, em 1403, pregou incisivamente contra a ideia de o papa oferecer remissão de pecados por meio da venda de indulgências. Pregou também contra a legitimidade de dois papas rivais, Gregório XII e Alexandre V. Já aquele se voltou contra o poder papal[6], dizendo que essa instituição não era divina, mas humana. Acusou o erro da doutrina da transubstanciação[7] e anunciou a Bíblia como única regra de fé e prática contrariando a doutrina da infalibilidade papal e da tradição da Igreja[8]. Esses homens são geralmente chamados de pré-reformadores e no caso dos dois últimos, Wyclif, devido sua influência, foi tão somente taxado como herege, enquanto Huss teve o martírio como destino.

Retomando o assunto, é através da história das mentalidades que poderemos teologizar com propriedade e enxergar com maior clareza os atos providenciais de Deus na História protestante, sobretudo no período que compreende as principais transformações percebidas na Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) até a efetiva insurreição de Martinho Lutero. É nesse sentido que podemos começar a tecer alguns comentários adicionais.

Muitos historiadores situam Gregório Magno (590-604), também conhecido por Gregório I, como primeiro teólogo e papa medieval. Quando estudamos os preceitos conferidos por Gregório à Igreja e conectamos ao que Lutero rompeu em termos de tradição, entendemos que o que se dá é na verdade uma ruptura teológica absolutamente estrutural.

Gregório promoveu mudanças significativas na liturgia, sobretudo na área da música, implantando o canto gregoriano; patrocinou ativamente o monasticismo e estimulou crenças e práticas populares relativas à veneração dos santos, penitências, *et al; f*ormulou um híbrido teológico que contemplava o sinergismo de João Cassiano e o monergismo de Agostinho; insistiu na doutrina do purgatório, acrescentando que quem desejasse garantir a eleição divina e escapar do purgatório deveria tornar-se monge em perfeita vida penitencial.

Lutero, por outro lado, contestou todas essas instituições rompendo frontalmente contra tudo aquilo que julgava não passar pelo crivo das Escrituras. Quanto à música, estimulou a participação popular, descrevendo o culto como um diálogo, ao afirmar que Deus fala por intermédio de sua Palavra revelada enquanto o povo lhe responde através da oração e dos cânticos[9]. Nesse sentido, o canto seria a mensagem cantada, a teologia pregada através da música. Quanto ao monasticismo, Lutero confrontou-o firmemente, e isto repercutiu como veremos a seguir.

Tais ideias reformistas ecoaram por todos os lugares contra uma instituição considerada, agora por ele, como meramente humana. Suas palavras cativaram corações e mentes. Exemplo disto foram as nove freiras que residiam no pequeno convento de *Nimptsch*, perto de *Grimma*, na Saxônia. Elas remeteram carta aos pais dizendo que a salvação da alma delas não lhes permitiria ficar no convento mais tempo[10]. Fugiram em 1523, depois da recusa deles em consentir rompimento com a instituição papal. Esta é uma clara indicação de que as ideias de justificação pela fé somente estavam

ganhando força, um contraponto importante em relação às ideias de Gregório e de sua teologia com relação à eleição divina. Assim, o jardim ideológico plantado por Gregório estava sendo pisoteado e destruído pela pregação e pena habilidosas de Lutero. Mas as coisas não se encerraram aí.

Sobre a vida dita monástica D'Aubigné nos relata que no ano seguinte (1524) Lutero tomou posições angariando maior simpatia. *Verbis*:

> Os hábitos da vida monástica, invenção humana, estavam por toda parte cedendo terreno aos hábitos da vida doméstica, indicada por Deus. No domingo, dia 9 de Outubro de 1524, Lutero depois de se levantar como de costume, ao invés de vestir o hábito de monge Agostiniano, pôs uma batina de padre secular. Assim paramentado apareceu na igreja, onde a mudança causou viva satisfação. O Cristianismo renovado saudava com transporte de alegria tudo quanto anunciasse que as velhas coisas eram coisas do passado. Pouco depois disto saía do convento o último frade que restava. Lutero, porém, ali continuou; seus passos solitários ecoavam nas longas galerias. Sentava-se sozinho no refeitório que, havia pouco, ressoava com o vozerio dos monges. Um silêncio eloquente atestava os triunfos da Palavra de Deus! O convento tinha cessado de existir. Pelos fins de Dezembro de 1524, Lutero mandou ao eleitor as chaves do convento. Informava-lhe que veria onde, pela vontade de Deus, conseguiria teto e comida[11].

O fato é que as mudanças foram acontecendo e sendo observadas no decorrer da História. Da Reforma com todas as suas tensões até os dias dos deputados eleitos para o debate em Westminster, vários desdobramentos importantes foram se processando. Todavia, algo que se seguiu após o advento do reformismo protestante causou significativa revolução. Em uma religião sem o controle plenipotenciário do papa e livre das ameaças da inquisição, alguns excessos acharam espaço para vicejar. São esses excessos que devemos nos deter para explicar parcialmente a reação daquilo que hoje é denominado de cessacionismo.

Com o movimento reformador e suas bases libertárias do jugo papal, toda

sorte de fanatismo encontrara ambiente ideal para receber novos adeptos. Lutero, em razão disso, estava sendo duramente atacado pelos romanistas que o acusavam de haver desencadeado uma religião meramente carnal e propiciado o ambiente para que vermes e serpentes rastejassem no solo do Cristianismo[12]. Por isso, os reformadores não só lutariam contra as hostes romanas, lutariam também, por um bom tempo, contra toda tentativa de desvirtuação da Palavra. Ainda assim os acusadores de Lutero fizeram ares de esquecimento quando deixaram de mencionar que o misticismo sempre foi elemento presente nas estruturas do romanismo e não que este surgira com o advento da reforma e suas premissas rigorosamente reformistas.

É neste sentido que a história das mentalidades não só nos auxilia a entender esses controvertidos acontecimentos, como também é importante na interpretação do capítulo I da Confissão de Fé de Westminster. Isto especificamente em razão de tratar sobre o meio providencial mais seguro pelo qual Deus deixou registrada sua vontade geral para os homens, e, só então, concluir ou não pela cessação da revelação pós-canônica, bem como entender por quais razões os deputados em Westminster assentaram genericamente determinados pontos.

Sabe-se também que desde os primórdios da Igreja cristã pós-apostólica, o elemento místico foi protagonista. Vários indivíduos anunciavam receber novas revelações e havia grande confusão sobre como conferir credibilidade a tais reclamos. Uma poderosa onda mística influenciou os fins da Idade Média impulsionada pelo sentimento que muitos tinham de que a Igreja infestada com corrupções não era o melhor caminho para aproximar-se de Deus. Lutero mesmo foi orientado pelo seu superior no monastério a buscar refúgio nos autores místicos a fim de resolver seus conflitos de alma[13]. E no tempo da Reforma Protestante este elemento também se fez perceber. Tanto que alguns clérigos e leigos não só se apresentavam como portadores de uma revelação sobrenatural, bem como alegavam não mais precisar das Escrituras para saber

ou entender a disposição divina. Isto foi constatado pelo próprio Lutero quando

> [...] apareceram três leigos procedentes da vizinha Zwickau, que diziam ser profetas. Segundo eles, Deus lhes falava diretamente, e não tinham necessidade das Escrituras. Melanchthon não sabia o que responder a tais pretensões e pediu conselho ao exilado em Wartburgo.[14]

Antes disso, temos conhecimento da notória figura de Santa Tereza de Ávila, fundadora da Ordem das Carmelitas Descalças. Registra-se, como exemplo, que Tereza foi impactada por causa de um acontecimento em especial. A Inquisição promulgara um decreto proibindo a leitura de vários livros. Grande parte deles havia influenciado o pensamento e a vida da religiosa. Triste com o fato, diz-se ter ela recebido uma visão do próprio Jesus Cristo que lhe disse: "*Não tema, eu te serei como um livro aberto*". Gonzalez registra que a partir de então suas visões se tornaram cada vez mais recorrentes e que

> levada por tais visões decidiu abandonar o convento de Encarnação, e fundar, também nos arredores de Ávila, o convento de São José. Depois de muita oposição, conseguiu que sua missão fosse reconhecida e, a partir daí, dedicou-se a fundar conventos por toda Castela e Andaluzia, o que lhe valeu o nome de 'andarilha feminina' [...] Ao mesmo tempo que se ocupava com estas funções que requeriam grande gênio administrativo e sensibilidade pastoral, Tereza foi uma mística dedicada à contemplação de Jesus, que numa visão contraiu com ela núpcias espirituais. Suas obras místicas, entre as quais se contam Caminho de Perfeição e Moradas do Castelo Interior, têm chegado a gozar de tamanha autoridade que em 1970 Paulo VI a declarou doutora da igreja universal. [15]

Nota-se claramente que influências místicas eram percebidas no contexto da pré-Reforma. Uma atmosfera de busca pelo sobrenatural e de revelações do Espírito era estimulada, ainda que a Igreja já tivesse se posicionado quanto

aos assuntos de natureza canônica.

Neste sentido, Earle Cairns nos oferece importante registro sobre a questão. Ao falar sobre o misticismo, seus principais acontecimentos e personagens, Cairns demonstra-nos a poderosa influência do movimento, bem como as razões pelas quais ele surge num cenário que valorizava mais os aspectos intelectuais que propriamente a experiência vívida com Deus. Diz ele:

> O místico deseja um contato direto com Deus pela intuição imediata ou pela contemplação. Os místicos desse período podem se classificar em dois grandes grupos: os místicos latinos e os místicos teutões. Os místicos latinos, por terem uma visão mais emocional da vida do que os teutões, viram o misticismo como uma experiência emocional de Cristo. Foi esta a ênfase, por exemplo, de Bernardo de Clairvaux no Século XII [...] Catarina de Sena (1347-1380) representou bem o misticismo latino. Ela cria firmemente que Deus lhe falava em visões, visões estas que sempre usou para propósitos dignos. Foi ela quem denunciou intimoratamente os abusos clericais e, em nome de Deus, conseguiu persuadir Gregório IX a voltar de Avignon para Roma em 1377.[16]

A razão natural para o surgimento desse movimento e difusão das ideias místicas, sobretudo no interior dos mosteiros, representou um claro rompimento com o formalismo ritual empreendido pela Igreja em detrimento da pessoalidade do devoto com o seu Deus:

> Refletiu a tendência constante para o aspecto subjetivo do cristianismo que sempre se manifesta quando se acentua demais os atos externos da adoração cristã. Neste sentido, o misticismo pode ser visto como antecipador do toque mais pessoal da religião que seria uma das características fundamentais da Reforma.[17]

É importante notar que o movimento místico ofereceu a pedra de toque ao movimento subsequente, denominado de Reforma Protestante. Isto em razão do claro confronto das ideias reformadas com a tradição meramente ritualista

do catolicismo romano. Toda excrescência ritual fora combatida com a veemência que apelava à ideia de ser esta uma deturpação ou acréscimo à verdade bíblica. Os reformadores estabeleceram o sacerdócio universal, oferecendo algo novo em oposição ao clericalismo.

Nada obstante, convém registrar que, embora as motivações fossem as mais nobres possíveis, nascidas do sentimento de romper com uma Igreja completamente atingida pela devassidão moral, em alguns o misticismo promoveu como consequência o comportamento de ignorar a verdade revelada nas Sagradas Escrituras. A busca exacerbada pela direção interna e subjetiva, em prejuízo do estudo e direção contidos na escritura afetou sobremodo a credibilidade do movimento místico. A Bíblia restara menosprezada por um substituto perigoso:

> Os perigos da substituição da Bíblia pela autoridade interior subjetiva e da minimização da doutrina foram alguns dos desvios desses movimentos. Em seus excessos, como foi o caso de Meister Eckhart, há o perigo de se ser tão passivo que seus adeptos tornam-se introspectivos e antissociais.[18]

Se o misticismo influenciou a Igreja do passado a romper com o formalismo e a buscar um contato mais aproximado com Deus, hoje as motivações não diferem muito. Esta tensão acompanha a igreja desde os primórdios. Os problemas do passado se reproduzem hoje, ora com maior, ora com menor intensidade. Os movimentos de viés carismático são, em grande parte, a busca por uma vida mais próxima de Deus e do seu Espírito como uma reação natural de grupos que se ressentem de frieza espiritual. É o que veremos na seção seguinte.

---

[2] NICHOLS. Robert Hastings. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, pp. 142,143.

[3] *Idem*. p. 142.

[4] GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo, vol. vi, A Era dos Reformadores.* São Paulo:

Vida Nova, 1989, p. 45.

[5] MATOS. Alderi Sousa. *Fundamentos da Teologia Histórica.* São Paulo: Mundo Cristão, 2006, p. 113.

[6] Na obra *O Poder do Papa*, 1379.

[7] *Apostasia*, 1379.

[8] *A Verdade das Sagradas Escrituras*, 1378.

[9] MODOLO. Parcival. *O Nosso Culto*. Apostila, 2008, p.4.

[10] D'AUBIGNÉ. J.H. Merle. *História da Reforma do Décimo-Sexto Século*, vol. iii. São Paulo: CEP 1951, p. 228.

[11] *Ibid*. pp. 229-30.

[12] EDWARDS. Jonathan. *A Verdadeira Obra do Espírito: Sinais de Autenticidade.* São Paulo: Vida Nova, 1992, p. 37.

[13] Cf. GONZALEZ. *op. cit*. p.48.

[14] *Ibid*. p.76. O exilado em questão é Lutero que nesse tempo estava sob a proteção de Frederico, o Sábio, no castelo de W artburgo.

[15] *Ibid*, p.191

[16] CAIRNS. Earle. *O Cristianismo através dos séculos. Uma história da Igreja Cristã.* São Paulo: Vida Nova, 1995, pp. 202-03.

[17] *Ibid.* p. 204

[18] *Idem*.

CONFRONTO ENTRE REFORMADOS E ENTUSIASTAS

Como se demonstrou, o misticismo exerceu poderosa influência no seio do Cristianismo. As bases de uma nova fé estavam lançadas, e uma doutrina estava sendo alicerçada observando-se irrestritamente o conteúdo expresso nas Sagradas Escrituras. Nada, além da própria Escritura, poderia governar a ordem do dia. A Igreja de Cristo deveria ser tão somente governada pelos princípios da Palavra de Deus. Nada, além disso, deveria ser tolerado. A revelação especial seria o *landmark*[19], o Tribunal pelo qual se resolveriam quaisquer questões em termos de doutrina, liturgia, *et al*. A tradição tão reclamada pelos católicos romanos não exerceria função hegemônica neste novo cenário descortinado pelos pioneiros reformistas. No entanto, os reformadores não somente militaram contra erros e tradições romanistas. Após o advento da Reforma, alguma conturbação pode ser verificada e aconteceram não poucas disputas e divisões internas dentro do próprio movimento protestante. O conflito com os anabatistas é um caso típico.

Com efeito, revolucionários anabatistas liderados pelo correeiro[20] Melchor Hoffman, que tinha sido pregador leigo luterano na Dinamarca, foram duramente perseguidos não só por católicos, mas, sobretudo, por protestantes que enxergavam grave heresia em seus ensinos e a quem reputavam toda sorte de descaminhos contrários à Palavra de Deus. Hoffman, por exemplo, pregava que o dia do Senhor estava muito próximo. Era envolvente e motivou

um sem-número de pessoas a não só aderirem aos ideais anabatistas, mas também a migrar para Estrasburgo, local onde, dizia ele, seria o lugar de estabelecimento da Nova Jerusalém. Justo Gonzalez nos informa sobre o tempo em que se desenrolavam tais distúrbios:

> O próprio Hoffman predisse que seria encarcerado por seis meses e que então viria o fim. Além disso, abandonou o pacifismo inicial dos anabatistas, declarando que ao aproximar-se o fim seria necessário que os filhos de Deus pegassem as armas contra os filhos das trevas. Quando foi encarcerado e se cumpriu a primeira parte de sua profecia, foram muitos os que correram para Estrasburgo na espera do sinal do alto para tomar as armas. [21]

O clamor profético foi ganhando proporções descontroladas, até ser divulgado um boato de que a propalada Nova Jerusalém seria instalada não em Estrasburgo, mas em Münster, gerando uma correria generalizada para aquela cidade que, nesse tempo, abrigava um clima de mútua cordialidade entre católicos e protestantes. Agora, no entanto, a paz estava ameaçada. Ali chegando, os anabatistas trataram de fomentar um clima de intolerância e terror. Como eram maioria na cidade, tomaram o poder e expulsaram o bispo, que, humilhado, reuniu um exército e sitiou a cidade, promovendo, depois de abertos os portões, matança em massa dos anabatistas.

Evidente, portanto, que o misticismo no seio reformado despertou o interesse, sobretudo dos estudiosos mais comprometidos. Grosso modo, a grande demanda que exigia uma resposta urgente era sobre como distinguir uma verdadeira manifestação revelacional do Santo Espírito daquela mera impressão interna. Escrevendo sobre a obra do Espírito Santo, Abraham Kuyper disse que a

> Experiência espiritual não provê base para instrução; pois tal experiência baseia-se no que ocorreu na nossa própria alma. Isto certamente tem valor, influência, no assunto. Mas, o que garante a fidelidade e a exatidão na interpretação de tal experiência? E, de novo, como podemos distinguir

> suas várias origens — de nós mesmos, do ambiente externo ou do Espírito Santo? A dupla questão sempre existirá: A nossa experiência é compartilhada por outros, e não pode ser corrompida pelo que em nós é pecaminoso e espiritualmente anormal? [22]

Kuyper nos direciona a uma tensão importante. Saber precisar como estes eventos se desenrolam no plano do metafísico é questão de grande monta, e, segundo ele, insolúvel. E afirma por qual razão faz tamanha exortação. Para Kuyper o tema estava envolto numa série de implicações. A mente instruída pelo Espírito é a mesma mente corrompida pelo pecado. O coração inclinado às coisas do Espírito é o mesmo coração do qual procede toda sorte de maus desígnios e pecados. Enfim, como resolver? E ele aponta ainda outras dificuldades, vejamos:

> Primeiro: A dificuldade de diferenciarmos entre homens e mulheres, cuja experiência consideramos pura e saudável; e aqueles cujo testemunho colocamos de lado como forçados e corrompidos. Lutero falava frequentemente da sua experiência, assim como Caspar Schwenkfeld[23], o perigoso fanático. Mas o que é a nossa garantia para aprovar os pronunciamentos do grande Reformador e alertar contra os pronunciamentos do nobre Silesiano? Pois que, evidentemente, os testemunhos dos dois homens não podem ser igualmente verdadeiros. Lutero condenava como uma mentira o que Schwenkfeld recomendava como realização altamente espiritual.
>
> Segundo: O testemunho de crentes apresenta somente os contornos difusos da obra do Espírito Santo. As suas vozes são fracas como se oriundas de uma região desconhecida; e o seu discurso irregular é inteligível somente quando nós, iniciados pelo Santo Espírito, podemos interpretá-lo a partir da nossa própria experiência. Do contrário escutamos, mas não conseguimos compreender; ouvimos, mas não recebemos informação alguma. Somente aquele que tem ouvidos pode ouvir o que o Espírito tem falado secretamente a estes filhos de Deus.
>
> Terceiro: Entre aqueles heróis Cristãos cujo testemunho recebemos, alguns falam claramente, verdadeiramente, vigorosamente; outros, confusamente, como se estivessem tateando no escuro. E de onde vem a

> diferença? Uma análise mais próxima mostra que os primeiros tomaram emprestado o seu estímulo, a sua ligeireza, da Palavra de Deus, enquanto os outros tentaram acrescentar a ela algo novo, que prometia ser grande, mas que se tratava somente de bolhas, que se dissolveram rapidamente sem deixar nenhum traço.[24]

Em resumo, havia o imperativo problema relacionado a um subjetivismo característico e exacerbado. Uma avaliação apropriada sob o ponto de vista da teologia reformada pode ser testemunhada a partir das observações de Kuyper, quando afirmou que a experiência espiritual não provê base para instrução porque tal experiência baseia-se no que ocorreu na própria alma do indivíduo. Embora tenha reconhecido o valor e a influência destas manifestações, ele apontou as várias dificuldades de aferir a exatidão na interpretação de experiências subjetivas, bem como na tarefa de distinguir suas origens.

Para Kuyper, essa era uma tensão impossível de ser solucionada. Basicamente esta era uma referência comparativa que avaliava situações práticas, tais como os apelos de Lutero em confrontação com as frequentes experiências anunciadas por Caspar Schwenkfeld, reconhecido como um fanático perigoso. Kuyper enxergou que sendo diametralmente distintos tais pronunciamentos, ambos não poderiam ser validados como verdadeiros. Por outro lado, sustentou que a obra do Espírito Santo era apresentada por intermédio de contornos difusos quando evidenciados por meio do testemunho dos crentes. E este discurso somente era inteligível quando os iniciados pelo Espírito interpretavam suas experiências a partir das próprias experiências. Portanto, relacionando-se com ocorrências particulares nem sempre sujeitas a qualquer crivo objetivo.

Na primeira tentativa de apresentar o problema, Kuyper lança mão de proposições oriundas da filosofia grega. O princípio de não-contradição[25] é decisivo para o início do diálogo em busca da verdade. Contudo, o subjetivo e, consequentemente, a falta de elementos objetivos que atestem obras do tipo

são poderosos adversários. Os reformados teriam um grande problema para resolver: oferecer respostas para o velho dilema objetivamente subjetivo. É o que se tem buscado por muitos desde a famosa Assembleia de Westminster. Corajosamente, vários deputados ali reunidos encetariam uma jornada de debates também sobre pontos relacionados à natureza da revelação especial e como esta revelação se processa após o fechamento do Cânon.

[19] A palavra inglesa “*landmark*”, se traduzida ao pé da letra, significa “marco de terra”. A palavra é referente àqueles marcos existentes em entradas de cidades, trevos, praças etc. Os marcos costumam ser feitos de pedra, concreto ou outro material sólido, e são usados para indicar limites territoriais, fronteiras, registrar um acontecimento, ou mesmo servir de referência. São objetos proeminentes e feitos para não serem deslocados, ou seja, imutáveis.

[20] Pessoa que fabrica correias e outros produtos de couro.

[21] GONZALEZ. *op. cit.* p. 102.

[22] KUYPER. Abraham. *The Work of Holy Spirit.* Grand Rapids: Eerdmans, 1946, p. 27.

[23] Em 1540, Caspar Von Ossig Schwenkfeld (1489-1561) publica a sua Grande Confissão e é menos condenado pelos luteranos em uma convenção de teólogos liderada por Melanchthon. Perseguidos em várias partes da Europa, seus seguidores foram para a Pensilvânia no século XVIII.

[24] Cf. KUYPER. *op. cit*.. pp. 27-8.

[25] A dita lei foi formulada por Aristóteles quando se detinha em estudar sobre a lógica. Ela diz basicamente que uma proposição verdadeira não pode ser ao mesmo tempo falsa e vice-versa.

A ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER: CONTEXTO GERAL

Indubitavelmente, a Assembleia de Westminster foi uma das mais importantes reuniões do protestantismo histórico. Tendo sido convocada pelo Parlamento inglês, teve lugar entre os anos de 1643 e 1649 com fins de deliberar a respeito do estabelecimento do governo, da liturgia e para defender a pureza doutrinária da Igreja Anglicana. É considerada a mais notável assembleia protestante de todos os tempos, tanto pela distinção dos homens que a constituíram, como pela obra que realizou e ainda pelas corporações eclesiásticas que receberam dela os padrões de fé.

Ao todo, cento e vinte deputados, além de trinta membros do Parlamento, fizeram parte do célebre ajuntamento que conferiu uma identidade convergente ao protestantismo europeu. Eram as mentes mais brilhantes da época. Além de ingleses, fizeram-se presentes quatro deputados representantes da Igreja escocesa, que havia declarado guerra contra o ato impositivo de Carlos I naquele país. Dos escoceses presentes, dois deles são anotados aqui neste trabalho: Samuel Rutherford e George Gillespie. Ambos foram os dois mais proeminentes delegados desta Assembleia.

O Dr. Garnet Milne (2004, p.2) elaborou um brilhante trabalho de levantamento histórico-contextual em que precisamente estabeleceu os principais pilares daquela reunião. Este trabalho tornou-se livro e recebeu excelente crítica dos mais respeitados nomes da Academia Reformada, com prefácio do Dr. Joel Beeke.

Segundo seu parecer, o clima era de grande instabilidade sócio-política e religiosa, sobressaindo-se, em dado momento, o desejo, generalizado na Inglaterra, Escócia e Irlanda do século 17, de se alcançar uma ampla unidade civil e religiosa. Era um clamor que contava com o expresso incentivo do Parlamento. Sua duração e extremo cuidado com a redação dos documentos revelam um clima politicamente delicado.

O tema revelação sobrenatural extrabíblica teve significativa importância no debate. Em sua análise, o Dr. Garnet também lança luz no assunto e aponta a razão de uma posição epistemológica em particular haver se tornado tema central daquela Assembleia.

Para o entendimento da polêmica envolvendo a disputa entre cessacionistas e continuístas deve-se interpretar acertadamente o enunciado expresso no capítulo primeiro da Confissão de Fé de Westminster, embora, em razão do próprio espírito que unia aqueles homens e a missão que lhes fora confiada, sobretudo de unificar o protestantismo europeu na redação de um documento que representasse de maneira adequada as igrejas reformadas, nos seja recomendado entender que o principal motivador era a busca pela paz em meio a tantas crises sociais, políticas e religiosas. Portanto, as diferentes opiniões deveriam ser abrigadas sob o mesmo guarda-chuva e um tom conciliatório deveria pautar as sessões daquele Concílio, incluindo, por consequência, a redação final daquela que conhecemos hoje como a Confissão de Fé de Westminster. Greg Barrow expõe melhor a questão quando diz:

> Temos de reconhecer que alguma diversidade de opinião e de ênfase pode existir dentro de parâmetros-ortodoxos especialmente onde nossa percepção limitada do trabalho secreto do Espírito de Deus está envolvido. Não será fácil cair na armadilha de se exigir que o julgamento humano coincida em cada detalhe, desde que mantenhamos que o Espírito de Deus que fala em sua Santa Palavra é o juiz final da controvérsia. Como os teólogos de Westminster sabiamente

> demonstraram, por vezes, é o suficiente para chegar a acordo sobre os parâmetros mais gerais, permitindo uma diversidade de ênfase sobre os meios específicos usados por Deus para realizar seu propósito glorioso.[26]

Barrow também expõe como a Igreja Puritana de Edmonton interpretou o raciocínio dos teólogos de Westminster, concluindo que a motivação daqueles delegados era a busca pela paz e o assentamento de uma proposição que garantisse a união, permitindo uma sábia e aceitável diversidade de opinião. Além do mais, também no entendimento dele, lutava-se contra a excessiva mística do Antinomianismo por um lado, e por outro, contra uma antibíblica limitação da liberdade do Espírito Santo.[27] Mas, estariam os senhores deputados de Westminster encerrando questão quanto à cessação da revelação pós-cânon? Particularmente, entendemos que não.

O fato de afirmarem a singularidade da Escritura como registro especial de Deus não encerrava o assunto no sentido de estabelecer um marco final em termos de Deus se revelar, mesmo com o cânon devidamente encerrado. A singularidade da revelação, portanto, não significa modo exclusivo de manifestação; apenas que a Escritura é singular, visto que é repositório mais completo das doutrinas sobre Deus e salvação humana.

Evidente que uma explicação mais detalhada sobre este tópico será exposta adiante. Mas é um ponto jungido de maneira muito consistente a uma espinha dorsal da teologia cessacionista que se relaciona com o tema Suficiência das Escrituras. Ou seja, para muitos estudiosos reformados, a ideia de admitir novas revelações do Espírito abala a doutrina da suficiência da Bíblia como única regra de fé e prática, ou, *Sola Scripturae*. Mas será isto mesmo verdade? Pensamos resolutamente que não. E iremos explicar as razões.

---

[26] BARROW, Greg. *A Reformation Discussion of Extraordinary Predictive Prophecy*. Edmonton: 1998, p. 9.

[27] *Idem*.

BREVE ANÁLISE DA CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER

Como pudemos observar, a demanda em questão precisava ser resolvida. Resolvê-la não seria caso de pouca monta tendo em vista o apelo subjetivista que a envolve propriamente.

Pensamos, neste sentido, que os deputados de Westminster preferiram se alicerçar na Escritura Sagrada, tendo em vista que havia consenso sobre serem elas a inspirada Palavra de Deus, o norte mais seguro para revelar o conhecimento de Deus e de sua vontade em relação à salvação. E é isto o que nos parece evidente no enunciado do capítulo primeiro da CFW:

> CAPÍTULO I
>
> DA ESCRITURA SAGRADA
>
> I. Ainda que a luz da natureza e as obras da criação e da providência de tal modo manifestem a bondade, a sabedoria e o poder de Deus, que os homens ficam inescusáveis, contudo não são suficientes para dar aquele conhecimento de Deus e da sua vontade necessário para a salvação; por isso foi o Senhor servido, em diversos tempos e diferentes modos, revelar-se e declarar à sua Igreja aquela sua vontade; e depois, para melhor preservação e propagação da verdade, para o mais seguro estabelecimento e conforto da Igreja contra a corrupção da carne e malícia de Satanás e do mundo, foi igualmente servido fazê-la escrever toda. Isto torna indispensável a Escritura Sagrada, tendo cessado aqueles antigos modos de revelar Deus a sua vontade ao seu povo.

No primeiro plano, vemos a preocupação dos delegados em afirmar uma

espécie de contraponto à estrutura de revelação geral. É certo que a escrita bíblica visa preencher duas lacunas importantes e a primeira delas é oferecer algo de revelação especial para melhor transmitir o conhecimento detalhado de Deus e de sua vontade necessário à salvação, ou seja, que a Bíblia se opõe a qualquer teologia que não se alicerce na garantia de que a salvação do homem se dá unicamente no altar da Justiça de Cristo. Os teólogos de Westminster estavam se opondo claramente à tradição romanista das indulgências, por exemplo. Neste sentido, ninguém poderia se apresentar como portador de nova revelação divina referente à salvação humana, tendo em vista o assentamento definitivo de doutrina bíblica a respeito. Por mais que a Igreja romana alegasse autoridade, supremacia infalível ostentaria as Escrituras que contém toda revelação definitiva no tocante à salvação humana, sustentavam os delegados de Westminster. Doutrinas que emanavam das tradições humanas, tais quais o comércio de indulgências, deveriam ser rejeitadas, ainda que fossem anunciadas como sendo revelações diretamente recebidas de Deus. Não podemos nos esquecer de que este capítulo da Confissão também confronta claramente a tradição romanista de ser a palavra final em termos de doutrina do conhecimento de Deus e da salvação do homem, bem como da ênfase exagerada de grupos como os Quakers sobre a revelação especial extrabíblica. A nosso ver, não trata de cessação dos dons de revelação como a erudição cessacionalista tem sugerido.

Para os delegados de Westminster, Deus necessariamente tem de falar para que a Escritura seja registrada. Sem expressão verbal, não pode haver registro escrito. Podemos inferir que este período de escrituração bíblica foi um tempo em que Deus falou vigorosa e ordinariamente. Até o fechamento da Escritura, é natural conjecturar que Deus tenha falado mais e mais diretamente em razão de um propósito específico.

Entretanto, mesmo em vista deste processo de revelação escriturístico, é

fato, e ninguém poderá negar, que houve períodos de silêncio. Alguns consideravelmente longos em seus interregnos, como o chamado período interbíblico, em que Deus silenciou por quatrocentos anos. Seria sensato afirmar nessa época que Deus cessara definitivamente seus antigos modos de revelação? Afinal, foram quatro séculos de silêncio.

Num sentido último, a escrituração bíblica tinha o objetivo de preservar a Igreja do erro, *quanto ao conhecimento de Deus e à salvação do homem*. Segundo os delegados de Westminster, a Bíblia é o melhor e o mais seguro meio providencial de estabelecer e confortar a Igreja, tendo em vista que a corrupção da carne e a malícia mundana de Satanás militam contra a própria verdade. A escrituração bíblica estabeleceria a verdade e imporia limites aos anseios da carne inclinada pelo pecado. A CFW, portanto, já havia resolvido a dificuldade apontada por Kuyper.

Embora a Escritura seja o meio mais seguro de ouvir a voz de Deus, visto preservar a Igreja de erro e da corrupção naturais do coração humano, devemos ter em mente que sem uma correta exegesse e, sem a assistência imediata do Espírito, os erros igualmente se estabelecem.

Os teólogos de Westminster deixam claro que a revelação nas Escrituras não é o único modo de Deus revelar-se ao homem, ainda que seja o mais seguro. Ressalte-se que meio mais seguro não significa "único" meio. Circunscrever a atividade providencial de Deus à Escritura revela-se reducionista em todos os sentidos.

Em segundo lugar, ao sentenciarem que "*isto torna indispensável a Escritura Sagrada, tendo cessado aqueles antigos modos de revelar Deus a sua vontade ao seu povo*", sobretudo no tocante a haver cessado os antigos modos de Deus revelar a sua vontade, não significa necessariamente que aqueles deputados tinham em mente que Deus só se revelaria através das Escrituras, muito menos que encerrara total e completamente suas revelações. Eles se limitam a afirmar apenas que não resta mais doutrinas universais a

serem assentadas, sobretudo no tocante ao ensino quanto à salvação do ser humano, ou seja, afirmam a impossibilidade de a Escritura continuar a ser escrita. Os teólogos em Westminster estabelecem os termos entre o que era essencialmente ordinário no Antigo e Novo Testamentos, daquilo que se impõe como extraordinário após o encerramento do cânon da Palavra. A Bíblia então assume seu papel de protagonismo como única regra de fé e prática, tal qual balizador objetivo nas discussões concernentes à vontade de Deus. Agora, a igreja tem nas mãos o registro da vontade divina revelada sobre assuntos concernentes à salvação, sobretudo porque, a despeito de a Natureza anunciar a glória, poder, bondade e graça de Deus, a revelação geral é insuficiente na apresentação dos desígnios dele no que se refere ao conteúdo doutrinário do plano de salvação.

SOLA SCRIPTURÆ x NOVAS REVELAÇÕES DO ESPÍRITO

Recorrentemente tem se tentado defender o cessacionismo amparando-se no lema *Sola Scripturæ* como forma de convalidar convicções e tem-se feito grande confusão a respeito. Além do mais, a maioria dos reformados cessacionistas têm como regra esconder-se atrás deste lema quando lhes é conveniente ignorar dificuldades que se relacionam com os temas profecia e cura. Muitos até procuram pontuar detalhes semânticos que não solucionam as dificuldades.

No entanto, uma breve lida nos escritos dos reformadores oferecerá uma ideia mais apropriada quanto ao que eles tinham em mente acerca do uso desta expressão.

É sabido que um dos pontos combatidos pelos reformadores quando nos confrontos com romanistas era a ênfase que estes davam à tradição e como concediam o mesmo *status* desta em relação às Escrituras Sagradas. Quanto a isto os reformadores insurgiram-se dizendo que as tradições poderiam ter seu lugar, mas estariam paralelamente subordinadas à autoridade bíblica. O que percebemos dentro de nossa discussão sobre os dons é que a interpretação dos capítulos da CFW que falam sobre as Sagradas Escrituras e a revelação extraordinária, via de regra, tem sido influenciada pelo rigorismo cessacionista.

Tomamos como conclusão acertada que os deputados de Westminster não intencionaram fechar a possibilidade de ocorrência de novas revelações,

ainda que elas não tivessem um *status* canônico, como veremos na extensão deste livro.

O que está em foco, na verdade, é a compreensão, em parte mal-entendida, quanto a singularidade da Bíblia como coluna central da teologia cessacionista. Assim sendo, este viés não abre espaço para os elementos contidos na teologia continuísta e é preciso compreender as razões.

Toda essa disputa se dá, sobretudo, na acusação que recai sobre os ombros dos continuístas de não serem Reformados justamente por sustentarem a possibilidade de novas revelações do Espírito na igreja pós-apostólica. Neste sentido, a compreensão equivocada da suficiência das Escrituras torna-se um dogma poderoso, a Arca da Aliança teológica sob a qual ninguém deve sequer pensar em tocar sem o risco de ser sumariamente fulminado.

Todavia, alguns teólogos reformados foram além destes severos limites que a teologia cessacionista impõe. Com efeito, Richard Baxter[28] (1615-1691) entendia que Deus pode, se ele escolher assim fazê-lo, revelar eventos ou questões de fato do cotidiano. Por "eventos" podemos presumir que Baxter tenha em mente acontecimentos futuros, como as profecias de John Hus[29], de Wishart, de Knox, *et al*, por exemplo? Pensamos que sim.

Quanto às "questões de fato", um exemplo pode ser Deus revelar a um missionário que há certo homem em determinada aldeia que deseja ouvir sobre o evangelho. Ele não pode revelar, por meio de uma impressão interna ou até mesmo de maneira direta, esta direção ao coração do missionário? É certo que tal missionário poderia naturalmente descobrir isso pelo relatório da Missão e ninguém diria que este apontamento estaria violando a suficiência das Escrituras. Baxter afirma que tal contexto não violaria o princípio se o relatório fosse entregue através da medição evangélica ou divina em vez da instrumentalidade humana. E pertinentemente nos indagam em

> Como isto seria prejudicar a suficiência das Escrituras, se um ou mais desses fatos vitais forem dados a conhecer a mim por um anjo ou pelo

> Espírito Santo, e não por (digamos) um jornal, uma testemunha ocular, ou observação pessoal?[30]

É bem verdade, segundo Baxter, que a maioria das questões de fato não é revelada nas Escrituras, e podem ser aprendidas em outros lugares. A Escritura nunca foi destinada a ser o nosso único guia sobre questões de fato, tanto quanto é certo que aprendemos muitas dessas questões em fontes extrabíblicas (como livros ou catecismos em geral), tendo relação séria sobre como podemos obedecer à vontade de Deus em diversas situações da nossa vida. Para Baxter, é possível que Deus faça novas revelações a pessoas em particular sobre seus próprios deveres, atividades ou questões, em subordinação à Escritura, seja através de inspiração, visão, aparição ou voz, porque ele nunca nos disse que se recusaria a fazer tais coisas. Ele pode dizer às pessoas o que pode lhes sobrevir, ou dizer "vá pra tal lugar", ou "se estabeleça em tal lugar", ou "faça tal coisa", que não seja contrário à Escritura, nem igual a isso, mas somente em relação a um problema indeterminado ou autorização para uma ação.[31]

Após compreendermos este raciocínio, qual a dificuldade para a teologia cessacionista assumir honestamente que novas revelações do Espírito, nestes moldes, não afetam a suficiência das Escrituras? Se Baxter assume tal conclusão sem nenhuma reserva de consciência, por que teólogos Cessacionistas não consideram o mesmo?

Na mesma esteira de Baxter, segue Lloyd-Jones ao afirmar que

> Não existe dúvida de que o povo de Deus pode buscar e esperar por "direção", "orientação", indicações sobre o que eles têm que fazer. Homens foram instruídos pelo Espírito Santo acerca do que deviam fazer; eles sabiam que era o Espírito Santo que estava lhes falando, e eles souberam com certeza qual era a sua direção. Parece claro para mim, que, se negarmos tal possibilidade, novamente nos tornaremos culpados por estarmos apagando o Espírito.[32]

Contudo, muitos preferem rotular os Continuístas de pretensiosos ignorantes e acusá-los de negar a suficiência das Escrituras como se tal rótulo fosse a expressão da verdade.

É preciso entender que continuístas como o autor deste livro defendem que o profetismo da Igreja pós-apostólica não se pauta em assentar novas revelações doutrinárias. Este viés da profecia já foi cumprido e encerrado. As profecias deste novo cenário pós-apostólico alcançam outra esfera da existência humana, sobre a qual a Escritura, em sua abrangência, não se propõe tratar detalhadamente.

---

[28] BAXTER. Richard. *Practical Works of Richard Baxter*, with a preface, Giving some account of the author, and of this edition of his practical works an essay on his genius, works, and times; and a portrait, in four volumes, vol. one, printed by Robert White for Nevill Simmons, 1673, this facsimile reprint by George Virtue, London, 1838, chapter xi, question 160, p.722.

[29] Quando Hus estava sendo executado à morte na fogueira registra-se que tenha dito: *"Hoje vocês estão queimando um ganso, mas dentro de um século encontrar-se-ão com um cisne, e este cisne vocês não poderão queimar"*. O nome Hus significava ganso no idioma boêmio. O cisne a quem Hus se referia era Lutero, que surgiu 102 anos depois com as 95 teses.

[30]3 NEEDHAM. Nick *in Richard Baxter on present day revelations of God's will.*

[31] Cf. BAXTER, 1673, *op. cit*., question 160, §4, p. 722.

[32] *The Sovereign Spirit: Discerning His Gift*s. London: Harold Shaw Pub, 1986, pp. 89-90.

O PROFETISMO NO CONTEXTO REFORMADO: VISÃO SOBRE PROFECIA NA IGREJA PÓS-APOSTÓLICA

Falar de um assunto tão controvertido entre reformados exige certa intimidade com o pensamento teológico desse grupo. Nosso plano inicial era esquadrinhar toda a extensão da teologia reformada, contudo nos deparamos com a dificuldade de cotejar as teologias defendidas por cada estudioso, tendo em vista que o pensamento reformado calvinista é bastante plural.

Se não pudermos fazê-lo exaustivamente, que o façamos de modo a contemplar, pelo menos, os seus principais luminares, já que o time reformado sempre foi agraciado com mentes bastante capazes. Além do mais, de início percebemos a subsistência de um sem-número de pequenas variações filosóficas que sobrecarregariam desnecessariamente o trabalho.

Neste sentido, a medida mais prática e objetiva foi eleger uma lista de notáveis que representa, senão todas, a ampla maioria das posições. Ou seja, nomes que gozam do respeito de todos os campos ideológicos dentro do universo Reformado: *João Calvino, George Gillespie, Samuel Rutherford e Jonathan Edwards* compõem esta lista singular.

Teremos uma visão apropriada da perspectiva reformada deste assunto, se nos debruçarmos detidamente acerca do pensamento deste grupo, visto que representam a fina flor da erudição calvinista. Pensamos que todos haverão de concordar com esta conclusão. Não conseguiremos exaurir o assunto em

comento, mas nossa proposta é reabrir uma discussão com o apontamento objetivo de conclusões reformadas quanto à matéria que muitas vezes são desconhecidas da maioria dos teólogos e estudantes de teologia. Ou, se conhecidas, acreditamos que solenemente ignoradas ou omitidas, sobretudo por aqueles que ocupam as cátedras de seminários teológicos, universidades e centros de pesquisa confessionais de nosso país.

Como alguns dos nomes que iremos tratar podem ser desconhecidos dos leitores, serão devidamente apresentados. Um breve resumo da vida e obra de cada um será disponibilizado para suprir qualquer lacuna e desmistificar a ideia de que admitir a ocorrência de profecia preditiva no contexto da Igreja pós-apostólica é invencionice de teólogos pentecostais e carismáticos sem instrução acadêmica apropriada. Em absoluto. Vejamos o que os maiores expoentes do calvinismo entenderam e escreveram a respeito.

JOÃO CALVINO (1509-1564)

De todos os mencionados na lista, ele é, sem sombra de dúvida, o mais conhecido e reverenciado. Arquitetou e erigiu ao longo de seu ministério teses que sustentam até hoje as bases do que para muitos é tido como o mais consistente sistema de interpretação das Escrituras. Kuyper chegou a asseverar que o Calvinismo deveria ser assimilado como filosofia de vida e não apenas como sistematização teológica para um grupo isolado[33].

João Calvino nasceu em 10 de julho de 1509, na cidade de Noyon, na França, região da Picardia, cem quilômetros a nordeste de Paris. Os primeiros anos de estudo se deram junto à nobreza no Colégio dos Capetos[34]. Em 1523, com 14 anos, lançou-se a estudar teologia e humanidades[35] no Collège de La Marche[36], onde tivera preciosas lições de latim e francês com Mathurin Cordier, ilustre professor da época[37]. No ano seguinte, seguiu para o Collège de Montaigu, educandário de tradição essencialmente escolástica, rigoroso, mas menos requintado, por onde passaram Ignácio de Loyola e Erasmo de Roterdã.

Por influência de seu pai[38], anos depois cursou Direito em Órleans e Bourges (1528-1531), tendo também aulas de grego com o luterano Melchior Wolmar[39]. Percebe-se, portanto, que Calvino desde os primórdios teve contato com a mais refinada educação nas diversas áreas do conhecimento humano. Tornou-se um erudito por excelência, empunhando habilidosamente

a pena na defesa dos ideais reformados.

Em 1536, lançou-se no maior empreendimento de sua vida: *As Institutas da Religião Cristã.* Este audacioso projeto o distinguiu singularmente como o mais importante representante do pensamento reformado de todos os tempos. O primeiro volume das Institutas saiu do prelo e foi publicado neste mesmo ano na cidade suíça de Basileia com modestos seis capítulos. Por pouco mais de duas décadas Calvino se dedicou à conclusão da obra, fato que ocorreu em 1559, encerrando oitenta capítulos. Dela pode se extrair em essência o pensamento estrutural do autor acerca dos temas da Escritura, a sistematização bíblica arrumada e cotejada quase exaustiva e meticulosamente. As Institutas, portanto, expõem de capa a capa o trabalho de Calvino no estudo criterioso das Escrituras Sagradas, e é este material que nos interessa à análise, primordialmente. Não obstante sabermos que além das Institutas ele deixou como legado vários sermões, tratados apologéticos e doutrinários e uma série de comentários bíblicos contemplando uma porção considerável de vários livros da Bíblia, nosso foco se fixará prioritariamente nas Institutas.

A influência de Calvino como pregador foi marcante e seus sermões até hoje compõem a coleção das grandes bibliotecas mundo afora. Foi um mestre sistematizador das doutrinas bíblicas, mas igualmente um devotado pregador dessas opiniões. Ele julgava que seu labor estava totalmente respaldado no estudo meticuloso e sério da Bíblia. Assim sendo, cria que sua teologia poderia ser ensinada como produto de uma consistente interpretação bíblica:

> A respeito da minha doutrina, ensinei fielmente e Deus me deu a graça de escrever. Fiz isso do modo mais fiel possível e nunca corrompi uma só passagem das Escrituras, nem conscientemente as distorci. Quando fui tentado a requintes, resisti à tentação e sempre estudei a simplicidade. Nunca escrevi nada com ódio de alguém, mas sempre coloquei fielmente diante de mim o que julguei ser a glória de Deus.[40]

Seu profundo temor para com as verdades divinas é aqui relatado. Calvino revela com estas palavras que o resultado de seus estudos é oriundo não só de um homem apaixonado pela verdade, mas afirma que esta não se associa ao engano e às falsas pretensões. Por fim, ele nos diz que sua mente era norteada pelo propósito sublime e nobre de atribuir toda a glória a Deus. Isto, necessariamente, aponta para o apreço de Calvino não só pela Palavra revelada, mas igualmente pelo Deus da revelação.

O reformador genebrino goza do respeito dos teólogos mais proeminentes, incluindo-se neste rol os controvertidos representantes do liberalismo e da neo-ortodoxia protestante. Karl Barth, escrevendo sobre suas impressões pessoais acerca de Calvino, certa vez disse:

> Calvino é uma catarata, uma floresta primitiva, um poder demoníaco, algo vindo diretamente do Himalaia, absolutamente chinês, estranho, mitológico; perco completamente o meio, as ventosas, mesmo para assimilar esse fenômeno, sem falar para apresentá-lo satisfatoriamente. O que recebo é apenas um pequeno e tênue jorro e o que posso dar em retorno, então, é apenas uma porção ainda menor desse pequeno jorro. Eu poderia feliz e proveitosamente assentar-me e passar o resto de minha vida somente com Calvino.[41]

Barth expressa não só admiração como sua profunda inquietação diante do que, segundo ele, trata-se de tamanha perspicácia e clareza intelectuais, mas também, como se percebe, reverência ao reformador de Genebra, ainda que seus escritos em muito contradigam o líder reformador. Barth demonstra não haver entendido ou assimilado esta como doutrina verdadeira e até mesmo distorcido muita coisa do que Calvino disse[42].

Calvino pronunciou-se quase exaustivamente sobre os diversos assuntos e temas prescritos na Escritura. Abordou questões relevantes difíceis e enfrentou tensões teológicas resolvendo-as de todo, quando não, oferecendo um norte a ser trilhado, fazendo tácita declaração de que o lema *ecclesia reformata, semper reformanda*[43] não era moto ornamental do movimento

protestante, sem qualquer significado prático, mas pressuposto básico do sistema filosófico-teológico reformado. Por estas posições particularmente relacionadas, Calvino credencia-se com autoridade para opinar sobre qualquer assunto que verse acerca da revelação especial.

Vários de seus postulados são subscritos unanimemente, conquanto algumas controvérsias sejam notadas, e certa rotulação dele como um teólogo de conceitos inclinados à ambiguidade em virtude de alguns posicionamentos seus supostamente sugerirem conclusões estranhas à teologia reformada. Algumas dessas manifestações serão aqui elencadas a fim de trazer luz à questão dos dons revelacionais.

Mas um posicionamento particular do reformador genebrino tem sido motivo para acirrada controvérsia e disputa. Com efeito, a menção que faz sobre os ofícios apostólico, profético e evangelístico, vinculando-os à Igreja neotestamentária, e uma necessária correlação com a Igreja de todos os tempos é uma dessas questões.

Ele também se pronunciou contra o erro daqueles aos quais ele chamava de entusiastas, que relativizavam as Escrituras e a autoridade da Igreja ao apelarem para *supostas* revelações diretas e especiais de Deus. Não obstante, Calvino os combatia porque, em geral, os ensinos dos entusiastas referentes às reivindicadas manifestações de revelação eram contrários às Sagradas Escrituras. O conteúdo dos ensinos contrariava a Bíblia e, portanto, colocavam em contradição as revelações canônicas. É preciso entender também que, quando Calvino se refere a entusiastas e fanáticos, ele se refere principalmente aos papistas e anabatistas de seu tempo.

Neste caso, para Calvino, seria um erro conceber que Deus entrasse em demanda contraditória contra si próprio. Em ligeira síntese, Calvino combate a pretensa autoridade do entusiasta de seu tempo, sobretudo porque seus ensinos contrariavam a Bíblia e isto era inconcebível para o reformador.

Com essas premissas em mente convém agora analisar os postulados de

Calvino e desenvolver uma linha de raciocínio em cima dos tais postulados principais que contemplam nosso assunto.

CALVINO E O OFÍCIO PROFÉTICO

Inicialmente, deve-se esclarecer que Calvino nunca afirmou ter visto de maneira direta profetas na Igreja pós-apostólica. Por outro lado, ele não admitiu clara e conclusivamente a cessação definitiva dos dons extraordinários. Sobre o ofício profético ele assim se pronunciou:

> Ele chama *profetas* não a quaisquer intérpretes da vontade divina, mas àqueles que exceliam em singular revelação, como agora nenhum subsiste, *ou são menos evidentes.*[44]

Aparentemente, este entendimento poderia chocar-se com outra asseveração de Calvino, quando comenta o texto da primeira epístola aos Tessalonicenses, capítulo cinco, verso vinte, em que afirmou que o termo profecia ali expresso era a *interpretação da Escritura e sua aplicação à necessidade presente*. É bem verdade que, se extrairmos estas palavras do contexto necessário, iremos realmente concluir por uma espécie de ambiguidade interpretativa. Explico:

Neste caso em específico, sua referência é à verdade de que a palavra profecia [προφητειας] usada no texto trata-se de uma alusão ao conjunto de verdades já registrado anteriormente, e não se relaciona a um vaticínio de ocasião. A palavra grega tem diversas ocorrências em todo o Novo Testamento especificamente com esta conotação (1Tm 1.18; 4.14; Ap 1.3; 11.6; 19.10; 22.7,10,18,19). Algo já registrado, portanto, passível de interpretação, não de acréscimo. Neste sentido, para Calvino, um profeta *também* seria aquele que interpreta e aplica o texto sagrado. No entanto, assevera, na citação registrada que fala não daqueles que são meros intérpretes da Escritura, mas dos que manifestam singular revelação. Para

Calvino, portanto, não podem ser simples pregadores da Palavra, denotando um elemento que cristaliza maior revelação.

Está claro, portanto, que propõe estabelecer um termo bem definido nessa controvérsia, e afirma tacitamente não haver nenhum impedimento para pensarmos que Deus se manifeste por novas revelações extrabíblicas em virtude do encerramento do cânon.

Num sentido mais amplo, Calvino claramente se opõe à ideia dos que julgam que a pregação da Palavra é rigorosamente a completude do exercício profético, como defendem alguns estudiosos. Ou seja, traduzindo aos miúdos do linguajar comum, ele se opõe à ideia de que esta seja a única forma de manifestação da revelação de Deus à Igreja pós-apostólica.

Para Calvino, a ideia de profeta em algum sentido específico transcende a noção de simples pregador da Palavra, muito embora sugira que nenhum profeta subsistia em seu tempo, ressalvando, porém, que poderiam existir, a despeito de seu desconhecimento, por serem eles *"menos evidentes"*. É caso de perguntar: Será que todos conheciam o apóstolo Paulo? Todos aceitaram seu apostolado? Não, evidente que não. E havia motivos para tal, embora Paulo seja um legítimo apóstolo de Cristo.

Por outro lado, a falta de evidências não foi óbice para Calvino desconsiderar a realidade possível de que profetas semelhantes aos do Novo Testamento estivessem em atividade nos seus dias, ou, em última instância, pudessem ser levantados por Deus em tempos futuros para cumprir qualquer propósito soberano. Conhecido este fato, nenhum dos registros lançados mais adiante, ou seja, nos apontamentos de ocorrência de profecias entre os puritanos escoceses do século 17 deveria ser desacreditado pelos Reformados.

Antes, devemos cumprir um rito explanatório sobre esta última afirmação de Calvino. Ele abre importante precedente ao afirmar que não devemos nos espantar se Deus, por sua soberana vontade, servir-se de instrumentos

mediatos a fim de proclamar sua disposição, não necessariamente já registrada em sua Palavra. E é quanto a isto que Calvino se pronuncia, visto que apela ao conceito de uma profecia necessária por causa da continuidade orgânico-eclesiológica da Igreja. Ou seja, ele assevera de maneira clara que, com a morte dos apóstolos, não houve descontinuidade da Igreja. Quanto a isto, todos nós, quer cessacionistas, quer continuístas, iremos concordar. Assim como ela não nasce no Novo Testamento, não carece de certos elementos neotestamentários[45] para sobreviver após este período.

Calvino anota devidamente que tais funções ditas extraordinárias (apostólica, profética e evangelística),

> [...] não foram por isso instituídas na igreja para que fossem perpétuas, mas apenas para esse tempo em que deveriam ser implantadas igrejas onde nenhuma havia antes existido, ou certamente tinham de ser transposta de Moisés para Cristo.[46]
>
> Ele vai mais além do dizer que embora
>
> não negue que depois houve também apóstolos, ou pelo menos evangelistas no lugar deles, Deus às vezes os suscitava, como ocorreu em nosso tempo. Pois, por meio deles, se fez necessário que se reconduzissem, da deserção ao Anticristo, de volta a Igreja.[47]

Muito embora alegue não haver motivos para defender a perpetuação dos ofícios, por outro lado, defende que o ofício apostólico é necessário tendo em vista que a Igreja de Cristo não foi territorialmente estabelecida em todos os lugares da terra. Ela teve seu início com a descida do Espírito Santo no Pentecostes e continua sua trajetória até que Cristo dos céus retorne para buscá-la. Ou, em última instância, que as Igrejas judaizantes carecem de apóstolos para lhes anunciar Jesus Cristo como o Messias esperado[48]. Na instituição de tais funções não estabeleceu a perpetuação, mas a especificidade singular de serem utilizadas na implantação de Igrejas onde nenhuma delas subsiste, ou, conforme dito, para serem trasladadas ou

transpostas de Moisés para Cristo[49]. Para Calvino, neste percurso nebuloso os guias da Igreja são essenciais e não estão apenas atrelados necessariamente à era apostólica. Mas isto referendaria de maneira irrestrita os apóstolos modernos como alguns apressadamente poderiam deduzir? Não necessariamente, embora deter-se nisto não é o objeto deste livro.

Em segundo lugar, Calvino nos diz que os apóstolos inicialmente convocados pela ordenança divina cumpriram com sua obrigação. Neste caso, ele se refere aos apóstolos de forma mais estrita, aqueles que faziam parte de fato do colégio apostólico. Não obstante, ele também afirma que, após o encerramento das atividades destes, outros surgiram, ou pelo menos o que ele julga serem evangelistas, pois, na sua visão, evangelistas como Lucas, Timóteo e Tito, por exemplo, ainda que sejam menores em dignidade que os apóstolos, são muitas vezes assemelhados aos mesmos. Além do mais, conforme se verifica na expressão *"como ocorreu em nosso tempo"*, implica dizer que Calvino entendia sem hesitações que alguns homens de seu tempo poderiam ser contados como apóstolos[50], pois devotaram-se à causa da recondução de muitos crentes no Anticristo (para ele, o anticristo era o Papa) de volta à Igreja verdadeira. Não devemos perder de vista que a luta de Calvino era contra os erros dos papistas que reclamavam o mesmo *status* entre tradição e Escritura, bem como dos libertinos e entusiastas que afirmavam receber novas revelações doutrinárias e que as Escrituras eram dispensáveis. É isto o que nos lembra acertadamente o Dr. Garnet Milne.[51]

A teologia reformada já pacificou a regra hermenêutica que afirma ser um erro desconsiderar a intenção do autor na interpretação textual. Gadamer, por outro lado, dizia que o leitor necessariamente é influenciado por pressupostos e preconceitos, e que estes preconceitos tornam a leitura viciada[52]. Vai além ao dizer que os mundos do texto e do leitor são vivos, ainda que o autor não. Para ele, a interação entre texto e leitor não mais está vinculada ao passado, ou seja, ao autor. Em resumo, de acordo com Gadamer, textos antigos

necessariamente assumem novo sentido no presente. É preciso que a teologia cessacionista comece a ponderar sobre esta problemática, visto que se recusa a aceitar o pensamento de Calvino como posto, buscando novas releituras que não condizem com o pensamento original do reformador.

Os cessacionistas indiretamente dizem que a intenção de Calvino morreu com ele e que restará concomitantemente o que Gadamer deliberou chamar de fusão de horizontes. Como já dito, a ideia é que todo texto é lido pelo leitor de forma a desconsiderar a intenção do autor. Em resumo, a hermenêutica de Gadamer se move do autor e do texto para uma união entre o texto e o leitor, com raízes no presente invés de no passado.

Neste sentido, entendemos que nossa proposta é a hermenêutica mais apropriada para as palavras de Calvino. Ele estava consciente de que suas conclusões só poderiam conduzi-lo a subscrever a possibilidade de manutenção do espírito profético verificado nas Igrejas do Antigo e do Novo Testamentos. O que a erudição cessacionista fez, faz e continuará fazendo, se insistir em defender outra conclusão é, na verdade, lançar mão dos pressupostos da hermenêutica de Gadamer para sustentar premissas inconsistentes.

Por derradeiro, anoto um acontecimento em especial que envolveu Calvino e que chama sobremodo a atenção pela singularidade do fato. Muitos estudiosos, mormente do Brasil, não conhecem em profundidade a vida e a obra do reformador genebrino. Basicamente, tal conhecimento se resume – e com certa restrição – às Institutas.

Thomas Boys lança luz em um dos acontecimentos mais notáveis da vida de Calvino e que está diretamente ligado ao dom de profecia. Ele transcreve o relato de Theodore Beza, na ocasião em que Calvino estava acamado padecendo de Gota, e Deus concedeu-lhe saber do desenrolar de uma batalha ocorrida nos arredores de Paris, seiscentos quilômetros de distância de Genebra:

> Uma coisa não deve ser omitida, que no décimo nono dia de dezembro de 1562, estando Calvino deitado na cama doente de gota, sendo um dia de sábado, e o vento norte tendo soprado fortemente, disse ele a muitos que estavam presentes: *'Realmente não sei qual é o problema, mas eu pensei que nesta noite ouvi um som semelhante ao de tambores bélicos ressoando muito alto, e eu não conseguia me convencer do contrário, mas era parecido*[53]*. Vamos, portanto, orar, pois certamente algo muito importante está para acontecer'*. Neste dia houve uma grande batalha entre os Guisianos[54]
> e os protestantes não muito longe de Paris, notícias que chegaram à Genebra alguns dias depois.[55]

Três questões devem ser suscitadas aqui. A primeira delas diz respeito à informação quanto à direção do vento. O fato de ser vento-norte, de direção contrária (Genebra-Paris) e não o inverso (Paris-Genebra), é revelador e autoriza a conclusão de ser absolutamente improvável que o som dos tambores de guerra tivesse chegado até Calvino trazido pelo vento; não apenas pela direção das correntes de ar, mas, sobretudo, em razão da distância. Neste sentido, segue-se que ninguém poderá atribuir ao vento o aviso audível e preliminar da batalha. Ou, a circunstância quanto ao vento pode ter sido mencionada para marcar mais fortemente que o som não poderia ter alcançado Genebra de maneira natural. Mas é difícil crer, sobretudo em razão da distância, que o anúncio tenha se dado por causa do vento, e não por meio de uma revelação onírica, essencialmente premonitória [56] ou de clarividência[57]. Ademais, cabe perguntar: Por que apenas Calvino "ouviu" o som dos tambores bélicos?

Em segundo lugar, destacamos que a informação do que havia se dado em Paris só esteve disponível aos líderes em Genebra dias depois, com a chegada da inteligência militar trazendo os últimos informes. É evidente que o ocorrido foi o que podemos chamar de *flash* profético, anunciando ainda que de maneira inconclusiva e enigmática o que estava acontecendo nos arredores da capital francesa.

Por derradeiro, embora Boys faça questão de enfatizar que tenha tomado este relato de um trabalho em inglês[58] e não do original em latim, é possível encontrar a mesma menção na obra *"Joannis Calvini Vita"* (A vida de João Calvino)[59], material escrito por Theodore Beza, seu amigo íntimo, companheiro de ministério e sucessor em Genebra. E embora diga que o acesso ao texto foi na tradução em inglês, e não em latim, não houve à época nenhuma objeção com propósito de negar o relato. Ninguém se levantou para desmentir o registro de Boys. A propósito, o registro da manifestação também é encontrado em uma das mais importantes obras de Calvino, traduzida do latim para o inglês pela *Calvin Translation Society* [60].

Neste sentido, é possível admitir a possibilidade de clarividência sem ser necessariamente um Carismático[61]. Em síntese, tanto Calvino quanto Beza não encontraram maiores dificuldades para lidar com um evento extraordinário, ainda que o cânon estivesse encerrado ou que nenhum dos apóstolos da igreja primitiva estivesse vivo e presente fisicamente naquela ocasião para "autenticar" a revelação.

Segundo Thomas Boys, Toplady[62] reuniu um número considerável de experiências parecidas que se deram entre protestantes não-carismáticos, robustecendo a ideia de terem sido recorrentes neste cenário de grande conflito religioso na Europa.

Por fim, Boys anota que a despeito do que Calvino tenha escrito dentro de uma visão pessoal sobre pontos assumidamente controversos, ou sobre textos em particular, foi posto à prova, conforme demonstrado na narrativa há pouco citada e vista em sua biografia escrita por Beza, qual seja, que ocorrências miraculosas não foram completamente excluídas nem do seu credo nem da sua experiência.[63]

A seguir veremos que George Gillespie (1613-1648)[64] sustenta o mesmo pressuposto de Calvino com relação a matéria. O Dr. Garnet afirma que Gillespie alicerçou-se igualmente na teorização do reformador de Genebra[65].

Gillespie afirma claramente que esta não é só a posição daquele, mas igualmente se apoia nas ideias de diversos eruditos ou reage às de outros tantos. Em *Treatise of Miscellany Questions*, ora subscreve, ora diverge, das posições de nomes como Pedro Martyr[66], Synop[67], Aretius[68], Diodati[69], David Dickson e Samuel Rutherford[70]. E a totalidade de suas teses em defesa da continuidade da revelação pós-bíblica cristalizou-se tanto no decorrer da Assembleia de Westminster quanto após a definição de pontos centrais na CFW. Alguns destes pressupostos teológicos, bem como o impacto que lhe causaram inúmeras profecias preditivas na Escócia e Inglaterra, serão mencionados no próximo capítulo.

---

[33] KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, pp. 17-28.

[34] COSTA, Hermisten Maia Pereira. *João Calvino: O Humanista Subordinado ao Deus da Palavra* – a propósito dos 490 anos de seu nascimento. São Paulo: Revista *Fides Reformata* 4/2, 1999, p. 2.

[35] Gramática, retórica, dialética, aritmética, geometria e música.

[36] Universidade de Paris.

[37] HALSEMA, Thea Van. *João Calvino era Assim*. São Paulo: Editora Vida Evangélica. 1968, p. 19.

[38] O pai de Calvino, Gérard Calvin, desentende-se com os párocos de Noyon, o que influencia no reordenamento dos planos acadêmicos do reformador genebrino.

[39] Informação verbal fornecida pelo Prof. Dr. Alderi Souza de Matos, em aula de História da Igreja II, no dia 19/09/2008, no Seminário Teológico Presbiteriano Reverendo José Manoel da Conceição, na cidade de São Paulo/SP.

[40] *Letters of John Calvin, selected from Bonnet Edition*. Edinburg: Banner of Truth Trust, 1980, pp. 259-60.

[41] Karl Barth, *in* George, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. 2000, p. 163.

[42] LLOYD-JONES, D. Martin. *Discernindo os Tempos.* São Paulo: PES, 1994, pp.42-43.

[43] Frase de autoria do holandês Gisbertus Voetius (1589-1676), à época do Sínodo de Dort.

[44] *Institutas* 4. 3. 4.

[45] Temos que estes elementos sejam a existência de apóstolos diretamente comissionados por Jesus e a ocorrência do miraculoso e extraordinário como realidades presentes e até constantes.

[46] *Institutas* 4. 3. 4.

[47] *Institutas* 4. 3. 4.

[48] *Institutas* 4. 3. 4.

[49] *Institutas* 4. 3. 4.

[50] Um exemplo do debate acerca do assunto pode ser acessado na Tese de doutorado não publicada de Beth Yvone Lagstaff, sob o título *Temporary Gifts: John Calvin's Doctrine of the Cessation of Miracles*, Princeton, 1999, 365pp.

[51] GARNET, 2004, p. 48.

[52] GADAMER, 1960, *apud* NICODEMUS, 2004, p. 219.

[53] Parece-nos claro que esta experiência se assemelha "em natureza" às mesmas registradas em 2Co 12.2-3; Ez 3.12-14; 8.3; 11.24, *et al.*

[54] Os Guisianos eram partidários católicos liderados pelo Duque de Guise. Guise era uma comunidade francesa na região da Picardia. Os Guisianos eram de um movimento ultracatólico intransigente e fortíssimo opositor dos Protestantes, sobretudo dos Huguenotes. Maiores detalhes podem ser encontrados em The Catholic Encyclopedia: An International Work of Reference on the Constitution, Doctrine, Discipline, and History of the Catholic Church.

[55] BOYS, Thomas. *The suppressed evidence: Or, Proofs of the miraculous faith and experience of the church of Christ in all ages, from authentic records of the fathers, Waldenses, Hussites, reformers, United Brethren & Co.* London. Hamilton, Adams, 1832, p. 125 *"One thing must not ommited, that on the nineteenth of a December (1562), Calvin lying in bed sick of the gout, it being the Sabbat-day, and the north wind having blown two days strongly, he said to many who were present , 'Truly I know not what is the matter, but I thought this night I heard warlike drums beating very loud, and I could not persuade myself but it was so. Let us therefore go to prayers, for surely some great business is in hand. And this day there was a great battle fought between the Guisians and the Protestants not far from Paris news whereof came to Geneva within a few days after."*

[56] Premonição é também a circunstância ou o fato que deve ser tomado como aviso; presságio. Vários teólogos reformados mencionaram a premonição como uma das formas de comunicação divina. John Howe (1630-1705) e John Kennedy of Dingwall (1819-1884) são exemplos em destaque.

[57] Clarividência é a habilidade psíquica ou poder para ter visões independentemente da distância. As visões podem ocorrer no futuro, e, às vezes, no passado. Clarividência é um termo geral que pode se referir a visões proféticas e sonhos. O profeta Samuel era chamado de vidente. *Vide* 1Sm 9.9.

[58] GARDNER. London T. *An Historical Account Of The Lives Of Dr. Martin Luther And Mr. John Calvin. Who were the Great Intruements Of Establishing The Protestant Religion. The Whole Impartially Collected for the Use of Protestants of all Denominations BOUND WITH An Impartial History of Michael Servetus Burnt Alive at Geneva For Heresie; The Whole Impartially Collected for the Use of Protestants of all Denominations.* London: T. Gardner & Aaron Ward, 1740, p. 123.

[59] BEZA, Theodoro. *Joannis Calvini Vita in Joannis Calvini, Magni Theologi, Institutionum Christianae Religionis, Libri Quatour. Editio postrema, Praemissa est VITA ejusdem CALVINI à Theodoro Beza conscripta.* AMSTELODAMI, APUD Johannem Jacobi Schipper, 1667. A citação no

latim está assim registrada: “Neque hic pigebit quiddam animadversione non indignum commemorare. Jacebat ex podagra Calvinus in lecto xix. Dec. qui dies erat Sabbathi, & Boreas jam totum biduum flabat quam vehementissine. Tum Calvinus multis audientibus. Equidem, inquit, nescio quid hoc rei sit, videbar mihi hac nocte audire tympana bellica quam fortissime personantia, nec poteram mihi persuadere, quimn ita se res haberet. Precemur obsecro, nam omnino magni aliquid geritur. Atqui hoc ipso die accidit ille apud Druidas acerrimus conflictus: de quo aliquot post diebus Genevae fuit renunciatum.”

[60] *Calvins Tracts Relating to The Reformation*, vol. i, By John Calvin with His Life by Theodore Beza, Translated from the original Latin, by Henry Beveridge, ESQ. Volume first. Edinburgh: Printed for the Calvin Translation Society, 1844, pp. 81-82. *“On the 19th of december, which happened to be a sabbath, Calvin was confined to bed with the gout. The north wind having continued to blow, with greatest violence, for two sucessives days, Calvin, in the hearing of several persons, says, “I know not what the cause of it is, but during the night I thought a heard martial music sounding aloud, and could not persuade myself that it was not really so. Let us pray, I beseech you; for some matter of great moment is going foward.” It turned out that on that very day a fierce battle was fought at Dreux, though the news of it did not arrive for some days after.*

[61] Calvino abordou esta fenomenologia quando disse: “Propus apenas um exemplo, do qual aos leitores será fácil deduzir os demais. Indubitavelmente, a multiforme agilidade da alma, com que perscruta o céu e a terra, liga as *coisas* passadas às que estão por vir, retém em lembrança as *coisas* que há muito ouviu, até mesmo para si pinta o que bem lhe apraz, assim também a habilidade com que imagina coisas incríveis, e que é a matriz de tantas invenções admiráveis, são seguros sinais da Deidade no homem. Por que, enquanto *a pessoa está* dormindo, *a alma* não só vagueia e divaga em redor, mas ainda concebe muitas *coisas* úteis, cogita acerca de muitas *questões*, até adivinha *fatos* futuros? Institutas I: v: 5.

[62] TOPLADY, Augustus. *Collected Works*, volume único, pp. 495ss.

[63] BOYS,. *op. cit*., 1832, pp. 127-28.

[64] GILLESPIE, George. *Treatise of Miscelany Questions in The Works of George Gillespie: One of the Commissioners from Scotland to the Westminster Assembly.* With a memoir of his life and writings by W.M. Hetherington, vol. 2. Edmonton: reprint edition september 1991 from the 1846 edition, Chapter V.

[65] GILLESPIE *apud* GARNET, 2006.

[66] *cf.* Loc. Com., *class. 4, cap. 1.*

[67] *cf.* Pur. Theol., disp.42, tese. 22.

[68] *cf.* Prob. Teológicos, loc. 62.

[69] *cf.* As Recentes anotações inglesas sobre 1Co xii 28.

[70] *cf. The due right of presbyteries, or, A Peaceable Plea for the Government of the Church of Scotland*, cap. 16, p.72.

GEORGE GILLESPIE (1613–1648)

George Gillespie nasceu na cidade de Kirkaldy, em 1613. Era filho de John Gillespie e foi ordenado ministro em 26 de abril de 1638[71], incumbido de uma paróquia na cidade vizinha de Wemyss e, em 1642, transferido para Greyfriars, Edimburgo. Em 1643 foi escolhido como um dos deputados representantes da Igreja escocesa na Assembleia de Westminster.

Gillespie foi o que podemos denominar de gigante do pensamento reformado. Seus abalizados conhecimentos e sua capacidade extraordinária para o contraditório o credenciavam para a tarefa, ainda que muito jovem. A prova evidente foi sua escolha, apesar da tão pouca idade, para a importante missão de representar em Westminster, a Igreja escocesa.

Gillespie surpreendia pela grandeza intelectual, além de ser um debatedor profundo e donatário de estilo envolvente arrematado por uma retórica incisiva que impactava seus adversários.

Um dos seus casos mais emblemáticos foi o incidente envolvendo o erastiano John Selden[72]. Selden estava em Westminster perante a Assembleia defendendo claramente o modelo erastiano de governo eclesiástico[73]. Enquanto Selden discursava, Gillespie somente rabiscava seu pequeno bloco de anotações. Quando Selden se sentou, o jovem escocês levantou-se e fez uso da palavra. Ao final, Selden, assombrosamente estarrecido, arrematou: *"Este jovem homem, em dez minutos de fala, destruiu dez anos de*

argumentos”[74].

Outro fato não menos impressionante versa sobre um livro seu publicado em 1637, então com vinte e cinco anos de idade. A obra intitulada *A Dispute Against the English Popish Ceremonies (Uma Disputa contra as Cerimônias do Papa Inglês)* foi causadora de inquietação de católicos romanos e anglicanos, que exigiram energicamente pela incineração pública do livro.

Gillespie teve uma vida efêmera, embora bastante agitada, morrendo jovem, com apenas trinta e cinco anos. Rutherford disse, ao lado de seu leito de morte, que ele havia feito muito mais para o Mestre que muitos ministros de cabelos brancos de sua época.

Gillespie e Rutherford começaram uma amizade quando este começava seu ministério em Anwoth. Em 1648, a Assembleia de Edimburgo desejou honrar o seu mais jovem e notável deputado concedendo-lhe a cadeira de moderador. Gillespie, entretanto, não pôde assumir em virtude de sua saúde extremamente debilitada. Morreu em dezembro desse mesmo ano e em sua lápide, escreveram: *“Um homem de gênio profundo, moderado em disposição, agudo em argumento, fluindo em eloquência e de mente indomável”*.

Em virtude de seus posicionamentos, certa biografia afirma que ele atraiu o amor do bem, a inveja do mal, mas a admiração de ambos. O Dr. Garnet Howard Milne (2004, p. 278) anota muito apropriadamente que *“Gillespie era uma figura controversa em seus dias, estimado por alguns, mas completamente odiado por outros”*. Foi odiado de maneira sistemática e nem sua morte aplacou o ressentimento de muitos, sendo um dos calvinistas mais notáveis intelectualmente depois de Calvino. Milne nos diz que Gillespie sofria forte reação em vista de sua habilidade nos debates ao analisar os argumentos dos seus oponentes e de respondê-los com brutal eficiência e retórica incisiva[75], embora Garnet lamentavelmente levante suspeitas ao afirmar que nem todos os pontos de vista de Gillespie foram considerados

ortodoxos nos círculos eclesiásticos escoceses.[76] Sugeriu descrédito pelo fato de Rutherford[77] haver afirmado que ele teria se equivocado com relação à eleição de ministros[78], o que não tem ligação direta com o nosso assunto aqui, nem julgamos que tenha o condão de enfraquecê-lo como Milne propõe.

Gillespie, além de teólogo, foi um brilhante historiador de fatos, como ele mesmo dá a entender em Miscelany Questions[79]. Embora pareça redundante considerar a posição de Gillespie logo após termos analisado as ideias do reformador genebrino, é importante frisar que ele chegou a afirmar que seguia o mesmo viés teológico de Calvino. Neste sentido, ainda que Gillespie tenha laborado em erro em conclusão periférica, conforme denúncia do Dr. Milne, o fato é que no tocante a profecia preditiva na Igreja pós-apostólica, ele estava em consonância direta com Calvino.

Este assunto ocupou, e muito, os pensamentos do jovem teólogo escocês. Houve intensa produção literária sob a tutela de Gillespie, com destaque em boa parte de seus escritos. Escreveu consideravelmente sobre profecia preditiva dentro da realidade pós-apostólica, utilizando os eventos que ele mesmo entendeu ser um mover de revelação sobrenatural na Escócia.

Enquanto Calvino traçou a linha de raciocínio dentro de um cenário hipotético, mais no campo da mera possibilidade, Gillespie raciocinou também nos termos de *práxis*, tendo em vista que ele mesmo testemunhou tais eventos. Suas convicções não eram tão somente baseadas em exegeses de textos bíblicos. Elas estavam alicerçadas muito além dos termos mantidos pelos estudos técnicos, sobretudo na vivência de eventos sobrenaturais, escapando do princípio regulador que norteava as teses Cessacionistas de outrora. Por este motivo percebemos a mudança de foco nos escritos de muitos reformados nesse período. Uma resposta precisava ser oferecida e alguns teólogos buscavam explicações teologicamente plausíveis para os fenômenos que estavam ocorrendo.

De certa forma estes eventos abalaram os alicerces de uma teologia que

caminhava tranquila e as estruturas precisavam de um suporte consistente para manterem-se de pé. Embora os eventos em si não fossem problema para o jovem Gillespie, seu foco, ao tentar explicá-los, voltava-se para a Igreja neotestamentária. Para ele estava evidente que a Igreja escocesa experimentava um avivamento nos moldes da Igreja Primitiva e este fato era inquestionável.

Com efeito, Berends afirma que Gillespie sustentava a ideia de serem as profecias contemporâneas de seu tempo da mesma natureza que as bíblicas[80]. Nessa perspectiva, Gillespie afirma que elas não são canônicas, mas são revelação em essência porque proveem do revelador especial. Para Gillespie não há nenhum óbice pensar que Deus revela algo a alguém na Igreja pós-apostólica, mesmo que tal revelação não deva ser adicionada ao cânon bíblico. Esta opinião expressa o mesmo pressuposto teológico de Richard Baxter, como já vimos anteriormente.

Questão pacificada, portanto, era o fato de que revelação profética não necessariamente implicava escrituração bíblica e havia precedente no cenário neotestamentário. Esta questão é mantida até mesmo nos arraiais Cessacionistas. Boanerges Ribeiro, um dos maiores líderes da Igreja Presbiteriana do Brasil, e que dela foi moderador nos anos de 1966 a 1978, anotou o que se segue:

> As profecias dos profetas de Corinto devem ser avaliadas pelos outros (profetas?) 14.28, isto poderá significar que não são infalíveis, ou que têm valor desigual – ou ambos.[81]

Basicamente o Dr. Ribeiro indica que havia dois tipos de profecia em funcionamento na Igreja neotestamentária, isto é, a profecia apostólica, inspirada e canônica, que deita as raízes da doutrina e, a profecia não-apostólica, possivelmente inspirada e sem matiz canônico[82]. É bem possível que tal proposta acompanhe o diapasão escriturístico. Levando em conta, por óbvio, que nem toda alocução inspirada revelacional por apóstolos e profetas

restou colecionada à Bíblia. Quanto a isto, devem concordar ambos os grupos, Cessacionistas e Continuístas.

Voltando ao contexto de Gillespie, esta questão é claramente demonstrada em um de seus ensaios. Sem maiores rodeios ele afirma peremptoriamente que os profetas contemporâneos de seus dias eram homens divinamente inspirados, que exceliam nas revelações[83]. Gillespie anota que ao menos a Igreja da Escócia havia sido contemplada com tais manifestações e, segundo ele, deveria registrar esses fatos para a glória de Deus, já que este havia lhe concedido o privilégio de fazê-lo. Então escreve:

> agora, tendo ocasião, eu tenho que dizer isto, para a glória de Deus, houve na Igreja da Escócia, antes do tempo da nossa primeira Reforma e depois da Reforma, em ambas as ocasiões tais homens extraordinários, que foram mais que pastores e mestres comuns, sim, santos profetas recebendo revelações extraordinárias de Deus e predizendo diversas coisas incomuns e acontecimentos notáveis, as quais por conseguinte se cumpriram pontualmente, para grande admiração de todos que conheciam os detalhes em particular. Tais foram Sr. Wishart o mártir, Sr. Knox os reformador, também Sr. John Welsh, Sr. John Davidson, Sr. Robert Bruce, Sr. Alexander Simpson, Sr. Ferguson, e outros. Tomaria muito tempo fazer aqui uma narrativa de todos os detalhes, e há tantos deles que são estupendos, que fornecer exemplos somente de alguns parece derrogar dos demais, mas se Deus me conceder oportunidade, considero que valerá a pena fazer uma coleção desses eventos; enquanto isso, embora tais profetas sejam extraordinários, e raramente suscitados na Igreja, ainda tais existiram, ouso dizer, não somente na era apostólica, mas entre os nossos primeiros reformadores e outros. [84]

É evidente que Gillespie enxerga este fenômeno como da mesma natureza do bíblico. Ele diz que os profetas escoceses eram mais que meros pastores e mestres da Palavra revelada. Ele os nivela aos santos profetas das Escrituras, e, assim sendo, sua afirmação coaduna-se harmonicamente com a de Calvino, porquanto este conceituava tais profetas não como quaisquer intérpretes da

vontade divina, mas como aqueles que exceliam em singular revelação, como, no seu tempo, não estavam em evidência[85].

Gillespie, por sua vez, não só afirma que eles subsistem, mas que são evidentes naqueles dias de efervescência avivalista na Igreja escocesa. Ele sabe que existem por tê-los visto e ouvir-lhes profetizando. Diz que, tendo ocasião para fazer os registros, o fará para glorificar a Deus e consequentemente suprir a lacuna deixada pela afirmação de Calvino. Gillespie viu e creu, por isso falou.

O conteúdo das revelações, segundo ele, era a reunião de fatos estranhos, incomuns e versavam sobre acontecimentos notáveis que promoviam o estarrecimento do povo, sobretudo quando tais vaticínios se cumpriam. Estaria Gillespie se reportando às profecias de Knox, Wishart, *et al*? Ele mesmo diz que sim. Qualquer objeção precisa desconsiderar todos os fatos ocorridos nesse tempo que compreende a primeira e a segunda reformas na Escócia. Ou seja, entulhar no limbo dois séculos de história eclesiástica, sem esquecer que fazer isto é oferecer o mesmo destino à honestidade intelectual, em vista dos fatos históricos registrados como inegavelmente ocorridos. Não há como desassociar uma coisa da outra.

Por fim, as conclusões com relação ao pensamento de Gillespie são claras, tendo em vista que ele não só registrou tais manifestações, mas as defendeu como sendo genuína operação do Espírito Santo, manifestada através de revelações sobrenaturais na Escócia, algo muito parecido com o feito de Edwards na defesa do despertamento norte-americano.

Embora alguns estudiosos tentem desacreditá-lo, ou, sendo mais criteriosos e pastorais, esforcem-se para dizer que o que ele disse não é bem como está registrado, temos por certo que os dois ensaios[86] de Gillespie sobre o assunto são provas, adicionais além de claras, incontestáveis de seu pensamento.

Ainda que não seja provada sua aliança com o continuísmo, Gillespie se

rendeu aos fatos e os explicou da única forma que poderia tê-los explicado: afirmando que, tendo sido encerrado o cânon bíblico, Deus falou extraordinariamente através de instrumentos humanos, revelando profecias preditivas acerca de fatos impressionantes que se cumpriram para espanto de toda a nação escocesa.

---

[71] HOWIE, John. *Lives of the Scottish Covenanters*, vol. i. Wilmington: Cross Publishing, 1974, p.190.

[72] BARKER. William *Puritan Profiles, 54 Personalities Drawn Together by the Westminster Assembly*. Fearn: Christian Focus Publications, 1996, pp 54-58.

[73] Os erastianos consideram a igreja como uma sociedade que deve sua existência e sua forma às regulamentações promulgadas pelo Estado. Os oficiais da igreja são meros instrutores ou pregadores da Palavra, sem nenhum direito ou poder de governar, exceto o que eles derivam dos magistrados civis. É função do estado governar a igreja, exercer a disciplina e aplicar a excomunhão. As censuras eclesiásticas são punições civis, embora a sua aplicação possa ser confiada aos legítimos oficiais da igreja. Este sistema tem sido aplicado diversamente na Inglaterra, na Escócia e na Alemanha (igrejas luteranas). Ele entra em conflito com o princípio fundamental da Chefia de Jesus Cristo, e não reconhece o fato de que a igreja e o estado são distintos e independentes em sua origem, em seus objetos primordiais, no poder que exercem e na administração desse poder. Berkhof, Teologia Sistemática, p. 581.

[74] Cf. BARKER, *op. cit*., 1996, pp. 110-12.

[75] GARNET, 2004, p. 241.

[76] *Ibid*. p. 278.

[77] PETERKIN. Alexander, *Records of the Kirk of Scotland, Containing the Acts and Proceedings of the General Assemblies, from the Year 1638* Downwards. Edinburgh: John Sutherland, 1838, p. 565.

[78] Garnet, 2004, p. 278.

[79] Treatise of Miscelany Questions, Chapter V, p.30.

[80] BERENDS, William. *Prophecy in the Reformation Tradition*, *Vox Reformata* nº 60, 1995, pp. 30-43.

[81] RIBEIRO, Boanerges. *O Culto em Corinto e o Nosso Culto*. São Paulo: O Semeador, 1992, pp. 17-8.

[82] Esta é a mesma tese de Wayne Grudem in O Dom de Profecia no Novo Testamento e Hoje. Natal: 2017.

[83] Anote-se que é o mesmo comentário feito por Calvino *in Institutas* 4.3.4.

[84] *Treatise of Miscelany Questions,* Chapter V, p. 30 [Tradução nossa]: *"And now, having the occasion, I must say it, to the glory of God, there were in the church of Scotland, both in the time of our first reformation, and after the reformation, such extraordinary men as were more than ordinary pastors and teachers, even holy prophets receiving extraordinary revelations from God, and foretelling divers strange and remarkable things, which did accordingly come to pass punctually, to the great admiration of all who knew the particulars. Such were Mr. Wishart the martyr, Mr Knox the reformer, also Mr. John Welsh, Mr. John Davidson, Mr. Robert Bruce, Mr. Alexander Simpson, Mr. Ferguson, and others. It were too long to make a narrative here of all such particulars, and there are so many of them stupendous, that to give instance in some few, might seem derogate from the rest, but is God give me opportunity, I shall think it worth the while to make a collection of these things; meanwhile, although such prophets be extraordinary, and but seldom raised up in the church, yet such there have been, I dare say, not only in the primitive times, but amongst our first reformers and others.*

[85] *Institutas* 4.3.4.

[86] Whether these prophets and prophesyings in the primitive church, 1 cor. 14; 12:28; eph. 4:11, were extraordinary, and so not to continue; or whether they are precedents for the preaching or prophesying of such as are neither ordained ministers nor probationers for the ministry: George Gillespie, "Miscellany Questions", The Works of George Gillespie, ed. David Meek, Edmonton: SWRB, 1991, vol. ii, p. 27; and – Of Prophets and Evangelists: In what sense their work and vocation might be called extraordinary, and In what Sense ordinary": *Ibid*. p. 38.

SAMUEL RUTHERFORD (1600-1661)

Rutherford é outro gigante da Igreja escocesa, um homem à frente do seu tempo e habilidoso na elaboração consistente do pensamento teológico. MacLeod (1974, p.68) disse dele que era *"um dos nomes que vivem na memória das Igrejas Evangélicas do mundo de fala inglesa, pastor de Anwoth, exilado em Aberdeen, teólogo de Westminster e professor de St. Andrews"*.

Howie (1858, p.217) anota que Rutherford ainda muito jovem foi eleito professor de Filosofia da Universidade de Edimburgo e mais adiante afirma que, no início de seu ministério, aquele combateu sistematicamente o arminianismo. Isto porque, segundo Rutherford cria, o episcopado e o arminianismo andavam inseparavelmente juntos na Escócia e esta união foi duramente criticada e combatida por ele. Em 1636 teve o ministério interrompido, sendo banido e exilado em Aberdeen, em virtude da tirania que se levantara nos arraiais da Igreja escocesa. Rutherford recebeu refinada educação e era reconhecidamente um homem culto de seu tempo, possuidor de mente prodigiosa e perspicaz.

Assim como Gillespie, Rutherford dedicou-se a estudar sobre as questões teológicas que envolviam a ocorrência profética na Igreja escocesa. Supomos que três motivos em especial podem tê-lo motivado: **(1)** A amizade muito próxima que manteve com Gillespie. Ambos foram amigos bem próximos; **(2)** O combate com vistas a corrigir o erro dos entusiastas de seu tempo; **(3)**

Disposição para conciliar postulados teológicos anteriormente formulados e os eventos que se desenrolavam em profusão em seus dias.

Portanto, em tese, Rutherford seguirá quase o mesmo caminho tomado por Gillespie. Esta similaridade é percebida quando analisadas as obras de ambos. Por outro lado, conquanto sejam similares, elas possuem alguma diferenciação até pelo comedimento maior de Rutherford. Gillespie, como já vimos anteriormente, foi mais ousado, enquanto Rutherford optou por conciliar as ocorrências proféticas com o teor expresso nos enunciados documentais e confessionais da Igreja escocesa.

Bom frisar que os documentos escoceses em nenhum momento afirmam a cessação definitiva dos dons proféticos, acompanhando o mesmo diapasão de Calvino e Gillespie. Distinguem entre o que é constante e ordinário, ou seja, o que se percebia na Igreja neotestamentária, daquilo que não é constante, e assume *status* de extraordinário. Afirmam também que estas duas realidades coexistem sem comprometer as bases fundamentais que alicerçam o conjunto doutrinário da Escritura.

Neste sentido, por qual razão é importante entender o pensamento de Rutherford? Porque ele é um dos principais personagens na formulação dos padrões dos símbolos de fé em Westminster. O Dr. Poythress[87] anota que as palavras de Rutherford são de interesse especial, haja vista seu envolvimento direto e efetivo na orientação teológica dos assuntos mais controvertidos discutidos na Assembleia.

Nada obstante seguir o mesmo viés de Gillespie, conforme frisamos, Rutherdord claramente busca harmonizações mais precisas com as formulações confessionais de então. Tais interesses estão especialmente registrados em sua obra *Survey of Spiritual Antichrist.*[88] Nela, Rutherford registra o entendimento que as manifestações de natureza revelacional deveriam ser divididas em quatro categorias:

1. Revelação profética.
2. Revelação especial somente ao eleito.
3. Revelação de alguns fatos estranhos a homens piedosos.
4. Revelação falsa e satânica.

É evidente que Rutherford, ao mesmo tempo em que reconhece as ocorrências proféticas, busca também atacar o erro que era corrente em seu tempo, por alguns que desconsideravam questões teológicas importantes. Dos quatro pontos estabelecidos por Rutherford temos a seguinte dissecação:

1) No primeiro deles, Rutherford estabelece a revelação profética propriamente dita. Entende que ela é irradiação ou influência direta na mente e no julgamento do escritor bíblico que, por um *insight* imediato, um fôlego inspirado vindo de Deus diretamente, em visões, sonhos ou qualquer outro modo, imediatamente, sem assistência de ministério ou ensinamento humano, tem o propósito último de registrar a vontade divina especial como firmamento e alicerce para a Igreja. Essa manifestação, como Rutherford anota, se deu em Isaías (1.1), Jeremias (1.1) ou em Paulo como registrado em Gálatas 1.1.

2) O segundo grupo dá conta de uma revelação especial, a qual Rutherford entende que só o eleito recebe. Esse tipo de revelação é tão somente iluminação concedida para o entendimento das Escrituras já reveladas. O indouto, a criança, o iletrado são ou podem ser alcançados por esse derramamento especial, porquanto, segundo ele, o entendimento harmoniza-se perfeitamente com a mensagem apostólica recebida pelos crentes em Éfeso (4.17-19):

> [...] para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê o espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele; sendo iluminados os olhos do vosso coração, para que saibais qual seja a

> esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos, e qual a suprema grandeza do seu poder para conosco, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder [...]

Essa categoria é a iluminação da mente para o devido entendimento das verdades difíceis de entender contidas nas Escrituras (2Pe 3.16). Através dessa revelação, hoje amplamente entendida como iluminação, o mais iletrado dos homens, lendo com dificuldade a menor e mais complexa porção das Escrituras, é agraciado com entendimento perfeito dos registros ali revelados, sem auxílio direto de qualquer instrumentalidade humana. Dentro dessa perspectiva, por mais erudito que seja o estudioso, sendo ele descrente, não regenerado, não conseguirá alcançar o entendimento dessas verdades, visto que não é carne nem sangue quem o revela, mas o Deus e Pai de nosso Senhor que está nos céus, e isto está de conformidade com o expresso por Jesus (Mt 16.17).

Nada obstante, essas duas posições têm pouco a ver com o que nos propomos discutir aqui. Parece-nos claro que elas encontram ampla aceitação entre os que compõem o círculo reformado. O nó da questão gravita em torno das duas últimas conclusões, sobretudo a terceira, notadamente a mais importante para o nosso estudo.

3) A terceira consideração feita por Rutherford com relação à revelação sobrenatural diz respeito ao desvendamento de fatos estranhos e incomuns, manifestados por Deus a homens piedosos. Ora, o quê Rutherford tinha em mente quando estabeleceu esta premissa em especial? É certo afirmar que ele intencionava explicar os fenômenos sobrenaturais ocorridos em seus dias e até mesmo antes? Esta questão deve ser respondida agora e demonstra-se evidente que sim.

Quando confrontamos as informações oferecidas por Rutherford na obra adrede mencionada com os eventos que se davam em toda a Escócia, percebemos que ele estava buscando explicar todos os componentes

estranhos no comportamento de honrados ministros do Evangelho de seu tempo.

Greg Barrow (1998, p.9), compilando importante documento para a Igreja Puritana Reformada de Edmonton, transcreve rigorosamente os relatos de Ruthferford acerca dos eventos extraordinários de seus dias[89]:

> Há uma terceira revelação de alguns homens em particular que predisseram coisas futuras **até mesmo após a finalização do cânon da Palavra** tais como John Hus, Wycliffe, Lutero, que predisseram coisas futuras, e elas certamente aconteceram. E em nossa nação da Escócia, o Sr. George Wishart predisse que o Cardeal Beaton não sairia vivo pelos portões do Castelo de St. Andrews, mas que lhe sobreviria uma morte vergonhosa; e ele, Beaton, foi suspenso em cima da janela por meio da qual olhou para fora, quando viu Wishart queimando. John Knox predisse o enforcamento do Lord de Grange; Sr. John Davidson proferiu profecias conhecidas a muitos do reino, e diversos pastores santos e modestos na Inglaterra fizeram coisas semelhantes. [Grifo meu]

O primeiro dos pontos trazidos à discussão por Rutherford é bem característico de sua abordagem. Ele busca analisar num primeiro momento que tais profecias podem existir como nos casos mencionados acerca de Huss, Wycliffe e Lutero. Ao afirmar que até mesmo após a interrupção do cânon da Palavra profecias preditivas foram anunciadas e se cumpriram, a intenção de Rutherford é clara em estabelecer um terceiro tipo de revelação. A lacuna importante deixada por ele se configura quando não especifica objetivamente quais foram as tais profecias de Wycliffe, Lutero e Huss. Talvez em razão de serem notoriamente conhecidas por Rutherford e de seus leitores da época. Para o teólogo escocês, aquele terceiro nível de revelação sobrenatural existe incontestavelmente. Mas há quem diga que por não serem revelações canônicas, esta categoria revelacional está sujeita à falha e neste caso não deveria ser alvo da atenção prioritária da igreja. Os que defendem tal ideia, invocam certo pressuposto confessional de que atendendo a

Escritura todos os termos relacionados à fé e vida do homem, qualquer suposta autoridade acerca de revelação pós-apostólica com caráter preditivo perde sua força em detrimento da Bíblia. Jonathan Edwards, por exemplo, se opõe radicalmente a este pensamento. Quando avaliou as acusações dos oponentes do Grande Despertamento que afirmavam não serem legítimas as profecias dos profetas daquele tempo, em razão de algumas não terem se cumprido, Edwards asseverou que...

> [...] nesta e em outras épocas, muitas pessoas piedosas têm caído em lamentáveis enganos porque tendem a dar demasiada importância a impulsos e impressões, como se estes fossem revelações diretas de Deus predizendo alguma coisa ou mostrando-lhe aonde devem ir e o que devem fazer.[90]

Para Edwards, essas inclinações foram simplesmente confundidas com profecias ou mensagens diretas de Deus, quando eram somente inclinações do coração humano. Especificamente falando daquele, essa era uma conduta assaz perigosa. Lloyd-Jones nos relembra que Edwards advertiu reiteradas vezes George Whitefield sobre isto. Sobre este fato em si Edwards falou de sua investida para que Whitefield reconsiderasse essa questão subjetiva: *"Tentei falar com ele sobre esta questão da ênfase que ele dá às impressões internas"*[91]. Era notória a importância que Whitefield dava ao assunto, sobremodo em relação a essas impressões internas, e não escondia que se deixava guiar por elas, entendendo que essa era a forma que o Espírito lhe falava diretamente e, portanto, agia baseado nisso.

Assim, em virtude da fala de Rutherford estamos prontos para sustentar que ele cria em revelações proféticas na igreja pós-apostólica quando estabeleceu uma categoria de revelação especial após o encerramento do cânon da Palavra.

Por outro lado, ele não menciona exaustivamente as profecias e o respectivo cumprimento daquelas reputadas como fidedignas revelações de

Deus a vários homens na nação escocesa. Assim, Rutherford estabeleceu duas importantes lacunas. No decorrer deste trabalho nós elencaremos algumas delas a fim de tentar esclarecer essas questões.

Rutherford pesquisa e delibera seguir uma via tipicamente analítico-cronológica, perscrutando os fatos partindo do passado para o presente, ou seja, de Hus a John Davidson. Este aspecto é importante por demonstrar que ele não se viu deslumbrado pelos eventos contemporâneos de seus dias, antes procurou cotejar os acontecimentos como um historiador à semelhança de Gillespie, muito embora se utilize de maior moderação e cautela. Avaliou o fenômeno numa linha cronológica, talvez procurando associar semelhanças e distinções a fim de estabelecer uma comparação equilibrada sem isolar eventos, o que poderia prejudicar suas conclusões. É uma tentativa honesta de chancelar os eventos proféticos preservando aqueles que compõem o conjunto da revelação bíblica.

Neste sentido, Rutherford autentica os eventos acontecidos no contexto escocês, e, diferente do primeiro caso, ele detalha algumas profecias afirmando que a extensão do seu trabalho não alcançou a exaustão, visto que outros tantos santos e pastores na Inglaterra estavam fazendo igual, fora do contexto escocês ao qual se dedicou de maneira particular. A conclusão lógica de sua análise é que tais ocorrências proféticas não estão necessariamente vinculadas à cessação de revelação escriturística e não representam ameaça à doutrina da suficiência das Escrituras[92].

Por fim, reiterando, quando interpreta as conclusões de Rutherford, Barrow as toma como acertadas partindo das premissas oferecidas por aquele. Para Barrow, Rutherford está analisando detidamente os fatos ocorridos outrora e afirmando sem rodeios que revelações sobrenaturais e extraordinárias estavam acontecendo em profusão, ainda que o cânon bíblico estivesse encerrado[93]. Para Rutherford, essas revelações preditivas de fatos cotidianos de um período de efervescência não enfraquecem a doutrina que

garante o *status* da Escritura como única regra de fé e prática ou que tais revelações sobrenaturais lhes roube o alicerce da suficiência, como já falamos anteriormente.

---

[87] POYTHRESS, Vern Sheridan. *Modern Spiritual Gifts as Analogous to Apostolic Gifts: Affirming Extraordinary Works of the Spirit Within Cessationist Theology*. JETS, 39/1, março 1996, p. 95. Artigo publicado na íntegra em português no site Teologia Carismática (www.teologiacarismatica.com.br).

[88] RUTHERFORD, Samuel. *A Survey of Spirituall Antichrist*. London. Printed by F.D. & R.I for Andrew Grookeand are to be fold at his shop at Green-Dragon in Pauls Chucrch-yard, 1648, chap. vii of revelation and inspiration, p.39.

[89] RUTHERFORD (1648, p.42) *apud* BARROW, 1998 *in A Reformation Discussion of Extraordinary Predictive Prophecy Subsequent to the Closing of the Canon of Scripture*.

[90] EDWARDS, Jonathan. *A Verdadeira Obra do Espírito: Sinais de Autenticidade*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 34.

[91] EDWARDS *apud* LLOYD-JONES, 1993, p. 130.

[92] Cf .RUTHERFORD, *op. cit*, 1648,. p.42.

[93] *A Reformation Discussion of Extraordinary Predictive Prophecy Subsequent to the Closing of the Canon of Scripture*, p. 10.

JONATHAN EDWARDS (1703-1758)

Vamos deixar que o teólogo Lloyd-Jones apresente as credenciais de J. Edwards. Numa de suas conferências na Inglaterra o reverenciado pregador galês fez justíssimo e indelével tributo à memória de Edwards quando disse:

> Ele sempre me pareceu ser o homem mais semelhante ao apóstolo Paulo. Naturalmente, Whitefield foi um grande e poderoso pregador, como o foi Daniel Rowland, mas Edwards o foi também. Nenhum deles teve o intelecto, nenhum deles foi o filósofo que ele foi. Ele sobressai, parece-me, inteiramente, pelo que ele é, entre os homens. Ele era um intelecto vigoroso, capaz de um súbito espocar de florescência, original, acompanhado de brilhante imaginação, admirável originalidade, porém, acima de tudo, de honestidade. Ele é um dos mais honestos escritores que já li. Nunca foge de um problema; enfrenta-os todos. Nunca fica rodeando uma dificuldade; ele tinha um curioso interesse pela verdade em todos os seus aspectos, e depois, com todos aqueles dotes cintilantes, há a sua humildade e modéstia e, somada a isso, a sua excepcional espiritualidade. Ele sabia mais da religião experimental do que a maioria dos homens [...] Noutras palavras, o que toca a gente, quanto a Edwards, quando se olha para o homem como um todo, é a inteireza, o equilíbrio[94].

Ainda que somente a terça parte desse testemunho correspondesse à verdade estaríamos diante de um assombro intelectual. Lloyd-Jones foi mais além quando projetou Edwards em maior importância que Calvino. E o fez

quando comparou a tríade Lutero-Calvino-Edwards. Os dois primeiros foram comparados ao Himalaia[95], enquanto considerou Edwards semelhante ao Everest[96]. Somente este testemunho nos daria ideia da grandeza de Edwards. Jones nos informa que Edwards possuía o conhecimento da religião experimental de maneira muito profunda. Seu intelecto privilegiado prestou-se ao serviço de registrar e explicar boa parte do que se passou no conturbado segundo grande despertamento norte-americano.

Edwards transpõe os limites dos arraiais confessionais. Ele foi considerado como o maior dos filósofos que os Estados Unidos já produziram em todos os tempos[97].

Nasceu em 5 de outubro de 1703 na cidade de East Windsor, no estado de Connecticut. Seu pai, o Rev. Timothy Edwards, foi um importante ministro do congregacionalismo. Desde pequeno, Edwards possuía grande devoção, fervor espiritual e nutria estranha preocupação com a obra de Deus, bem como com a salvação dos homens. Maior prova desse fato é que, aos dez anos, escreveu seu primeiro ensaio teológico falando sobre a imortalidade da alma.

Antes, aos seis anos de idade, Edwards deu início aos seus estudos de latim e, aos treze, alcançou a fluência da língua bem como do grego e hebraico. Recebeu primorosa educação doméstica de seus pais e era um garoto tão prodigioso que em 1716 ingressou na renomada Universidade de Yale, graduando-se em 1720, obtendo, por fim, o mestrado em teologia dois anos mais tarde. Logo em seguida Edwards foi professor assistente de uma importante cátedra da mesma Universidade ocupando-a por igual período.

Em 1722, Edwards sentiu-se chamado para o ministério pastoral e assumiu o púlpito de uma Igreja Presbiteriana em Nova Iorque. Pouco tempo depois, foi convidado a continuar pastoreando a Igreja, mas declinou do convite e seguiu para Northampton, onde foi ordenado em 1727 na Igreja Congregacional pastoreada por seu avô, o respeitável ministro Solomon

Stoddard. Era uma grande Igreja, com seiscentos membros, quase a totalidade da população adulta da cidade, rica e repleta de membros eruditos. Edwards fora contratado como pastor-erudito, ou mestre, e dedicava treze horas diárias aos estudos teológicos a fim de ensinar à comunidade.

Sua produção literária foi de um refinamento teológico singular, nada obstante, ser extremamente devocional. Edwards conseguiu aliar a mais profunda erudição com a devoção aplicada. Devido à grandeza e à força de seus escritos teológicos seu nome difundiu-se não só em terras estadunidenses, mas extrapolou fronteiras, alcançando a Europa. Sua mente, como a de todo puritano, especulava sobre os atos poderosos de Deus e dos seus propósitos soberanos no governo providencial do mundo e, sobretudo, na Igreja de Cristo. Edwards notabilizou-se como um gigante da fé. Quanto ao assunto tratado neste trabalho, ele manteve posições firmemente voltadas à crença de que, mesmo encerrado o cânon bíblico, Deus, em dados momentos da história da Igreja pós-apostólica, manifestou-se por revelação de maneira poderosa, em atos sobrenaturais, estranhos à razão humana, bradando dos céus diretamente ao coração e ao intelecto de uma geração inteira. Edwards mesmo vivenciou um sem-número dessas manifestações[98] e não se omitiu, colocando-se prontamente na defesa do que ele julgava ser uma obra genuinamente do Santo Espírito. Sua Igreja local fora diretamente atingida e via-se influenciada pelos ventos do Espírito. O movimento que Edwards defende ficou conhecido como o Grande Despertamento, um evento surpreendente em todos os sentidos.

Em seu livro *A Verdadeira Obra do Espírito – Sinais de Autenticidade*, Edwards coteja meticulosamente o texto impresso em 1João 4 a fim de demonstrar os sinais verdadeiros de uma obra genuína do Espírito.

É interessante notar, em primeiro lugar, que Edwards inicia seu discurso defendendo a singularidade da Era Apostólica em termos de derramamento do Espírito (p.9) e arremata dizendo que, assim como as manifestações do

Espírito eram grandemente percebidas, o diabo por sua vez disseminou o erro fartando-se em imitar as obras do Espírito de Deus, tanto as comuns, diz ele, como as extraordinárias. Por isso a preocupação do apóstolo João em mostrar os pontos que diferenciam a verdade do erro, o que também está evidenciado em várias passagens dos demais escritos apostólicos.

Em segundo lugar, interessante notar a conexão que Edwards faz dos tempos apostólicos com os eventos de seu próprio tempo. É curioso o fato de Edwards entender que os ensinamentos contidos no texto bíblico mencionado sirvam como base para atestar a obra do Espírito para os seus dias, sobretudo porque, para ele, os eventos eram da mesma natureza, ainda que em grau diferenciado, tendo em vista a antecipação de Edwards em afirmar a singularidade da Era Apostólica. Ou seja, Edwards, ao defender o Grande Despertamento, fê-lo de maneira a deixar bem claro que aquele era um acontecimento igual, em natureza, ao ocorrido na Era Apostólica. Mas ele não para por aí quando complementa afirmando que nós

> temos fundamentos a partir das profecias das Escrituras para supor que, no início daquele último grande derramamento do Espírito de Deus, o qual acontecerá nos últimos tempos do mundo, o modo de agir será muito extraordinário, como nunca se viu antes. [...] Então, pode-se esperar, com razão, que, em alguma medida, o modo de agir fora do comum será semelhante aos eventos muito extraordinários e à gloriosa mudança no estado do mundo, que Deus fará acontecer por meio desse ato[99].

A afirmação de Edwards aponta para algo portentoso, superior ao que ele mesmo testemunhara em seus dias; fatos estes estranhos e incomuns por demais. Além disso, Edwards parece afirmar sem rodeios que o derradeiro derramamento do Espírito de Deus será maior até mesmo que o constatado na Igreja neotestamentária.

Temos razões suficientes para concluir que Edwards está com as Escrituras nas mãos analisando todas as profecias, assim como

criteriosamente investiga os demais derramamentos ocorridos em outros momentos da História, incluindo-se aí os eventos narrados adiante entre os puritanos escoceses. Quem sabe até Edwards não tenha percebido que, ao longo da História, Deus tem manifestado seu poder em doses parcimoniosas a fim de garantir que maiores portentos haverão de vir?

Neste sentido, Charles Feinberg[100] afirma o mesmo quando avalia a profecia de Joel e o evento particular do Pentecostes. Ele considera o quadro e diz que o discurso de Pedro não necessariamente aponta para o cumprimento profético naquela ocasião, mas que

> de início é preciso deixar claro que é incorreto dizer que não há conexão entre as duas passagens. Pedro declara com clareza estar se referindo à predição de Joel. Contudo, esse fato sozinho não constitui cumprimento. Em primeiro lugar, falta inteiramente em Atos 2.16 a fórmula costumeira de uma profecia cumprida. E até mais notável é o fato de que grande parte da profecia de Joel citada em At 2.19-20 não se cumpriu naquela ocasião [...] A melhor posição a tomar é a de que Pedro usou a profecia de Joel como ilustração do que estava transpirando em seu dia e não como cumprimento dessa predição. Em suma, Pedro viu nos acontecimentos do dia prova de que Deus ainda cumpriria o que Joel profetizou. A profecia de Joel foi, pois, "pré-cumprida"; ela ainda está (conforme mostram as passagens do Antigo Testamento sobre o derramamento do Espírito) para ser cumprida.[101]

Com efeito, tanto Edwards quanto Feinberg entendem que vários derramamentos irão acontecer na Igreja de Cristo até o segundo advento, confirmando a promessa das predições proféticas veterotestamentárias. Em síntese, esses eventos são tipológicos e apontam para o futuro glorioso em que haverá o derradeiro e incomparável derramamento do Espírito no momento da volta do Senhor.

Este princípio analítico do fenômeno profético, embora ligeiramente diferente, também foi aplicado no caso da profecia sobre o abominável da desolação expresso no capítulo doze do livro de Daniel. Em sua época, a

desolação abominável foi interpretada como sendo Antíoco Epifânio, que tomou Jerusalém em 150 a.C, proibiu por muitos anos a adoração no Templo, posicionou estátuas de deuses pagãos naquele espaço sagrado e construiu um altar blasfemo sobre o do Templo de Jerusalém, promovendo toda sorte de imundície em um culto, que incluiu o sacrifício de porcos.

Jesus, por outro lado, indica outra circunstância, apontando para o General Tito, filho do Imperador Vespasiano. Neste sentido, podemos dizer que a profecia de Daniel não foca num personagem em si, mas num espírito que encarna em vários momentos da História. Jesus empresta sabedoria para nos dizer que a profecia também tem contornos com duplo cumprimento, ou vários, como ilustra o caso da profecia de Joel.

Gleason Archer subscreve a mesma posição de Feinberg, ainda que ligeiramente modificada, ao afirmar que parte da profecia de Joel certamente se cumpriu e parte dela está ainda por cumprir-se nos últimos dias, mas, conforme ele mesmo diz, *"a escolha do Dr. Feinberg pelo termo pré-cumprido minimiza a cisão entre seu ponto de vista e o nosso"*[102].

Retomando o ponto nevrálgico da discussão em Edwards, percebemos nele a clara inclinação de que não só sua perspectiva abarca e explica os fenômenos de seus dias, como igualmente consegue vislumbrar o futuro de maneira serena e equilibrada.

Sua linha de pensamento mantém intacta a teologia eclesiológica em toda sua extensão, ou seja, Edwards preserva algo que poucos se preocupam em preservar quando estudam o fenômeno: o aspecto continuado da Igreja.

Suas conclusões teológicas implicam afirmar categoricamente a continuidade, e não a descontinuidade, entre as Igrejas apostólica e pós-apostólica. A continuidade permite o precedente provável de vários derramamentos do Espírito, em maior ou menor escala. Essa perspectiva abarca a Igreja desde Adão (Gn 3.15) até o último quartel antecedente ao retorno glorioso de Cristo.

Edwards, por outro lado, reage aos reclamos de que alguns eventos não estavam alinhados ao padrão bíblico. Na sua visão, esse pode até ser um ponto de convergência, visto que a Escritura é o padrão, mas não absoluto quando diz que

> as profecias das Escrituras dão-nos motivos para crermos que Deus têm coisas inéditas para realizar. Por maior que seja, se não estiver em desacordo com Suas [*sic!*] regras estabelecidas, nenhum desvio daquilo que até agora tem sido a norma serve como argumento de que uma obra não provém do Espírito. Este é soberano em Suas ações. Sabemos que Ele usa uma grande variedade e não podemos definir a extensão da diversidade de Suas ações dentro dos limites das regras por Ele mesmo fixadas. Não devemos limitar Deus onde Ele mesmo não Se limitou.[103]

Edwards está, de certa forma, alertando para algo muito mais substancial. Ainda que as Escrituras sejam a Palavra revelada de Deus, elas não descrevem todas as considerações ou registros de como se davam ou se darão as atividades do Espírito, visto que, sendo como o vento, sopra quando e onde quer. Isto porque a própria Escritura nos afirma que Deus é soberano em seus atos e decretos. Além do mais, sabemos da existência de verdades encobertas, não reveladas, visto que só competem a ele saber, como impresso em Deuteronômio 29.29.[104]

As afirmações de Edwards fazem dele um entusiasta? Ele não enxerga quaisquer dificuldades em enfrentar o problema e apresentar sua conclusão, porquanto bíblica. Mas não hesita em afirmar, mesmo que indiretamente, que ela contraria os postulados da teologia cessacionista.

Para Edwards, o que estava em jogo aqui era se tal derramamento pós-apostólico era ou não obra genuína do Espírito. Consequentemente, ele concluiu que não só era, mas também que devemos esperar vários derramamentos semelhantes até o retorno de Cristo tendo em vista que este é o anúncio claro das Escrituras.

A Igreja de Cristo deve conviver com a expectativa da ocorrência não só

do comum e do ordinário como também do extraordinário e incomum. Os feitos desses eventos na vida do crente são de certa forma espetaculares e desconcertantes, desde a alegre emoção da conversão, subjetiva e íntima, até o mover mais sobrenatural do Espírito no coração do homem. Não devemos esperar outro resultado. Edwards diz que

> não se pode argumentar que uma obra não é do Espírito de Deus pelo fato de algumas pessoas que são objetos dessa operação estarem em uma espécie de êxtase, um estado em que são levadas para além de si próprias, tendo suas mentes transportadas em uma sequência de fortes e agradáveis imaginações e uma espécie de visão, como se tivessem sido arrebatadas para o céu e lá vissem coisas gloriosas. Conheci pessoalmente alguns desses casos e não vejo nenhuma necessidade de introduzir a hipótese da ajuda do diabo na explicação que damos a essas coisas; nem precisamos, ainda, supor que sejam da mesma natureza das visões dos profetas ou do arrebatamento de Paulo ao paraíso.[105]

Podemos perceber que esta posição encara as ditas visões, êxtases, *et al.* como naturais num coração que está intimamente inundado pelas influências celestiais, que recende as maravilhas do céu. Para Edwards, essas manifestações são naturais, tendo em vista a grandiosidade do que é operado no coração do ser humano, vai mais além dizendo da necessidade de comparar o que acontece na Igreja pós-apostólica com visões e êxtases proféticos do Antigo Testamento, bem como do mencionado arrebatamento de Paulo.

Seguindo esse viés, Edwards estaria referendando os postulados equivocados da teologia entusiasta? Não necessariamente, conforme mencionamos outrora. Ele explica esse ponto da seguinte forma:

> Se alguns dos que foram considerados como sendo guiados pelo Espírito cometem erros graves ou práticas escandalosas, ainda assim não podemos afirmar que em termos gerais a obra não é do Espírito de Deus. O fato de existirem algumas imitações não prova que nada é verdadeiro –

> em uma época de reforma, coisas desse tipo sempre são esperadas. Se examinarmos a história da igreja, não encontraremos nenhum exemplo de um grande reavivamento da religião que não tenha sido acompanhado por tais acontecimentos. Foram inúmeros os casos dessa natureza nos dias dos apóstolos. Alguns se desviavam para graves heresias e outros, para práticas vis, mas ainda assim pareciam objetos de uma ação do Espírito.[106]

Ele reitera que, no período da Reforma, quando se deu a separação das hostes de Roma, muita gente se uniu aos reformadores, nada obstante terem se desviado e cometido os erros mais graves e grotescos. Edwards pontua sem reservas que tais atitudes não passavam de fanatismo grosseiro. Conclui dizendo que o fato de o diabo disseminar tanto joio não é prova de que uma obra verdadeira do Espírito não esteja se dando de maneira gloriosa[107]. Aliás, diz ele, Lutero foi duramente atacado pelos romanistas por haver desencadeado uma religião meramente carnal e propiciado o ambiente para que vermes e serpentes rastejassem no solo do Cristianismo[108].

Finalmente, o que Edwards diria se tivesse de resumir tudo sobre o que pensa a respeito de profecia na Igreja pós-apostólica? Seriam elas infalíveis? O que Edwards diria para explicar esse fenômeno? A resposta é encontrada quando pesquisamos a extensão das suas apologéticas. Já demonstramos que Edwards não elevou os profetas da Igreja pós-apostólica ao mesmo patamar dos profetas bíblicos. Ele afirma isso sem rodeios, seguindo o mesmo viés teológico de Rutherford. Por outro lado, Edwards acredita peremptoriamente que tais profecias têm sua fonte no trono de Deus e, por isso, devem ser alvo de ponderação das Igrejas locais.

Por derradeiro, Edwards entende ser relevante e necessário o avivamento no seio da Igreja de Cristo. Isto não apenas influenciará positivamente a Igreja a buscar mais a face de Deus, arrepender-se de seu pecado, mas, e sobretudo, revitalizando-a no exercício de cumprir com a Grande Comissão. Entretanto, Edwards não deixa de observar que nesse tipo de movimento, de

efusão do Espírito, o diabo e as hostes do mal se aproveitam para espalhar o joio e imitar as obras de Deus. As atuações satânicas produzem descontrole emocional, escândalos e ostentação espiritual, contrários à palavra de Deus.

Mas as influências positivas que transformam vidas, que nos fazem amar a revelação divina e a nos preocupar com a glória suprema de Deus, servem aos propósitos benfazejos do Senhor na vida de cada crente verdadeiro que compõe sua Igreja santa.

---

[94] JONES. D.M. Lloyd. *Os Puritanos: Suas Origens e Sucessores.* São Paulo: PES, 1993, p. 361.

[95] O Himalaia (ou Himalaias) é a mais alta cadeia montanhosa do mundo, localizada entre a planície indo-gangética, ao sul, e o planalto tibetano, ao norte.

[96] O Everest (ou Evereste) é a montanha mais alta do mundo. Está localizado na cordilheira do Himalaia. Situa-se na fronteira entre o Nepal e o Tibete (China). Em nepalês, o pico é chamado de Sagarmatha (*rosto do céu*), e em tibetano Chomolangma ou Qomolangma (*mãe do universo*).

[97] Standford Encyclopedia of Philosophy, “Jonathan Edwards,” First published Tue Jan 15, 2002; substantive revision Tue Nov 7, 2006.

[98] Além dos registros dos seus encontros com Deus quando passeava a cavalo, registra-se também que sua esposa Sarah Pierrepont tenha levitado numa das ocasiões de êxtase espiritual. As experiências de sua esposa fizeram-no escrever um importante livro falando sobre o assunto *in Some thoughts concerning the present revival of religion in New-England, and the way in which it ought to be acknowledged and promoted: humbly offered to the publick, in a treatise on that subject, in five parts.* Boston: Shewing, 1742.

[99] Cf. EDWARDS, *op. cit.*, 1995, p.15.

[100] O Dr. Charles Feinberg é uma das maiores autoridades do mundo em Antigo Testamento, história dos judeus e línguas semíticas. Cresceu num lar judeu ortodoxo e estudou hebraico e assuntos afins durante quatorze anos como matérias preparatórias para o rabinado. Suas realizações acadêmicas incluem diplomas da Universidade de Pittsburgh, Dallas Theological Seminary (Th.B, Th.M e Th.D) e um Ph.D em arqueologia e línguas semíticas na John Hopkins University. Aposentou-se como deão e professor de Antigo Testamento e de Línguas Semíticas no Talbot Theological Seminary nos Estados Unidos.

[101] FEINBERG. Charles L. *Os profetas Menores.* São Paulo: Vida. 1993, pp. 80-1.

[102] *Ibid*. p. 6.

[103] Cf. EDWARDS, *op. cit.*,1992, p. 13-14.

[104] Ou seja, revelações que proponham estabelecer a data exata do retorno de nosso Senhor, por

exemplo, seriam uma clara revelação espúria e diabólica. Valnice Milhomens foi uma dessas profetizas que tentou assinalar o retorno de Cristo para o final do ano de 2007. Tais profecias fogem aos limites das Escrituras, visto que não seriam dadas por Deus, tendo sido negadas até aos próprios apóstolos (Zc 14.7; Mt 24.36-44; At 1.7; 1 Ts 5.2; 2Pe 3.10).

[105] Cf. EDWARDS, *op. cit.*, 1992, p. 24.

[106] *Ibid*. p. 34.

[107] *Ibid*, p. 37.

[108] *Idem.*

A OCORRÊNCIA DE PROFECIAS ENTRE OS PURITANOS ESCOCESES

Nas páginas anteriores, estudamos as posições de importantes teólogos sobre a possibilidade de ocorrência de profecia preditiva na Igreja pós-apostólica, ainda que encerrado o cânon bíblico. Entendemos que ficou evidenciado o apreço daqueles homens pela exposição bíblica e dedicação ao estudo meticuloso da palavra de Deus.

Contudo, o discurso teórico sem uma amostragem paradigmática fica, de certa forma, restrito ao subjetivismo, e o subjetivismo não nos ajudará a entender como a teologia especulativa[109] funciona na prática. Ela funcionou na prática entre os puritanos escoceses do século 17. Assim, entendemos ser necessário enumerar a ocorrência desta atividade profética, por julgarmos importante a menção de fatos demonstrados como possíveis na teoria, e que, na prática, o resultado seja estabelecido por meio de acurado estudo bíblico-teológico.

Antes, porém, é necessário que façamos alguns apontamentos preliminares a fim de oferecer melhor compreensão do contexto sobre o qual a Igreja escocesa via-se envolvida. Em primeiro lugar, entendemos também como sendo profecia aquele evento da revelação em sua natureza mais simples, ou seja, não necessariamente o vislumbre de um evento futuro ou a revelação de segredos ocultos do coração humano, etc. Profecia, num sentido mais amplo, é revelação de Deus, tanto no aspecto ordinário quanto extraordinário. Assim, tanto a Bíblia é tecnicamente considerada profecia, quanto a profecia

(revelação), verbalizada ou não pelo profeta pós-apostólico, se em consonância com o padrão expresso pelo conjunto bíblico, nem deitando novo mandamento universal para a Igreja e para a humanidade em geral. Esclarecido este ponto, podemos dar prosseguimento.

A primeira Confissão de Fé escocesa foi assinada em 1557 e subscrita em 1581, 1590, 1596 e 1638. Os escoceses conveniados foram subscritores da Solene Liga e do Pacto em 1638, perdurando seu efeitos até o ano de 1688. Anota-se que, nesse período em especial, milhares de mortes foram verificadas em razão da fé. Foi nesse tempo que ocorreu poderoso derramamento do Espírito em uma igreja que sofria intensa perseguição.

Vários foram os notáveis homens contados como mártires da causa protestante nesse período. A Igreja escocesa experimentou por exatos 140 anos intenso avivamento e o afloramento de novas revelações do Espírito, com predições extraordinárias e contornos de juízo divino contra os inimigos do Cristianismo.

Procuraremos reconstituir cenas e eventos a fim de oferecer melhor cenário para a interpretação de fatos históricos. As fontes das quais foram extraídos os registros mencionados logo adiante são, até prova em contrário, fidedignas.

Evidente que nem todos têm conhecimento de certos eventos sobrenaturais acontecidos na Igreja pós-apostólica, mais precisamente envolvendo o movimento puritano do século 17. Além de se tratarem de obras antiquíssimas, algumas em especial, como *Scots Worthies*, de John Howie, sofreram numerosas revisões e ampliações, implicando pesquisa exaustiva.

Em 2001, o respeitado professor Dr. Dean Smith publicou artigo no prestigiado *Westminster Theological Journal* com o título "*The Scottish Presbyterians and Covenanters: A Continuationist Experience in a Cessationist Theology (Os presbiterianos escoceses e Covenanters. Uma*

Experiência Continuísta na teologia cessacionista[110]*).* Nele, Smith expõe detalhadamente alguns dos vários relatos das obras que mencionamos neste livro, entre elas as de Howie, Fleming, Walker, Smellie, *et al*. Ele expõe os contornos de uma defesa brilhante contra o maior ataque de cessacionistas em desfavor dos continuistas. Isso porque os continuístas são sistematicamente acusados de sustentarem uma teologia que não se apoia na exegese de textos bíblicos. Ao longo dos anos, esta afirmação foi se cristalizando como verdade absoluta, embora seja equivocada, como iremos demostrar aqui.

A teologia continuísta possui refinada interpretação que os cessacionistas tentam refutar, não com exegese propriamente dita, mas, via de regra, requerendo a apresentação de evidências. Desejam que os continuístas apresentem fatos, como cura de pessoas em determinados lugares do mundo, por exemplo.

Por outro lado, o trabalho que sustenta a teologia cessacionista, qual seja, a obra do B.B Warfield (*Counterfeit Miracles*), apoia-se unicamente em relatos de natureza histórica. Nesse sentido, o Dr. Smith conclui brilhantemente que

> É importante notar para esta discussão que o argumento de Warfield para a cessação do *charismata* é realmente um levantamento histórico, em vez de uma análise dos textos bíblicos. Grudem (1994, 1043, n. 49) também observa que Warfield não estava respondendo ao uso dos dons carismáticos entre os evangélicos, mas sim as falsas alegações de milagres de alguns católicos romanos e várias seitas heréticas.[111]

Por fim, ele diz que os cessacionistas têm tomado o livro de Warfield como o resumo adequado da teologia reformada no que diz respeito a continuação dos dons. Entretanto, chama-nos a atenção que teológos tenham *"até recentemente ignorado ou esquecido o testemunho dos presbiterianos escoceses quanto à continuidade de ambos os dons: profecia e cura"*.[112] A razão é saber por que fazem isso. Por que se firmar no entendimento

assentado dos Pais da Igreja e ignorar os relatos dos puritanos escoceses? As postulações filosóficas de Agostinho sustentam-se muito mais que as evidências testemunhais do que ocorrera na Escócia? Cremos que não.

Por conseguinte, é interessante notar que a visão de Baxter, Gillespie, Rutheford, *et al*, era a visão puritana padrão, a qual não defendia o cessacionismo no modelo proposto por B.B Warfield, Richard Gaffin e outros tantos até aqui. Este ponto restará claramente demonstrado. Alguns decerto poderão espantar-se com a amostragem referenciada quanto às profecias verificadas entre os escoceses. Isto se dá geralmente em razão do desconhecimento da historiografia em toda sua extensão, mormente de períodos cruciais.

Ademais, muitos cristãos podem ser vítimas do que alguns eruditos têm chamado de conspiração contra o sobrenatural[113], o que não deixa de estar enquadrado no primeiro argumento. Manipulação, distorção e omissão de fatos têm acompanhado a história humana desde os primórdios. É certo que muitos podem ter o interesse de omitir eventos aos quais julgam impertinentes e desconfortantes na defesa de determinado sistema filosófico. Mesmo que sejam apresentados casos documentados de profecias preditivas e do dom de profecia na Igreja pós-apostólica, se vamos dar o devido crédito a tais relatos depende unicamente da visão de mundo particular de cada teólogo, bem como da avaliação de provas testemunhais.

Mas o fato primordial é que estes eventos um tanto quanto desconcertantes para o Cessacionismo moderno aconteceram entre puritanos escoceses do século 17 e devem receber tratamento especial nos dias de hoje. Nosso objetivo fundamental, além de provar a realidade da teologia especulativa, é tornar manifesto alguns desses acontecimentos a fim de oferecer ao leitor oportunidade de julgar os eventos conforme desejar.

Neste sentido é importante citar que os puritanos escoceses possuíam devotada reverência para com a revelação bíblica. Isso se demonstra na

análise dos registros ao longo dos ministérios de cada um deles. O historiador Alderi Matos relembra-nos que os puritanos foram herdeiros de uma tradição[114] que valorizava sobremodo as Escrituras Sagradas[115]. Lloyd-Jones afirma que a característica peculiar do puritano *"é que ele assevera a autoridade suprema da Palavra de Deus"*[116]. Os puritanos amavam a Escritura, estudavam-na e pregavam-na ardentemente com o fervor característico dos que entendiam ser ela a voz divina dirigida ao coração e à mente dos homens.

Com efeito, os fatos a seguir descritos apresentam-se como típicos desse período de Reforma e pós-Reforma Protestante na Escócia. A ocorrência deles era incontestável. Nem o leitor terá como recusar-se a aceitá-los, salvo se descrer das fontes históricas.

A despeito da ocorrência efusiva do sobrenatural, nenhum desses homens ignorava ou relegava ao segundo plano a obra ordinária da Igreja e do Espírito. Não olvidavam da doutrina da suficiência das Escrituras, o que incrementa a veracidade desses acontecimentos. A história de homens com elevada erudição bíblica, usados por Deus de maneira poderosa e extraordinariamente profética, será então recontada.

Tais eventos devem ser analisados de forma criteriosa a fim de se depreender todas as nuanças que os caracterizam como proféticos no sentido mais estrito do termo[117]. George Wishart, John Knox, John Welch, Alexander Peden, John Semple, Robert Bruce, Richard Cameron e John Davidson, através de suas vidas ministeriais, falar-nos-ão muito desse tempo profético, poderoso, marcante e singular.

Quem são estes homens? O que disseram sobre o tema profecia? Qual o conteúdo do que muitos escoceses profetizaram? É o que veremos a seguir.

---

109 Por teologia especulativa nos referimos àquela fruto do estudo nominal, sem atentar para as questões práticas em si; o estudo que busca descobrir pura e simplesmente a verdade teológica revelada nas Escrituras sem atentar necessariamente para as implicações resultantes do pensamento

construído. É a letra pela letra meramente.

[110] SMITH, Dean R., *The Scottish Presbyterians and Covenanters: A Continuationist Experience in a Cessationist Theology*. Westminster Theological Journal 63.1 (Spring 2001): pp. 39-63.

[111] *Ibid*: p. 39.

[112] *Ibid*. p. 40.

[113]DEERE, Jack. *Surpreendido com a Voz de Deus*. São Paulo: Vida, 1998, pp.75-93, denuncia acertadamente a adulteração da obra *Scots Worthies* (1775), de John Howie, levada a efeito por William McGavin em 1846.

[114] Os lolardos, seguidores do pré-reformador João Wyclif, no final do século XIV.

[115]MATOS, Alderi Souza de. *Fundamentos da Teologia Histórica*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008,p.187.

[116] Cf. LLOYD-JONES, *op. cit.*, 1993, p. 276.

[117] A relação profecia *versus* escrituração bíblica será tratada mais adiante nas considerações teológicas, a fim de se demonstrar que profecias não necessariamente impõem registração canônica .

GEORGE WISHART (1513-1546)

George Wishart nasceu no ano de 1513 em uma nobilíssima família de Montrose, pequena cidade na costa leste da Escócia[118]. Seus modos refinados no trato com as pessoas, aliados à coragem com que se devotou às questões da fé reformada, eram sobejamente conhecidos e angariavam a simpatia de todos.

Sem dúvida, deve ser contado entre os que expunham as Sagradas Escrituras com zelo e devoção. Seu compromisso era com a verdade divina e sua fé repousava nos registros fidedignos da Palavra de Deus. Profundo conhecedor da Bíblia, Wishart era seu expositor tão habilidoso que provocou a inquietação furiosa dos poderes da então cúria romana, personificada no cardeal e arcebispo de St. Andrews, David Beaton.

Beaton empreendeu vários esforços a fim de calar a voz de Wishart e o fez buscando meios de cessá-la definitivamente[119]. As pregações públicas de Wishart sobre o livro de Romanos eram tão concorridas em Dundee, fazendo prosperar a mensagem de renovação trazida pelos primeiros reformadores, que Beaton usou de toda influência na cidade a fim de conseguir de Robert Mill, então magistrado do condado, sentença proibitiva contra tais pregações.

É preciso que se diga que tais reuniões não eram ajuntamentos em busca de novas revelações proféticas. O povo reunia-se para ouvir atentamente a exposição bíblica. Entretanto, logo após uma dessas preleções, a sentença proibitória foi lida publicamente na presença de quase toda a cidade. A

reação de Wishart foi olhar para os céus, silenciar brevemente por um instante e proclamar:

> Deus é minha testemunha de que nunca foi meu desejo trazer-vos aborrecimento, mas conforto; [...] mas, estou certo, que rejeitar a santa palavra de Deus e escorraçar seus porta-vozes não é apropriado para se livrar de problemas, mas antes de trazê-los para si [...] Quando partir [...] se tudo vos correr sossegadamente, não sou a voz do Espírito da Verdade; mas, se vos sobrevier desgraça inesperada, lembrem-se de que esta é a causa; e voltem-se para Deus em contrição, visto que ele é misericordioso.[120]

Poucos dias após a partida de Wishart daquele condado, uma epidemia avassaladora assolou fortemente a cidade. Este fato chegou ao seu conhecimento um mês depois e ele corajosamente voltou para ali a fim de cuidar dos enfermos. Assim que se postou ante aos portões da cidade, Wishart pregou um sermão baseado no Salmo 107.20: "Enviou a sua palavra, e os sarou; livrou-os da destruição".[121] Cuidou de várias vítimas da peste e não foi contaminado, sendo milagrosamente preservado por Deus.

Em virtude de revelações proféticas Wishart escapou de dois atentados públicos tramados por Beaton. Nada obstante, predisse que o cardeal lograria êxito, ainda que pontualmente, na sua luta contra a Reforma. Por causa desta revelação profética em especial, Wishart preparou-se para o martírio que era iminente e salvou John Knox da sanha assassina contrária aos defensores do movimento reformador. A razão era muito simples: divinamente advertido de sua morte, Wishart, em 12 de janeiro de 1546, impediu que Knox o acompanhasse a Ormiston dizendo: *"Não. Volte para suas crianças e Deus abençoe você. Basta um para o sacrifício"*[122]. Ao chegar a Ormiston, Wishart foi preso e injustamente condenado à fogueira por heresia num processo eivado de vícios.

No dia da execução, dois carrascos vieram a ele, penduraram alguns sacos de pólvora em seu corpo, uma corda em volta do pescoço, uma corrente à

cintura, ataram suas mãos e o levaram à fogueira. Quando se acendeu o fogo, a pólvora explodiu, mas não matou Wishart. Um dos carrascos então tomou lugar diante do condenado e, quando lhe tirou o cordão em volta do pescoço, ouviu Wishart dizer em voz audível:

> Esta chama tem chamuscado meu corpo, no entanto, não tem intimidado meu espírito. Aquele que, à distância, me fita com tamanho orgulho, jazerá dentro de alguns dias no mesmo local que me assiste, não com a presunção com que agora se ufana, mas antes mergulhado na ignomínia[6].

Decorridos menos de um mês, no exato dia 28 de março de 1546, o cardeal Beaton tomba assassinado justamente na mesma sacada de onde assistira a cruel execução de Wishart, cumprindo-se o que este havia profetizado.

Em ambos os casos mencionados, temos a reunião de todos os elementos caracterizadores de profecia preditiva, o anúncio do juízo divino e o cumprimento de sua sentença profética. Além do mais, evidencia-se que Wishart entende claramente ser o portador da voz divina nos eventos descritos, sem que sua crença na suficiência das Escrituras seja abalada.

John Knox considerava-o como verdadeiro profeta da parte de Deus. As profecias que aqui estão registradas não eram o norte de seu ministério. Sua função como pregador da Palavra inspirada era a atividade em que mais se dedicava. Pregar as escrituras fielmente a fim de instruir o povo em todo desígnio de Deus, era seu alicerce ministerial. Mas isto não o impediu de ser canal da vocalização de profecia preditiva em seus dias na Escócia.

---

[118] RIDLEY, Jasper. *John Knox.* New York-Oxford: Oxford University Press, 1968, p.37.

[119] Chegou a tramar o assassinato de Wishart em várias ocasiões contratando mercenários a fim de emboscá-lo nas estradas. John Knox por algum tempo lhe foi fiel escudeiro nessas andanças empunhando uma espada. O atentado que Wishart sofreu de um frade é exemplo mais que pertinente sobre esses incidentes, *in* LUZ, Waldyr Carvalho. *John Knox. O Patriarca do Presbiterianismo.* SãoPaulo. 2001, p. 32.

[120] HOWIE, John. *Scots Worthies*. Edimburgo: W .R. M‘Phun Publisher Trongate, 1828, pp.36-7.

[121] Ibid. p. 32.

[122] Cf. RIDLEY, Jasper. *op. cit.*, 1968, p.43.

JOHN KNOX (1505-1572)

A data em que nasceu Knox é desconhecida. Entre os historiadores, sobretudo os modernos, há desentendimento acerca do ano de seu nascimento. A maioria dos registros indica o ano de 1514, mas tomamos o registro que aponta o ano de 1505 como o mais acertado[123].

Knox nasceu no pequeno condado de Gifford bem próximo de Haddington[124] na Escócia, atribuída como o local original de seu nascimento. Estudou na Universidade de Glasglow e na St. Andrews University. Knox teve educação refinada e foi influenciado academicamente pelo maior erudito de sua época: John Mair[125].

Antes de sua conversão ao protestantismo, foi ordenado padre na Igreja Romana em 1540, e pouco tempo depois se converteu ao protestantismo influenciado por George Wishart. Knox também foi relevantemente influenciado por João Calvino.

Diz-se que ele mesmo se considerava um espírito profético de seu tempo. Embora tenha havido intensa controvérsia quanto a isto — o que será tratado aqui —, estudiosos importantes como James Melville, renomado professor de teologia e historiador da conceituada Universidade de St. Andrews, disseram que Knox era de fato um profeta apostólico da nação escocesa[126].

Sua efetiva participação na implantação das ideias reformadas na Escócia é reconhecida pelos mais proeminentes historiadores, tendo sido uma figura essencial nas disputas travadas naquele país e de se tornar uma figura temida

por muitos no reino. A rainha Maria Tudor (A Sanguinária), por exemplo, dizia temer mais a oração de John Knox do que todos os exércitos da Escócia.

Felizmente, temos importante registro de uma de suas mais dramáticas profecias, caso tomado como crível por todos os seus biógrafos e dezenas de historiadores. Certa feita, jazendo no leito de morte, Knox pediu aos amigos David Lindsay e James Lawson que procurassem o Lorde de Grange, Sir William Kirkaldy, a quem Knox devotava imenso afeto e consideração. Preocupava-lhe o fato de Kirkaldy esforçar-se para defender de todas as formas o Castelo de Edimburgo, contra as investidas do exército inglês. Tomando conhecimento desse intento, Knox assim se pronunciou:

> Vão, rogo-vos, e dizei-lhe por mim, **em nome de Deus**, que a menos que ele deixe o caminho mau em que se envolveu, nem aquela rocha (referência ao Castelo de Edimburgo que ele defendeu contra o rei), nem a sabedoria carnal daquele homem[127] a quem ele considera como um semideus, lhe serão ajuda; mas ele será arrancado daquele ninho e jogado por sobre os muros de forma vergonhosa, e seu corpo ficará dependurado voltado para o sol: **assim Deus me assegurou**.[128] [grifo meu]

A mensagem foi recebida por Kirkaldy, mas não foi levada em consideração. Em 1573, vencido pelas forças inglesas, foi forçado a entregar o castelo que tentava defender. Seu portão estava interditado em razão da investida do exército inimigo. Tal como fora profetizado, Kirkaldy teve de ser baixado vergonhosamente pelo muro do castelo, amarrado por uma corda. Posteriormente, na tarde de 3 de agosto de 1573, foi enforcado voltado para o leste, contrário ao sol. Se assim morresse a profecia de Knox não restaria cumprida com detalhes[129]. Entretanto, antes de morrer, o corpo de Kirkaldy girou para o oeste de modo a ficar voltado para o sol exatamente como Knox predissera.[130]

Como dissemos, a opinião de Meville não tem sido aceita com a importância que deveria. Alguns eruditos têm levantado objeções quanto ao

componente incomum e extraordinário no ministério pastoral de vários reformadores escoceses e ingleses, incluindo Knox. Pierre Janton é um deles. Ele explica o sobrenatural, no caso específico de Knox, propondo que este não entendia suas profecias como sendo diretamente reveladas, e conclui que as ocorrências nesse tempo de reformas, inglesa e escocesa, eram tão somente a aplicação de textos bíblicos. Sobre isto Janton diz:

> As profecias de Knox são aplicações dos textos bíblicos para uma dada situação [...] Esta atitude define a rigorosa estrutura com as quais as profecias são possíveis. O Espírito Santo não fala ao profeta à parte da Escritura [...] Profecia é então um comentário e uma aplicação da Escritura[131].

A tese levantada por Janton não deve ser tomada como conclusão ideal. Poderíamos até aplicar este pressuposto em algumas situações específicas na vida de Knox e de alguns puritanos, os quais Janton não menciona, mas não o podemos fazer no caso em questão. É evidente que, no caso da morte de Kirkaldy, John Knox lança mão de uma profecia preditiva, uma revelação imediata em todos os seus termos. Não foi após ter lido e meditado em algum texto específico da Escritura que ele recomenda avisar a Kirkaldy para que deixe de proteger o castelo da rainha a fim de salvar sua vida. A declaração ***"assim Deus me assegurou"*** demonstra um escopo de maior amplitude, ou seja, Knox afirma, expressamente, que sua mensagem é típica de um oráculo profético, semelhante ao *"assim diz o Senhor"*.

O Dr. Dean Smith[132], pesquisando sobre o assunto, traz ao nosso conhecimento uma carta escrita por John Knox em 1565[133], na qual deixa claro entender que suas profecias eram revelações para o mundo caído acerca de coisas desconhecidas, e que Deus havia feito de sua língua uma trombeta para transmitir esses segredos a reinos, nações e governantes das mudanças que estavam por vir. Knox disse também que tais revelações e garantias não causavam temor em razão de não serem ainda conhecidas. Para o Dr. Dean

"esta é talvez a mais clara das declarações de Knox sobre Deus revelando eventos a ele com antecedência para que pudesse avisar reinos e governantes de coisas por vir."[134]

No entanto, Janton somente admite a profecia como possível, se estiver jungida ao que ele chama de rigorosa estrutura pautada nos limites da Escritura Sagrada. Esta proposta não chega a ser suficientemente persuasiva por desconsiderar algumas questões importantes, questões que caracterizam a mensagem de Knox como profecia, e vão além da mera pregação bíblica. Defender o ponto de vista de Janton é consignar a ideia de que profecia nada mais é do que a pregação bíblica combinada com a consequente aplicação da mensagem, sem que haja relação com as manifestações proféticas, como demonstradas aqui.

Knox profetiza em nome de Deus e manda avisar Kirkaldy a fim de que se arrependa e abandone os caminhos de idolatria que havia enveredado; caso contrário, receberia a justa punição da parte de Deus, detalhando de maneira clara como seria esta punição: *Kirkaldy seria enforcado e seu corpo ficaria voltado para o sol.* E por que dizemos isso agora?

O Cessacionista Brian Schwertley (2000, p. 43) assevera que um profeta só pode ser reconhecido como tal se suas profecias forem detalhadamente específicas, como no caso de Elias, o tesbita. Seguindo este parâmetro justo, Knox e suas profecias serão autenticados sem ressalvas. Sob o crivo como propõe Schwertley, é profecia que se compara a qualquer profecia bíblica (Dt 18.20-22). Contudo, por dever de justiça, devemos registrar que as conclusões de Janton[135], Greaves[136] e até mesmo do Dr. Milne[137] não são derivadas de estudos de relatos proféticos de Knox. As teses desses eruditos emergem de conclusões que têm por base uma afirmação em particular feita pelo próprio John Knox, que disse:

> Minha segurança não está nas maravilhas de Merlin nem nas sentenças condenatórias de profetas profanos; mas (1.) na plena verdade da Palavra

> de Deus; (2.) na invencível justiça eterna de Deus; e (3.) e o simples curso da punição e pragas desde o início, estas são minha segurança e fundamento. A Palavra de Deus ameaça destruição para todos os desobedientes, sua imutável justiça deve ser requerida da mesma forma.[138]

O Dr. Milne, por sua vez, entende que as profecias de Knox nada mais eram que *insights* aos quais ele denomina de mera perspicácia profética[139], ou aquela iluminação maior para ler, entender e ensinar a aplicar os ensinos das Escrituras. Isto nos parece engano, mesmo sendo fruto de uma disposição sincera. Este conceito se enquadraria no segundo nível de profecia proposto por Rutherford, mas ainda assim os elementos estruturantes da profecia de Knox superam em muito a iluminação espiritual para o estudo de algum texto bíblico complexo com o qual Rutherford expõe. Reiteramos que Knox não só alerta Kirkaldy de idolatria, mas profetiza em detalhes a morte de Kirkaldy em caso de impenitência, informando, inclusive, que Deus havia assegurado daquele certeza.

Ainda assim as conclusões dos eruditos aqui relatados, com todo respeito, neste caso específico, carecem de consistência hermenêutica e respaldo histórico mais amplo, que transpõem até mesmo a esfera teológica. É preciso entender alguns elementos contidos nessa afirmação de Knox para elaborar uma conclusão condizente e acertada.

Voltando ao ponto objeto da citação anterior do próprio Knox ninguém pode garantir, por exemplo, que ele estivesse combatendo algum suposto profeta de seu tempo que alegasse possuir novas revelações extraordinárias, e afirmando com isto que Deus não fala além das Escrituras. Ele aparenta estar simplesmente se defendendo de ataques contra sua atuação profética. Knox, em primeiro plano, parece dirigir-se a alguns que desejam acusá-lo de emular o dom de profecia[140] preditiva, emulação comparada por ele às maravilhas de Merlin. Ele diz, expressamente, não ser um mago como Merlin o era. E por isso, Knox reitera que sua segurança não repousa nestas maravilhas

blasfemas. Merlin fora acusado por seus inimigos de ser filho de um *incubus*[141].

Talvez, e aí fazendo um exercício de inferência histórica, Knox esteja desconsiderando seus adversários e os falsos profetas de sua época comparando-os ao personagem da cultura escocesa do século 6.

Por esta razão é necessário entender o pano de fundo no qual raciocina a mente de Knox e nos colocarmos no lugar de seus ouvintes primários, que ouvem e entendem sua fala. Convém lembrar que a hermenêutica reformada exige a consideração da intenção autoral no processo interpretativo. Para entendermos esta questão em particular, tendo em vista que muitos consideram Merlin um personagem lendário, precisaremos de auxílio externo.

Ardrey, em seu livro *"Finding Merlin - The Truth Behind the Legend of The Great Arthurian Mage" (Procurando Merlin - A Verdade Atrás da Lenda)*[142], após seis anos de pesquisa, concluiu que o mago escocês não era um personagem mítico, mas histórico, tendo nascido em 540 no povoado de Hamilton, no condado de Lanarkshire.

Ele aponta que os primeiros registros sobre a vida de Merlin diziam que este era considerado um mero profeta, menor em dignidade, que depois evoluiu gradativamente, tornando-se conselheiro do rei Arthur e no mago que conhecemos no presente.

Na visão de Ardrey, os historiadores britânicos consideraram equivocamente que Merlin havia sido uma criação literária de Geoffrey De Monmouth[143], cujo livro *"História dos Reis da Bretanha"*, do século 12, combinou tradições celtas e galesas com a história de dois profetas chamados Myrddin[144] e Ambrosius[145]. Conclui-se, portanto, que os ouvintes de Knox entenderam perfeitamente a associação feita a um conhecido personagem popular.

Ressalte-se que, nesta obra, Ardrey afirma conclusivamente que por

muitos séculos os historiadores cristãos esconderam o segredo das raízes escocesas por causa das constantes batalhas e idiossincrasias entre ingleses e escoceses durante a Idade Média[146].

Além do mais, a coroa inglesa perseguiu ostensivamente os não-conformistas não só ali na Inglaterra, mas também na Escócia. A maioria dos puritanos perseguidos, assim como Knox, era escocesa e presbiteriana, e em total desconformidade com os editos reais. Em suma, Knox era vítima de perseguição religiosa e civil, pelo fato de ser escocês, mas, sobretudo, presbiteriano não-conformista. Perseguição esta que se dava com o emprego de várias armas, incluindo ataques morais contra a honra pessoal e o seu ministério. Entendemos que a teoria proposta por Ardrey segue uma lógica acertada. Mas este também não é o foco da nossa questão.

Agora com o cenário histórico remontado, a tarefa de entender as palavras de Knox torna-se mais fácil, pelo menos em tese. Por isso, e mais apropriadamente, consignamos a teoria de que Knox pode estar afirmando que seu ministério não se assemelha ao de Merlin. Sproul (2001, p.47) diz que Hus fez algo parecido[147], ou seja, Knox pode estar lançando mão de um recurso retórico próprio de sua época fazendo jogos de palavras, de certa forma, enigmáticos. Esse era um recurso comumente utilizado na época dos reformadores.

Aliás, vemos este mesmo comportamento no caso em que Jesus responde à acusação feita pelos doutores da lei de que ele expulsava demônios pelo poder de Belzebu (Mt12.24) ou quando Paulo curou um coxo em Listra e os circunstantes atribuíram o milagre aos falsos deuses (At 14.11). Knox parece fazer o mesmo em defesa de seu ofício profético, afirmando que suas palavras eram recebidas diretamente dos céus sendo ele a própria boca de Deus.

Por fim, quanto à referência aos *profetas profanes*, enxergamos algumas possibilidades. Primeira delas é que Knox pode estar relembrando Myrddin,

um louco que havia se refugiado em terras escocesas e pronunciado muitas previsões para o futuro. Assim, ele refuta qualquer semelhança de seu ministério com o deste outro personagem.

Segundo, esta pode ser uma referência direta a agoureiros e entusiastas ou mesmo a inimigos romanistas que se encaixam perfeitamente nesta categoria de falsos porta-vozes das maldições divinas.

O contexto da frase do reformador escocês e dos ânimos aflorados de sua época oferece-nos ideia aproximada dos ultrajes que recebia, em vista de suas profecias e pela comoção social que provocava com sua poderosa atuação. A Escócia foi positivamente abalada pelo ministério do escocês atarracado. Destarte, Knox poderia estar sendo comparado pelos asseclas do papa a um herege por pronunciar palavras que, para a cúria romana de então, seriam oráculos não de um profeta, mas de um grão-druida[148] . O reformador escocês, ao anunciar seu destemor em vista das sentenças condenatórias praguejadas contra si, demonstra seu descaso contra ataques, ameaças e agouros que lhe eram dirigidos. A verdade não se dobraria, segundo Knox, aos pés dos poderes diabólicos das trevas[149].

Por fim, Knox afirma que suas esperanças não repousam em seu poder profético, porque este poder estava sujeito à cessação. Sua confiança está alicerçada na Palavra revelada, ainda que ele seja instrumento difusor da anunciação de fatos estranhos e incomuns em seus dias. Ser um agente profético não abalava em nada a crença de Knox na suficiência das Escrituras.

Se os fatos forem estes que apresentamos e nossa proposição se mostrar consistente, então as teorias de Janton, Smith e até mesmo do Dr. Milne perdem seu viés persuasório.

Inúmeras foram as profecias atribuídas a John Knox, que se tornou um homem temido na Escócia pelo fato de que nenhuma de suas palavras caiu por terra. Tornou-se profeta afamado, reverenciado e temido. Uma delas,

especialmente intrigante, revela três pontos importantes, sobre os quais iremos nos deter um pouco:

> Em 24 de janeiro de 1570, John Knox estava no púlpito e um bilhete foi colocado em suas mãos, entre outros onde se pedia oração pelos enfermos; o papel continha estas palavras: "Considere este homem a quem você apresentou um outro deus", aludindo ao Conde de Moray, que fora assassinado no dia anterior. Depois de ler, Knox colocou o bilhete no bolso sem demonstrar a mínima descompostura e prosseguiu. Após o sermão, referiu-se à morte de um digno nobre que tanto a Igreja como o Estado lamentavam, mostrando que Deus também remove governantes bons e sábios de um povo; e finalmente disse: 'Há entre nós um que se alegra com um assassinato horrível, que entristeceu a todos os homens de bem. Digo-lhe que morrerá em uma terra estranha, onde não terá um amigo próximo para amparar sua cabeça.' Thomas Maitland, o autor do bilhete infame, ouvindo o que Knox disse, relatou tudo à sua irmã, Lady Trabrown, mas disse que Knox estava delirando, pois falava contra quem não sabia; ela respondeu com lágrimas, porque nenhuma das ameaças de John Knox havia caido por terra. Este cavalheiro depois foi para o exterior e morreu na Itália, em seu caminho para Roma, não tendo nenhum homem para confortá-lo e ampará-lo no instante de sua morte.[150]

O primeiro ponto que percebemos neste relato é quanto ao fato de o bilhete não conter assinatura. Como Knox poderia saber a autoria, sem que Deus o tivesse revelado? Em segundo lugar, Lady Trabrown confirma a respeitabilidade da qual Knox gozava como profeta naquela nação. Derradeira conclusão, importante notar que ela tem a profecia como certa de ser cumprida, visto que suas lágrimas choram antecipadamente o triste fim de seu irmão, Thomas Maitland.

---

[123] Ridley registra o ano de 1505 como sendo o ano do nascimento de Knox *in John Knox.* Nova Iorque-Londres: Oxford University Press,1968. Opinião corroborada por Thomas M'Crie em *The Life of John Knox, the reformer scotish*, Philadelphia: Presbyterian Board of Publication, 1839. Peter Hume Brown, editor de registros do *Privy Council of Scotland*, registra o mesmo ano como sendo o

de nascimento de Knox, *in John Knox, A Biography, vol. i, London: Adam and Charles Black, 1895. p. 4.*

[124] Haddington é também registrada pela maioria dos biógrafos como sendo a cidade natal de Knox, informação desmentida pela obra Scots Worthies, tomada por nós aqui como sendo o registro mais fidedigno acerca da vida de John Knox.

[125] *Scots Worthies*, p. 52.

[126] Cf. RIDLEY, *op. cit*, 1968, p. 504.

[127] Knox refere-se a Guilherme Maitland de Lethington então Secretário de Estado da rainha Maria da Escócia.

[128] HOWIE. John. *Biographia Scoticana or a brief Historical Account of the Lives, characters & Memorable Transactions of the most eminent Scots Worthies* by John Howie, of Lochgoin. Dumfries: Printed and published by D. Halliday, Waugh & Innes; Stirling & Kenney; and T. Nelson, Edinburgh R. Griffin & Co., and J. Dow, Glasgow: W. Mason, London: and W. M'Comb, Belfast, 1835, p.63, [tradução nossa]. *"Go, I pray you, and tell him from me, in the name of God, that unless he leave that evil course, wherein he has entered, neither shall that rock (meaning the castle of Edinburgh, wich he then kept out against the King), afford him any help, nor the carnal wisdom of that man, whom he counteth half a god (meaning young Lethington); but he shall be pulled out of that nest, and brought down over the wall with shame, and his carcase shall be hung before the sun; so God hath assured me."* O mesmo episódio é mencionado na p. 86 da edição de 1781 impressa por John Bryce, com supervisão do próprio John Howie.

[129] Embora não dependesse dos detalhes para restar como sentença divina. O caso de Ágabo (At 21) ilustra perfeitamente a afirmação.

[130] Cf. RIDLEY, *op. cit*., 1968, p. 519.

[131] JANTON (1993, pp.37-44) *apud* GARNET (2004, p.225).

[132] KNOX, 1996. vol 3. pp. 176-177 *apud* SMITH 2001, p. 42.

[133] Peter Hume Brown, renomado biógrafo que também escreveu a biografia de George Buchanan igualmente a cita no livro *John Knox, A Biography*, vol. ii, London: Adam and Charles Black, 1895, notas de rodapé das páginas 209-210.

[134] KNOX, 1895, vol 6, pp. 229 *apud* Smith, 2001, p. 42.z

[135] JANTON, Pierre. *Prophétie et Prophesying chez John Knox et dans La Tradition Puritaine. Geneviève* Demerson et Bernard Dompnier (eds.), Les Signes de Dieu aux XVIe et XVIIe Siècles: Actes du Colloque Organisé par le Centre de Recherches sur La Réforme et La Contre-Réforme Clermont-Ferrand: Faculté des Lettres et Sciences humaines de l'Université Blaise-Pascal, 1993, pp.37-44.

[136] GREAVES, Richard L., *Theology and Revolution in the Scottish Reformation.* Grand Rapids: Christian University Press, 1980, pp. 4-24.

[137] MILNE, Garnet Howard. *The Westminster Confession of Faith and Cessation of Special Revelation*.

Tese de Ph.D publicada na Universidade de Otago, Dunedin, Nova Zelândia, 2004, p.226. Ao Dr. Howard Garnet Milne devo sincera gratidão por me ajudar a entender muito do panorama histórico sobre os puritanos. Gratidão pelo seu desprendimento e confiança em disponibilizar sua tese que estava em vias de ser publicada no mercado editorial americano.

[138] KNOX, John. *The Works of John Knox*. ed. D. Laing. Edinburgh: James Thin, 1895, vol. 3, 168-9.

[139] GARNET, 2004, p. 224.

[140] Como Simão, o mágico que desejava adquirir por preço o que ele julgava ser poderes mágicos. A reação de Knox em muito se assemelha à reação dos apóstolos: *"Não tendes parte neste ministério"*.

[141] Espírito mau que tem relacionamento com mulheres enquanto dormem. Muitos suspeitavam que a criança "diabólica" (Merlin) veio para ser um contrapeso à boa influência que Jesus Cristo teve na terra.

[142] ARDREY. Adam. *Finding Merlin - The Truth Behind the Legend.* Edimburgo: Mainstream Publishing Company, 2007, 384 pp.

[143] Além desta, ele escreveu várias outras obras que se destacam, tais como *The Prophecies of Merlin*, 1535.

[144] Merlin primeiramente fora confundido com este personagem histórico.

[145] Merlin profetizou que Vortigern seria morto e o trono seria tomado por Ambrosius Aurelianus, Uther, depois por Arthur. Caberia a este empurrar os Saxões (ingleses) para trás.

[146] Não é isto o que denuncia acertadamente o Dr. Milne sobre as tensões sociais, políticas e religiosas na Grã-Bretanha do século 17?

[147] Quando Hus estava sendo executado à morte na fogueira registra-se que tenha dito: *"Hoje vocês estão queimando um ganso, mas dentro de um século encontrar-se-ão com um cisne, e este cisne vocês não poderão queimar"*. O nome Hus significava ganso no idioma boêmio. O cisne a quem Hus se referia era Lutero, que surgiu 102 anos depois com as 95 teses.

[148] Fontes clássicas como Plínio e Cícero referem-se ao interesse dos druidas pelo estudo dos astros e pela prática da adivinhação. Tácito e Suetônio confirmam o interesse, mas nos apresentam os druidas como bárbaros e supersticiosos. Analisando o contexto histórico, T.D. Kendrick, em sua obra "The Druids" (Londres, Random House, 1996), afirma que, até a época do início do Império Romano, os druidas gozavam de ótima reputação, mas, a partir da formação da Igreja Católica, começaram a ser atacados e desprestigiados. Pode ser que os romanistas estejam querendo impingir o mesmo desprestígio ao ministério profético de Knox. Peter Berresford Ellis, em "El espíritu del mundo celta", afirma que tal desprestígio se deveu muito mais à necessidade de justificativas para a conquista e a dominação dos celtas do que por demérito dos druidas.

[149] Em 6 de março de 1521, Lutero fez algo parecido. Quando intimado a comparecer perante a Dieta Imperial em Worms, sendo-lhe assegurado salvo-conduto disse: *"Ainda que houvesse em Worms tantos demônios como há telhas sobre as casas, contudo lá entrarei."*

[150] Cf. HOWIE. John. Biographia Scoticana Or, a brief historical account of the lives, characters and

memorable transactions of the most eminent Scots Worhies. Glasgow: Printed by John Bryce, 1781, p. 83: *On the 24th of January, 1570, Mr. Knox heing in the pulpit, a paper was put into his hands, among others, containing the names of the sick people to he prayed for; the paper contained these words, "Take up the man whom you accounted another God," (this alluded to the Earl of Moray, who was slain the day before). Having read it, he put it in his pocket, without shewing the least discomposure. After sermon, he lamented the loss which both church and state had met with in the death of that worthy noblemen, shewing that God takes away good and wise rulers from a people in his wrath; and at last said, " There is one in the company who maketh that horrible murder, at which all good men have occasion to he sorrowful, the suhject of his mirth. I tell him, he shall die in a strange land, where he shall not have a friend near him to hold up his head."*

JOHN WELCH (1570-1622)

Este é outro importante personagem do movimento reformador na Escócia. John Welch nasceu em Dumfriesshire no ano de 1570 e, anos depois, exerceria forte liderança e influência no presbiterianismo escocês. Teve juventude desregradamente conturbada, mas depois, reabilitado, ingressou na Universidade de Edimburgo onde obteve, em 1588, seu mestrado. Elizabeth Knox, filha do reformador escocês, foi sua mulher, com quem permaneceu unido por dezesseis anos e teve três filhos.

Se sua juventude foi desregrada, no exercício do ministério pastoral Welch ficou conhecido por sua consagração exemplar ao Senhor. Dizia-se dele que considerava particularmente perdido o dia em que não se devotasse por sete ou oito horas à oração[151]. Ao assumir o pastorado no condado de Ayr, não raramente investia longas noites em oração na igreja[152] pela obra de Deus e pela salvação do mundo.

Semelhante a John Knox, Welch era considerado um espírito profético de seu tempo. Samuel Rutherford, o notável assistente escocês na Assembleia de Westminster, disse tratar-se de um homem de Deus celestialmente profético[153]. Em virtude de seu ímpeto como pregador e sua consagração, despertou a ira do rei, que o condenou ao exílio. Além do mais, à semelhança dos demais ministros envolvidos na Reforma Protestante, Welch possuía imenso zelo pelas Escrituras. Uma vez mais notamos que o zelo pelas Escrituras não é óbice para expectação de manifestações proféticas na Igreja

pós-apostólica.

Howie nos conta uma série interessante de casos proféticos que envolveram Welch no andamento de seu ministério. Um deles[154] se passa na ocasião em que uma peste havia assolado a região da cidade em que Welch vivia. Rumores de que a praga tinha se dissipado ganharam força e a paz havia se instalado em todo o condado.

Foi quando dois mercadores a cavalo chegaram à cidade de Ayr com o propósito de ali venderem seus tecidos. Quando se depararam diante do portão da cidade pediram passagem, ao que a sentinela solicitou chamar os magistrados, que por sua vez solicitaram a presença Welch e ali perguntaram sua opinião sobre se deveriam autorizar ou não a entrada dos dois mascates.

Welch ficou em oração por alguns minutos e depois disse aos magistrados da cidade que não dessem ingresso aos mercadores, pois a praga estava nos rolos de tecido. Os juízes então despediram aqueles homens e eles se foram. Poucos dias depois, se teve notícia de que Cumnock, cidade vizinha, tendo autorizado o ingresso daqueles dois homens, viu-se tomada pela praga antes anunciada por Welch. Muitos morreram nessa ocasião e, quando tais fatos ganharam as redondezas, Welch ganhou ainda mais notoriedade e respeito.

Howie também nos conta um outro evento interessante envolvendo Welch enquanto este residia em Ayr. Ele relata uma profecia que se deu da seguinte forma:

> Aconteceu durante a residência dele em Ayr que, na casa de um cavalheiro que distava oito milhas dali, o Dia do Senhor era grandemente profanado por causa de uma grande confluência de pessoas que jogavam futebol e outros passatempos. Depois de haver escrito várias vezes para ele, a fim de que suspendesse aquela profanação, sem efeito, o Sr. Welch veio um dia ao portão daquele homem e, convocando-o, disse ser possuidor de uma mensagem de Deus e que, porque já havia dado conselhos anteriores sem ter sido atendido, Deus o expulsaria da casa dele e nenhum dos de sua posteridade desfrutaria dela. Nesse tempo aquele cavalheiro vivia em excelente situação financeira. Contudo,

> daquele dia em diante todos os acontecimentos foram contrários a ele, tendo sido obrigado a vender a propriedade dando posse ao comprador de tudo o que possuía. O homem depois declarou à esposa de Welch e às crianças que havia achado o Sr. Welch um verdadeiro profeta.[155]

Repare que Welch primeiro exorta aquele homem que deixe sua prática profana contra o Dia do Senhor. Não sendo atendido, o ministro escocês se dirige até o profanador e informa-lhe do juízo divino que sobreviria ante a obstinada recusa. Não se sabe como Welch recebeu tal revelação. Sabe-se apenas que ele profetizou a desgraça e que essa se deu na vida daquele senhor.

Na ocasião, Welch não proferiu uma série de palavras, como que adivinhando um período de desgraça curto, mas predisse que a maldição cairia sobre toda a descendência daquele homem de forma que esta não gozaria dos bens que possuía. E se deu exatamente da forma como Welch anunciara.

Outro caso interessante aconteceu quando ele foi feito prisioneiro no Castelo de Edimburgo. Certa noite, convidado para o jantar pelo Lorde Ochiltree, entreteu os que estavam à mesa com um discurso piedoso e edificante, como era de seu costume. Fora bem recebido por todos à mesa, exceto por um jovem papista que reiteradas vezes debochava e ridicularizava a fala de Welch com caretas irônicas. Então Welch parou abruptamente e solicitou aos presentes que fizessem silêncio, a fim de observarem o trabalho do Senhor sobre o escarnecedor. Após esta menção, o jovem profano descaiu e morreu debaixo da mesa, para grande espanto de todos[156].

---

[151] HOWIE, John. *The Scots Worthies.* Revised from the author's original edition by the Rev. W. H. Carslaw, D.D. Edinbugh and London: Oliphant, Anderson & Ferrier, p. 120.

[152] *Ibid*. p. 122.

[153] FLEMING, Robert. *The Fulfilling of the Scripture, in the three parts* Glasgow: Printed by Stephen Young, Prince's Street, vol.i, 1801, p.361.

[154] Cf. HOWIE. *op. cit.*, 1781, pp. 138-39.

[155] *Ibid*, pp. 137-38.

[156] *Ibid*, p. 143.

ALEXANDER PEDEN (1626-1686)

Alexander Peden nasceu no dia 26 de janeiro de 1626 na fazenda Auchincloich, perto de Sorn, Ayrshire, e estudou na renomada Universidade de Glasgow, na Escócia. Foi professor em Tarbolton e ordenado ministro em New Luce de Galloway no ano de 1660.

No ano da restauração de Carlos II, Peden teve de deixar sua paróquia em virtude de ato de exclusão em 1663, refugiando-se na Irlanda com vários de seus amigos. Era celibatário e homem de reconhecida consagração a Deus.

Convém anotar que Thomas Mc'Crie (1874, p. 345) observa que muito do que se fala acerca de Peden possui certo exagero. Seus amigos capricharam em exaltar seus valores particulares, enquanto os inimigos fizeram o contrário. Peden, assim, tornou-se um mito, uma figura folclórica de seu tempo. Aliás, alguns fatos que o envolvem são pitorescos. Por exemplo, enquanto era foragido e se escondia das forças inglesas que o caçavam por ordem do Rei, Peden usou uma sinistra máscara tecida de pano e peruca para esconder o rosto[157].

Wodrow (1750, p. 397), por sua vez, afirma que o livro *Peden's Prophecies* (As profecias de Peden) é um tanto quanto estranho e nega a veracidade de muitas informações nele registradas. A crítica visava atacar a obra de Patrick Walker, que segundo Wodrow, carecia de substância, sobretudo em razão de Walker não ter sido contemporâneo de Peden e que, portanto, seus relatos deveriam ser analisados criticamente e até descridos,

em razão de pesar sobre ela uma suposta falta de documentação adequada.

Declarações semelhantes foram feitas em desfavor da obra de Walker, mesmo sendo conhecida a informação de que ele houvera percorrido mais de mil quilômetros entre a Escócia e a Irlanda a fim de levantar relatos testemunhais.

Wodrow não chega a discordar conclusivamente que Peden tivesse de fato o dom da revelação, embora tenha afirmado que muitos dos eventos atribuídos a Peden como dom de profecia eram resultado da personalidade de um homem muito sagaz, observador muito atento da providência divina e de sua capacidade de discernimento acima da média. Contudo, Wodrow concluiu que várias das predições de Peden foram legitimamente verificadas, sendo a mais notável delas o anúncio da morte do rei Carlos.

Peden é contado como um dos mais brilhantes partidários da Reforma Protestante escocesa. Não diferente de seus contemporâneos, ele nutria extremada afeição pelas Escrituras, e foi um pregador popular de sua região. Além de ser exímio expositor bíblico, Peden ficou conhecido como o profeta presbiteriano[158]. Trazemos o registro de uma dessas profecias. Na ocasião do casamento de Isabel Weir e John Brown, após a cerimônia, Peden dirigiu-se à noiva dizendo-lhe que havia se casado com um bom homem, mas que aproveitasse todo o tempo possível com ele.

Alertou-a claramente que seu marido teria morte trágica e prematura. Três anos decorridos dessa ocasião, Peden pernoitou na casa dos Brown. Ao alvorecer do dia, quando estava partindo, disse aos que o acompanhavam que aquele dia seria sombrio para a jovem Isabel. Conforme profetizara três anos antes, naquela fatídica data, John Brown seria fustigado pela ira assassina de John Graham de Claverhouse, por se recusar a retroceder de sua convicção de ser Cristo o cabeça da Igreja, e não o monarca inglês. Ao ser sentenciado à morte foi-lhe concedido despedir-se da jovem Isabel antes de ser brutalmente assassinado.

Peden, que estava distante do local da morte, adentrou na casa do dileto amigo John Muirhead e instou a família a orar com ele. Na oração, ele bradou aos céus perguntando quanto tempo se esperaria até que o sangue de Brown fosse vingado, e passou a explicar a todos os que ali estavam reunidos acerca da visão que tivera. Sua visão, detalhadamente precisa, é impressionante e denota a ideia de que, não obstante Peden amar as Escrituras, ele recebera de Deus mensagem que sugere transcender o corriqueiro exame da Palavra revelada. Este comportamento pode ser percebido no relato que segue:

> Meus irmãos, Claverhouse esteve em Priesthill nesta manhã e matou John Brown. Seu corpo repousa inerte nos fundos de sua casa, e a pobre esposa, assentada, chora ao lado do corpo, sem ter quem a console. Esta manhã, logo após o nascer da aurora, vi uma estranha aparição no firmamento; a aparição de uma estrela brilhante, clara, reluzente, que caía do céu em direção à terra. E na verdade há uma luz clara e reluzente que despencou neste dia, o maior cristão com quem já conversei em toda minha vida.[159]

A primeira questão que devemos lembrar aqui é que, depois da profecia propriamente dita, Peden teve uma visão no dia de seu cumprimento, ou seja, Deus não apenas revelou o que iria acontecer, mas igualmente revelou o cumprimento. Como ele pôde descrever a cena de Isabel ao lado do corpo do marido após o assassinato com tamanha riqueza de detalhes sem estar presente na cena? Como ele sabia que era nos fundos da casa? Como sabia que não tinha quem a consolasse, senão por uma visão profética?

Outro caso, desta feita em um dos vários casamentos que Peden era chamado a fazer, aconteceu para espanto daqueles que testemunharam.

> E na mesma época ele estava casando dois casais de paroquianos; a um deles, disse: ‘Espere! Não vou casar vocês hoje’; o noivo ficou ansioso em saber seus motivos para tal e após a cerimônia o inquiriu em particular: Ele disse: ‘você me agradecerá por isso posteriormente, e considere estar bem longe desta mulher, pois ela carrega um filho do

> marido de outra mulher'; o que era fato, como o tempo se encarregou de mostrar .[160]

Quanto ao segundo relato é impressionante notar que Peden revela conhecer a gravidez da mulher. Como, não sendo seu médico, parente próximo ou qualquer coisa que o valha, ele soubera do fato com tanta antecedência? Como levantar esse tipo de suspeição contra a honra de uma mulher noiva e às portas do altar? Era arriscar demais uma reputação pessoal afirmar algo sobre a qual não se tivesse absoluta certeza. Neste caso, temos por certo que Deus revelou a ele, de maneira muito clara, que aquela mulher era culpada de adultério. E que este adultério obrigaria um bom homem a assumir o encargo de criar, sem saber, um filho bastardo. Pouco tempo depois da revelação ao noivo, descobriu-se todo o fato, como apontam os registros da época.

Esta e outras tantas profecias foram registradas por amigos e companheiros de peregrinação. Peden nos deixou a verdade de que Deus em dias de avivamento manifesta glória e poder do Espírito agradando-se, até mesmo, em falar extra-escritura com seus servos e com sua Igreja, a fim de divinamente alertá-los e consolá-los, sobretudo em tempos de aflição.

Caminhamos para o fim de nossos registros. Robert Bruce, nosso próximo personagem, também nos falará de manifestações gloriosas da parte de Deus em sua época.

---

[157] A máscara hoje se encontra exposta ao público no Museu Nacional da Escócia, em Edimburgo. Uma fotografia ampliada pode ser encontrada através do site: http://awrycanadian.blogspot.com.br/2011/01/backblog.html

[158] CAMERON, Thomas. *Peden the Prophet.* Edinburgh: James A. Dickson, 1981, p.25.

[159] SMELLIE, Alexander. *Men of Covenant: The Story of the Scottish Church in the Years of the Persecution* London: Andrew Melrose, 1905, p. 334-5.

[160] WALKER, Patrick. *Biographia Presbyteriana*, vol. i. Edinburgh: J. Stevenson, 1685, p. 52.

ROBERT BRUCE (1554-1631)

Robert Bruce nasceu, provavelmente, no Castelo de Airth, em Stirlingshire, e anotam o ano de 1554 como provável de seu nascimento. Era o segundo filho de Sir Alexander Bruce de Airth e de Janet Livingston, bisneta do rei Tiago I. Inicialmente, estudou Direito, mas, para grande desgosto de seus pais, resolveu entrar para o ministério após sua conversão em 1581, e foi estudar em St Andrews sob a supervisão de Andrew Melville. A conversão foi uma experiência interna muito marcante e isto o constrangeu a oferecer sua vida à Igreja.

Sobre Bruce, Livingston disse: *"ouvi várias vezes o Sr. Robert Bruce, e, em minha opinião, nenhum homem falou com maior poder desde o dia dos apóstolos"*.[161]

Em 1587, a Assembleia Geral o escolheu como ministro de St. Giles em Edimburgo, seu primeiro e único pastorado. Em 1588, foi eleito Moderador da Assembleia. Ambas as designações demonstram a excepcional estima que lhe era creditada. Entre 1589-90, atuou como conselheiro privado do rei por cinco meses enquanto Tiago VI esteve ausente na Dinamarca.

Aparentemente, as relações com o monarca mantiveram-se estáveis durante seis anos, mudando radicalmente a partir de 1596, com a decisão régia de reintrodução do episcopado na Igreja e a determinada oposição de Bruce a este respeito.

Por volta de 1600, Tiago estava tão desgostoso com ele, que, quando

Bruce se recusou a anunciar do púlpito a versão real da “Conspiração Gowrie”[162], foi banido para a França por vários meses, depois preso na Inglaterra e confinado em sua casa em Kinnaird, no distrito de Larbert.

No ministério de Bruce deram-se vários acontecimentos que causaram espanto, sobretudo de seus amigos mais próximos. Muitos exemplos da manifestação de poderes sobrenaturais foram registrados por Calderwood, que o conhecia pessoalmente, e foram contados na biografia escrita por Wodrow.

Um desses casos relata um acontecimento curioso quando Bruce estava ministrando a Ceia do Senhor:

> SUA PAUSA NA MESA DA CEIA - Tenho ainda vários outros eventos singulares de um de seus sucessores, Sr. White, ministro em Larbert, que me foram passados por pessoas presentes, e firmemente afirmaram o episódio. Quando ministrando o sacramento da Ceia a seu povo, Sr. Bruce estava prestes a servir a mesa que estava cheia na ocasião. Quando ele se levantou para falar, permaneceu calado por um tempo; por fim, quebrou o silêncio com mui grande preocupação, e disse: ‘Certamente há uma pessoa nessa Santa Mesa culpada de um terrível pecado e do qual não se arrependeu; pois meu Mestre me fez calar, e não posso dizer nada até que a pessoa saia; e em nome do Senhor, eu ordeno que ele saia dessa Santa Mesa’; e então sentou-se novamente. Enquanto todos refletiam, e aguardavam o evento, um homem levantou-se da mesa, e saiu da igreja. O sr. Bruce então continuou e serviu a ceia com muitíssima liberdade. Anotaram quem era o homem e depois o inquiriram; quando perguntado, confessou que ele era habitualmente culpado de um pecado mui horrível.” [163]

Trata-se de um caso típico do dom de profecia que revela o segredo oculto do coração, como o que registra o apóstolo Paulo em sua carta aos crentes de Corinto (1 Co 14.24-25). É a manifestação graciosa de Deus como forma de preservação da Igreja, aplicada aqui contra a impureza diante da Mesa do Senhor. É bem verdade que nem sempre todos se examinam devidamente

para tomar assento e comer do pão e beber do vinho sem se tornarem réus. Evidente que estando o recinto cheio como registra o relato, não era tarefa fácil apontar o número exato de quem era culpado de grave pecado sem o devido arrependimento.

Outra ocorrência, esta com aparência de milagre, à semelhança do velo de Gideão, em Juízes capítulo seis, versículos de 36 a 40, foi o caso de um homem que, tendo enfrentado gravíssima depressão, estivera em seus últimos momentos de vida sob a influência do pregador escocês. O sr. Bruce era um homem devotado à tarefa de ganhar almas para Cristo e o destino eterno das pessoas era alvo de sua grande preocupação. Narra-se o seguinte quanto a esta ocasião:

> "Sobre um homem que se afogou – A mesma pessoa dá os seguintes relatos, os quais podem ser algumas daquelas coisas que o Sr. Fleming obteve relatos de pessoas de confiança, mas considerou-as tão estranhas que não as quis publicar; e eu as escrevo aqui mais para preservação, e maior investigação, do que para presente publicação, até que elas sejam melhor consideradas. Houve uma pessoa na congregação de Bruce em Larbert, que por certo tempo esteve sob grande desânimo, e profunda agonia. Um dia após o Sr. Bruce ter conversado com este homem por certo tempo, ficou tarde, e houve uma grande chuva, e o nível das águas se elevou. O homem então quis ir para casa. Bruce solicitou que ficasse até o dia seguinte, mas de maneira alguma conseguiu convencê-lo. Quando se foi, o Sr. Bruce declarou recear que algo poderia lhe acontecer. Quando Bruce soube que ele estava desaparecido, buscou ajuda para procurá-lo, e ordenou que, quando fosse encontrado, suas roupas deveriam ser rigorosamente verificadas. Imagina-se que ele havia recebido algum sinal do Senhor com relação à pessoa; pois ele disse, se suas vestes e pele estiverem secas perto do coração, ele ficaria persuadido da sua salvação; se não, Bruce não determinaria nada acerca do estado eternal do homem. Por conseguinte, quando ele foi encontrado, as roupas do lado esquerdo do homem, até sua camiseta e pele, foram encontradas perfeitamente secas, um palmo ou dois perto do seu coração, embora todo o resto estivesse completamente encharcado."[164]

Somente com uma direção celestial extremamente objetiva Robert Bruce poderia dar indicações tão precisas a respeito dessa situação. Em primeiro lugar, como Bruce sabia que o jovem seria encontrado morto? Ele deu instruções por desejar certificar-se do estado eterno daquele moço e já sabia que não estava mais vivo. Em segundo lugar, deu instruções muito específicas. Era humanamente impossível que uma vítima de afogamento estivesse com parte de suas roupas e pele completamente secas, sobretudo porque ainda chovia torrencialmente na ocasião das buscas. E mais, num contexto como o mencionado, de chuva e afogamento, como esperar que o homem estaria completamente enxuto apenas em uma pequena área próxima ao coração?

É clara a ocorrência de uma variação de profecia que visou a apontar, com riqueza de detalhes, determinada situação que está além do conhecimento humano comum, transcendendo a mera perspicácia, o campo da sagacidade e da agudeza de espírito. Não há espaço para dissimulações ou fraudes aqui. As ordens são dadas por antecipação e com uma objetividade impressionantes.

---

[161] MACNICOL. D.C; *Robert Bruce: Minister in the Kirk Edenbur*g, 1907. Oliphant, Anderson and Ferrier, London, 1907, p.12.

[162] A conspiração Gowrie foi uma tentativa de sequestrar e assassinar o Rei Tiago VI, em agosto de 1600.

[163] BRUCE. Robert. *Sermons by the Robert Bruce, Minister of Edimburgh*. Edmonton: 1843, Still Waters Revival Books,. pp. 147-48.

[164] *Ibid*. pp. 148-149.

RICHARD CAMERON (1647-1680)

Richard Cameron nasceu por volta de 1647-48 em Falkland e estudou no Colégio de São Salvador, da Universidade de St. Andrews. Após sua formatura em 1622, retornou para Falkland, onde assumiu a função de professor na escola paroquial e de preceptor[165] entre o final de 1669 e início de 1670[166]. Algum tempo depois começou a frequentar reuniões na casa de John Geddie.

Em razão dessas reuniões, em 16 de abril de 1675, ele, seu irmão Michael e seus pais foram convocados a comparecer perante o tribunal local a fim de responder sobre a acusação de estarem mantendo um conventículo[167] com a participação maciça de pessoas com opiniões não-conformistas.

Após este incidente, Cameron mudou-se para Edimburgo[168] juntamente com a família, , onde se manteve sob a direção espiritual de John Welwood. Em 1675, depois de breve período como capelão da esposa de Sir William Scott de Harden, Cameron foi demitido por se recusar a comparecer à igreja paroquial no domingo[169]. Com o incentivo de Welwood, Cameron teve uma vida incrivelmente religiosa, ativa e, eventualmente, era-lhe permitido ser pregador.

No período que compreende 1669 e 1672[170] dois editos em nome de Carlos II foram promulgados com a finalidade de atrair aproximadamente mais de 270 dissidentes, ou seja, um terço do ministério, de volta ao redil da Igreja escocesa. Mais de 40 ministros aceitaram o indulto, o que significava

submeter-se ao episcopado e ao rei como chefe da Igreja. Cameron e um sem-número de ministros escoceses opuseram resistência a qualquer coisa que viesse a comprometer seus princípios presbiterianos. Foi acusado de fomentar rebelião e divisão, ao declarar publicamente sua oposição ao edito, sendo depois formalmente intimado por três vezes para que fosse mais prudente e inofensivo.[171] No raiar de 1679, em razão da crescente pressão, Cameron embarcou para Roterdã para juntar-se a outros exilados na Holanda. Nesse mesmo ano verificou-se o aumento das tensões entre as autoridades e os pactualistas, o que culminou no assassinato do Arcebispo Sharp. Em agosto daquele ano, Cameron foi ordenado ministro na Igreja escocesa em Roterdã, cerimônia conduzida pelo Rev. Robert MacWard.

Richard Cameron ficou conhecido como o grande herói da resistência contra o poder opressor e sintetiza a firmeza de um povo em face da perseguição implacável e impiedosa. A pessoa de Cameron confunde-se com a própria luta por liberdade civil e religiosa na nação escocesa. Era um líder que despertava nas multidões uma vívida disposição de lutar e entregar a própria vida por aquilo que julgavam ser a vontade de Cristo.

Sobre as várias ocorrências proféticas que envolveram seu nome, destacamos duas em especial. O episódio se deu quando Cameron pregava em Cumnock e revela a impertinente oposição que ele sofria da parte dos senhores de Logan e Horsecleugh.

Cameron recebera convite de uns poucos homens piedosos da cidade para que pregasse na paróquia deles. Logo após iniciar, exortou o povo a ter em mente que estavam na presença do Deus santo e que se preparassem para um estado de alegria ou de grande angústia. Andrew Dalziel, um sátiro libertino e debochado que estava presente no auditório gritou: *"senhor, não sabemos quem é você nem quem é o teu Deus"*. Cameron, refletindo brevemente em silêncio, disse: *"você e todos os que não conhecem o meu Deus em misericórdia vão conhecê-lo em seus julgamentos, que deve ser repentino e*

surpreendente em poucos dias sobre você; e eu, como um servo enviado de Jesus Cristo, cuja comissão presto, e cuja credencial uso em meu peito, devo avisá-lo e deixá-lo entregue à justiça de Deus". Alguns dias depois, Andrew estando em perfeita saúde, tomou seu café da manhã e, antes de se levantar, caiu violentamente vomitando e morrendo de forma assombrosa[172].

Este episódio atemorizou o coração dos dois senhores de terra que lhe opunham ferrenha oposição e ambos rogaram que Cameron os recebesse em conferência. O propósito do encontro era expressar a necessidade de serem perdoados por todo o mal que tinham causado. Cameron disse-lhes que o mal feito contra ele estava sinceramente perdoado, por outro lado, nada poderia fazer no sentido de perdoar aqueles praticados contra os interesses do próprio Cristo, visto que não era de sua competência perdoar. Mas ele tinha certeza de que seriam exemplarmente punidos em razão dos pecados contra o Filho de Deus. Virou-se na direção do senhor de terras de Logan e disse que sua família inteira ficaria estéril, sem filhos. Os relatos são de que ainda cinquenta anos depois da profecia nenhum dos filhos de Logan havia gerado descendência. Para Horsecleugh, disse que sua casa arderia em chamas. Mais tarde, esta profecia se cumpriu[173].

---

[165] Encarregado da educação ou instrução de criança ou jovem, sobretudo quando este não frequenta a escola. Uma espécie de mentor, mestre. Também a pessoa que tem a seu encargo a educação de um príncipe ou criança de família nobre.

[166] GRANT. Maurice, *The Lion of the Covenant. The Story of Richard Cameron*. Evangelical Press, 1997, p. 22.

[167] Do latim *conventic'lu*- expressa a ideia de uma assembleia secreta ou ajuntamento sedicioso e clandestino.

[168] *Ibid*, p.50.

[169] *Ibid*. p.65.

[170] Manifestações do dom de profecia entre os puritanos continuam ocorrendo mesmo após a Assembleia de Westminster. É intrigante, já que os Cessacionistas afirmam que o Capítulo 1 da CFW é categórico quanto à cessação dos dons revelacionais. Acaso puritanos como Bruce, quando

profetizavam, estariam se rebelando contra enunciados confessionais estabelecidos?

[171] *Ibid*, p.121.

[172] HOWIE, John. *The Scots Worthies*. Revised from the author's original edition by the Rev. Cf. HOWIE, *Biographia Scoticana*, London: 1781, p.406.

[173] *Idem*.

JOHN SEMPLE

Howie (1860, p. 470) nos diz que a origem deste homem é totalmente desconhecida. A primeira menção que se faz dele é da lavra de um manuscrito do sr. Gabriel Semple, que foi ministro na cidade de Jedburgh. Nada se sabe de seus estudos acadêmicos e há poucas informações quanto a detalhes de sua vida. Até seu chamado para o ministério pastoral foi algo intrigante.

Era costume das congregações cantar Salmos antes de se iniciarem os serviços religiosos. Numa dessas ocasiões, com a demora incomum do pároco em chegar ao local, Semple sentiu-se movido pelo Espírito a fazer algumas considerações sobre o Salmo que havia cantado. Howie relata que os ministros presentes, os quais afirma conhecê-los, afirmaram que, ao ouvirem Semple falar, sentiram de imediato que ele tinha unção do alto e imediatamente o examinaram em sua experiência religiosa e qualificações bíblicas. Satisfeitos com as respostas e convencidos de que ele possuía o dom de edificação o licenciaram para pregar e ensinar a Palavra de Deus.

Suas audiências tornaram-se cada vez mais concorridas, com pessoas reunindo-se em celeiros e casas desocupadas para ouvi-lo. Semple tornou-se instrumento poderoso e abençoado na conversão de almas.

Morreu no ano de 1677 em Carsphairn e sua preocupação com a salvação de seu povo revelou-se até mesmo em seu leito de morte. Pregou um de seus sermões mais emocionantes, com muito fervor, mostrando às pessoas o estado de miserabilidade dos pecadores e a necessidade de um Salvador, e o

fazia com seriedade e tristeza por deixar muitos deles como os tinha encontrado. Os que ouviram suas palavras choraram copiosamente e sentiram profunda tristeza com a partida de um grande homem de Deus.

Mas, quais são as profecias registradas sobre Semple? Howie nos diz que, em certa ocasião, um ministro distribuía fichas para a Ceia do Senhor e, quando estava entregando uma ficha a certa mulher, John Semple, de pé, disse: *"Segure sua mão! Ela já conseguiu muitas fichas. E é uma bruxa"*[174]. Embora ninguém suspeitasse, ela confessou ser verdade seu envolvimento com bruxaria e foi condenada à morte em razão disto.

Em outra situação, passando diante da casa de Kenmuir, viu que os pedreiros estavam trabalhando em obras de ampliação e reparos na casa, e disse: "Ainda estão ocupados ampliando e reformando, mas ela será queimada como um ninho de corvo em uma manhã enevoada". Foi o que sucedeu: a casa ficou em chamas numa negra e enevoada manhã inglesa[175].

Por fim, um ministro do Condado de Galloway enviou um de seus presbíteros ao sr. Semple portando uma carta em que dizia desejar ardentemente sua ajuda no sacramento da Santa Ceia, que aconteceria três semanas depois. Semple leu a carta, foi para um lugar reservado e voltando disse ao presbítero:

> "Eu sinto muito que você tenha vindo de tão longe para cumprir uma missão desnecessária. Vá para casa e informe seu pastor que ele já teve todas as comunhões que poderia ter, e não mais as terá, porque ele é culpado de fornicação, e Deus trará isto à luz muito em breve".[176]

John Howie registra que as palavras de Semple se cumpriram cabalmente. Enfim, como Semple sabia que aquela mulher era uma bruxa? Uma cidade inteira nem sequer desconfiava dela. Como Semple sabia que a casa de Kenmuir seria queimada e que isso aconteceria numa enevoada manhã escura? Como sabia da fornicação do pastor de Galloway?

[174] HOWIE, John. *Biographia Scoticana: or, A brief historical account of the Lives, Characters, and Memorable Transactions, of The Most Eminent Scots Worthies*. Edinburgh: Printed For J. Dick & Co, 1828, p. 308

[175] HAMILTON, Patrick. *Biographia Scoticana: or, a Brief Historical Account of The Lives, Characters, and Memorable Transactions, of The Most Eminent Scots Worthies.* Glasgow: Printed and Published by Khull, Blackie, & Co, and By A. Fullarton & Co. Edinbugh, 1824, p. 300.

[176] *Ibid*. p. 308.

JOHN DAVIDSON

Howie (1853, p. 233) nos diz que John Davidson nasceu por volta de 1550 e era nativo de Dunfermline[177]. Foi aluno da Faculdade St. Leonard da prestigiada Universidade St. Andrews, onde permaneceu até os idos de 1570.

Era um homem devotado à causa reformada e registra-se que desde muito cedo mantinha piedade fora do comum e fidelidade singular no cumprimento de todos os seus deveres cristãos.

São vários os registros de acontecimentos extraordinários de profecias que envolveram Davidson. Robert Fleming (1801, p. 368) anota que em várias ocasiões Davidson estava possuído de medida considerável do espírito de profecia.

Um dos casos emblemáticos envolveu o grande interesse de Davidson pela construção de uma igreja em Preston. Quem nos conta esta história é Fleming. Segundo ele, muitos irmãos daquele condado, deliberada e generosamente, contribuíram para que aquela construção fosse concluída. Lorde Newbattle interessou-se igualmente pela construção e prometeu cooperar a fim de ver o projeto efetivado, mas depois recuou de seus propósitos iniciais. Davidson disse que aquelas paredes que haviam sido erguidas serviriam como testemunhas contra Newbattle e que em breve Deus extirparia tanto ele quanto sua propriedade daquela Paróquia para que não tivesse um pedaço de terra sequer naquela cidade. O que mais tarde se cumpriu, como anota Fleming em seus registros[178].

Por fim, pouco antes de sua morte, Davidson teve um encontro casual com o sr. John Ker, jovem cavaleiro recentemente chegado da França e que não tinha nenhuma cogitação relativa ao ministério. Na ocasião, Ker estava bem vestido, ostentando uma capa e uma espada dourada. Davidson convidou-o a abandonar seu manto escarlate e deixar de lado sua espada e tomar o seu livro, *"pois você é o homem que me sucederá no ministério neste lugar"*, disse ele. Isto causou espanto no jovem homem. Mas imediatamente Ker sucedeu Davidson e foi durante muitos anos um ministro santo e fiel do Evangelho. Sobre esta última passagem, Fleming registrou que muitos ainda estavam vivos e poderiam comprovar a fama de Ker.[179]

Seguindo a dinâmica de indagações, como poderia Davidson, com tamanha certeza e precisão, predizer o destino do Lorde Newbattle? Como, vendo pela primeira vez o jovem cavaleiro John Ker, enxergar naquele jovem rapaz o seu sucessor em uma função de tamanha responsabilidade, a ponto de propor ocupar a sucessão de imediato? Como Davidson poderia acertar com tamanha habilidade que um jovem senhor, sem quaisquer aspirações ao ministério, poderia ser cogitado para o encargo? E que no exercício deste devotou-se a servir à causa do Evangelho com a mesma dignidade de seu patrono? Somente a direção segura e precisa da mente do Senhor seria capaz de guiar Davidson numa decisão como esta.

---

[177] Esta é a cidade onde está erguida a famosa Abadia de Dunfermline. Era originalmente um mosteiro fundado pela Rainha Margareth no século XI, no ano de 1070, e pelos monges beneditinos. Dunfermline era o local onde se enterravam os antigos monarcas escoceses e é cidade onde se encontram muitas relíquias destes homens importantes. Maiores informações podem ser colhidas no site da própria Abadia no endereço http://dunfermlineabbey.com/wwp/.

[178] Cf. FLEMING, *op. cit.*, 1801,. pp. 368-69.

[179] *Ibid*. pp. 370-71

RESUMO HISTÓRICO-TEOLÓGICO

Nossa percepção após analisar os fatos aqui apresentados pode não resumir o sentimento de todos. No entanto, haveremos de concordar com uma questão em especial: eles são notáveis. Outra conclusão é que todos esses homens possuíam um ardor sincero e devotado pelas Escrituras; que buscavam pregar as verdades bíblicas de maneira a glorificar o Senhor pela anunciação da mensagem integral, sem adições ou subtrações.

Não eram fanáticos; aliás, todos eles combateram firmemente o fanatismo e a superstição. Como pudemos notar, todos eles receberam o melhor da erudição acadêmica de seu tempo – eruditos de primeira grandeza num tempo de ebulição espiritual. Não eram visionários entusiastas sem conhecimento da Escritura. Não estavam acima de qualquer suspeita ou imunes ao erro. No entanto, suas vidas foram registros positivos de como o Espírito do Senhor se derramou poderosamente em determinado período da história da Igreja.

Percebemos em todos eles uma característica distintiva: eram homens que se dedicavam intensamente à oração, santos no viver e conscientes de seu chamado. João Wesley, certa vez, orando, disse: *"Dá-me cem homens que nada odeiem senão o pecado, que nada temam senão Deus e que nada busquem senão almas perdidas, e eu transformarei o mundo em chamas"*. Pudemos ver através desses testemunhos o que Deus faz com homens inteiramente consagrados a ele.

Wishart profetizou a morte do cardeal Beaton e salvou John Knox de ser

martirizado ao dizer profeticamente: *"Basta um para o sacrifício"*. Knox alertou seu amigo para não mais insistir em seus intentos de proteger o castelo da rainha e prenunciou seu fim, se não fizesse caso do que Deus havia predito. Welsh foi considerado por Rutherford como um homem celestialmente profético. Peden foi chamado de profeta presbiteriano de seu tempo, antevendo, dentre tantas outras coisas, a morte de seu querido amigo John Brown. São homens que ousaram ser a boca de Deus ainda que sob riscos de perderem a vida, enfrentaram os poderosos de seu tempo à semelhança dos profetas bíblicos e anunciaram a verdade que trovejava dos céus. Isso num tempo de incredulidade e indefinições; fraquezas e idolatria; ceticismo e frieza espiritual por parte de seus adversários.

Eles são prova de que o Espírito de profecia ainda atua na Igreja, que a Teologia não é meramente especulativa e que profecias podem ocorrer numa Igreja que está muito distante temporalmente da Igreja neotestamentária. A despeito do ordinário, o extraordinário pode acontecer. Isso ficou claro nas definições teológicas aqui apresentadas.

Devemos cultivar o apreço pelo estudo das Sagradas Escrituras. Não devemos ansiar compulsivamente por profecias, sejam elas quais forem. Nosso foco é a Escritura. Nossa fonte primária de ensino é a Escritura. Nossa regra de fé e prática é, e continuará sendo, a Escritura. Mas, se Deus nos falar além dessa fronteira, num tempo de avivamento e poder do Espírito recorrentemente mencionado por Edwards, Lloyd-Jones, *et al*, ouçamos com alegria sua voz, porque:

"Quando suceder isso (e há de suceder), saberão que houve no meio deles um profeta" (Ez 33.33).

TRAJETÓRIA PELOS SÉCULOS

Inicialmente, analisamos as questões históricas que explicam o nosso comportamento e legado. Este ponto era essencial para entender nossa atual posição. A história das mentalidades nos ajuda a fazer conexões filosóficas influenciadoras de nosso pensamento. Além do mais, entender o processo histórico nos garante uma percepção equilibrada tendo em vista que agrega maior amplitude.

Apontamos o que grandes nomes do movimento reformado escreveram sobre o dom de profecia: Calvino, Gillespie, Rutherford e, por fim, Edwards. Indiscutivelmente, nomes de peso da seara calvinista. Oferecemos profusão de exemplos práticos do que profetizaram importantes ícones da teologia reformada, provando que não estamos tratando de meras especulações filosóficas, mas do extrato da verdade revelada nas Escrituras.

Enfim, tudo o que até aqui foi demonstrado aponta para o precedente da possibilidade de todos esses eventos acontecerem na Igreja pós-apostólica até a segunda vinda de Cristo. Nada obstante termos observado que tais acontecimentos são possíveis para além das fronteiras da teologia especulativa, alguns eruditos desconsideram os fatos históricos e lançam mão das mais variadas teorias a fim de desacreditar atuações legítimas do Espírito de Deus no seio da Igreja pós-apostólica. As razões para este fenômeno teológico acontecer têm os mais diversos motivos, muito embora uma premissa basilar seja sempre verificada no pensamento dos mais variados filósofos da Teologia como iremos observar mais adiante.

Por outro lado, subsiste um grupo que insiste em chancelar tais eventos como naturalmente possíveis. Para este grupo, pelo qual nutrimos maior simpatia, a expectativa de eventos sobrenaturais deve ser comportamento sobranceiro. Uma Igreja com raízes eminentemente sobrenaturais deve, via de regra, expectar a ocorrência de eventos sobrenaturais. Mas aí reside um problema digno de nota e a prudência recomenda observá-lo devidamente.

É que subsiste um grande desafio: a busca pelo desvencilhar-se dos pressupostos da Terceira Onda[180], que não só afirma a sobrenaturalidade do Cristianismo, como também reitera que esta característica nos leva a crer que sinais e maravilhas devem acontecer ordinariamente, sob o risco de desacreditar o Cristianismo em si.

Nós discordamos desse ponto de vista, observando que a mensagem do Evangelho não nos orienta a uma busca desfocada por manifestações sobrenaturais. A expectativa deve ser perene e contínua, mas não fabricada com objetivos de atender solicitações sem propósito. Isso nos parece claro, se observarmos a reação de Jesus em resposta a ávidos interlocutores que clamavam por sinais:

> Ele, porém, respondeu: Uma geração má e adúltera pede um sinal; mas nenhum sinal lhe será dado, senão o do profeta Jonas (Mt 12.39).

Os tais interlocutores eram os fariseus e os escribas incrédulos e não filhos de Deus. Os que faziam tais exigências, diz Sam Storms, não tinham a mínima intenção de seguir a Cristo[181].

Mas, afinal, seria pecaminoso rogar a Deus sua manifestação sobrenatural na luta contra os inimigos? Primeiro devemos observar um texto veterotestamentário e dois outros no Novo Testamento a fim de buscar esclarecimentos quanto a isto:

> Mas, se diligentemente lhe ouvires a voz e fizeres tudo o que eu disser, então, serei inimigo dos teus inimigos e adversário dos teus adversários

(Êx 23.22).

> Seguindo ele estrada fora, ao aproximar-se de Damasco, subitamente uma luz do céu brilhou ao seu redor e, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Ele perguntou: Quem és tu, Senhor? E a resposta foi: Eu sou Jesus, a quem tu persegues (At 9.3-5).

> Agora, Senhor, olha para as suas ameaças e concede aos teus servos que anunciem com toda a intrepidez a tua palavra, enquanto estendes a mão para fazer curas, sinais e prodígios por intermédio do nome do teu santo Servo Jesus. Tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo e, com intrepidez, anunciavam a palavra de Deus (At 4.29-31).

O primeiro texto trazido à discussão refere-se a um diálogo entre Deus e Moisés. O Senhor garante que a obediência de Moisés faria com que todo atentado contra este seria consequentemente um atentado contra o próprio Deus. Não seria pecaminoso em qualquer circunstância, se Moisés clamasse referindo-se a este fato rogando a Deus que cumprisse com uma promessa pactual. Um rápido exame da Escritura demonstrará que Deus efetivamente fez valer sua promessa, como quando acometeu de lepra Miriã e Arão (Nm 12:8,10) ou como quando fez a terra tragar Datã (16:28-30).

O segundo texto é justamente uma repetição da verdade inscrita no texto acima comentado. Paulo era um inclemente e furioso perseguidor dos cristãos. Mas, quando no caminho de Damasco o Senhor lhe apareceu e disse *"Saulo, por que me persegues?"*, e, mais adiante *"Eu sou Jesus a quem tu persegues"*, é clara a indicação de que os adversários dos cristãos eram adversários diretos do próprio Cristo. Serei inimigo dos teus inimigos e adversário dos teus adversários. Paulo não foi emboscado por nenhum cristão, senão pelo próprio Cristo.

O terceiro e último texto é mais objetivo quanto ao assunto que elucidamos aqui. Um grupo de cristãos que sofria intensa perseguição por anunciarem as verdades evangélicas clamava em oração para que o Senhor se

derramasse em manifestações poderosas, enquanto que eles continuariam a anunciar sua mensagem. A resposta foi imediata, em aprovação ao pedido, visto que o chão daquele lugar tremeu e todos os presentes ali reunidos ficaram cheios do Espírito Santo.

No entanto, o apóstolo João também nos advertiu que essa busca por sinais e maravilhas não é o foco principal do ministério cristão. Ele nos afirmou que os registros sobrenaturais contidos nos evangelhos eram para que os leitores cressem que Jesus Cristo é o Filho de Deus (Jo 20.31). Portanto, a equação bíblica é: *ler para crer ≠ ver pra crer.*

Com efeito, a conclusão mais sensata a ser estabelecida é a de que a expectativa do sobrenatural tornar-se-á sadiamente paradigmática, enquanto a busca desnorteada, sem sentido prático, é contrária à genuína cosmovisão bíblica. O Cristianismo não depende dessa manifestação para se manter de pé. Na verdade é ele que sustenta toda a nossa perspectiva filosófico-teológica.

Assim, este capítulo em especial torna-se essencialíssimo ao entendimento do presente livro. Ele visa a resguardar os postulados escriturísticos, enquanto expurga o que entende ser excrescências deformadoras da mensagem bíblica. Procura oferecer o entendimento prático de que o Cristianismo não é, nem deve se tornar, uma epopeia como qualquer registro pagão, mas é, sobretudo, o registro dos eventos da obra salvífica, o progresso da teologia soteriológica através da História.

---

[180] Termo cunhado por Peter Wagner, que caracteriza a abertura dos evangélicos tradicionais e outros cristãos ao trabalho sobrenatural do Espírito Santo que os pentecostais e carismáticos experimentaram, mas sem se tornarem pentecostais ou carismáticos.

[181] STORMS, Sam. *in Cessaram os dons Espirituais? 4 pontos de vista.* org. GRUDEM, Wayne. São Paulo: Vida. 2003, p. 203.

O PROFETISMO NA ANTIGUIDADE (CONTEXTO BÍBLICO NO MUNDO ANTIGO)

A atividade profética não é exclusividade do povo de Deus. Esse fenômeno humano em busca dos oráculos divinos remonta a um período que antecede em muito a história mais antiga do povo hebreu. Embora tais oráculos não estejam associados às manifestações do Deus verdadeiro, os povos do Antigo Oriente já consultavam a vontade dos falsos deuses pagãos, sobretudo em assuntos de Estado. Os antigos reis babilônios mantinham feiticeiros e magos em sua estrutura real a fim de interpretarem a vontade dos deuses e oferecer aos monarcas a direção que deveriam tomar para serem bem-sucedidos. Os reis egípcios também conservavam a mesma estruturação oracular (Gn 41.8; Êx 7.22; Dn1.20 *et al.*). A própria Bíblia não esconde este fato.

Claro, estes incidentes como verificados entre babilônios e egípcios ocorriam como sendo uma atuação diabólica, um evento corruptor, distorcido, oriundo de uma fonte espúria a Deus. Afinal, nos alerta o apóstolo que o diabo tem poder para se transformar em anjo de luz, e mais, que a atuação do anticristo nos últimos dias será tão sensacional que, nos assevera o evangelista, haverá sinais operados por falsos cristos e falsos profetas no intento de enganar, se possível, até os eleitos (Mt 24.24; Mc 13.22).

Ora, a operação do erro pelos falsos profetas e pelos operadores de sinais e prodígios mantém-se justamente a serviço de ludíbrio, não só contra o que

descrê da obra divina, como também igual e mais tenazmente contra aquele que faz parte do reino de Deus. O diabo, principal articulador dessa estratégia, procura tão-somente um propósito: enganar e desviar pela mentira dissimuladora. E como confrontá-lo? Somente com a operação da verdade. Falaremos disso em seção oportuna, sobretudo no que tange aos aspectos da inauguração do Reino de Cristo.

Mas, como atestar se esta ou aquela é ou não uma verdadeira obra do Espírito? Como saber se esta ou aquela se tratam de obra das hostes demoníacas ou do Reino de Deus? Bem, a própria Escritura nos exorta a ter espírito de discernimento, a provar todas as coisas, todas as profecias, para saber se os espíritos procedem de Deus (1 Jo 4.1). Esta exortação nos aponta para o fato de que a única forma de nos precaver do erro é conhecendo a verdade. Uma anotação complementar de Lloyd-Jones nos dá um norte em relação à questão. Ele cita o relato de uma mulher espírita que visitou sua igreja:

> No momento em que entrei na capela e me sentei num lugar entre as pessoas, eu pude perceber um poder sobrenatural. Eu tinha consciência de que se tratava do mesmo tipo de poder sobrenatural que eu estava acostumada a experimentar nas reuniões espíritas, mas com uma grande diferença: eu podia sentir que o poder que havia na capela era um poder limpo. [182]

Em síntese, Deus e o diabo operam neste mundo. Ambos têm poder e, a despeito de sabermos que Deus é Todo-Poderoso, sabemos igualmente que as trevas buscam imitar as obras de Deus. Foi assim, por exemplo, no Egito, quando os magos lançaram-se a confrontar Moisés. O libertador feriu o Nilo e suas águas tornaram-se em sangue (Êx 7.20). Os peixes morreram, o rio cheirou mal e os egípcios tiveram nojo de beber das águas. Mas os magos do Egito fizeram o mesmo (v. 22).

Na segunda praga, de rãs, igualmente. Moisés as produziu, os magos,

idem. Da terceira em diante, a de piolhos, os magos já não conseguem demonstrar seu poder de reproduzir os sinais de juízo contra o Egito (Êx 8.18). O próprio mal reconhece a operação divina quando admite: *"Isto é o dedo de Deus"* (v.19).

Os magos, seguindo a operação do erro, em dado momento não mais lograram êxito em confrontar Moisés. Não apenas isto; passaram à condição de vítimas das pragas, em clara demonstração de que eram impotentes diante do poder de Deus (9.11). Daí por diante eles saem de cena, sabedores de que apenas imitaram por breve tempo o miraculoso, que foram incapazes de sanar as pragas e, por fim, viram-se vítimas delas. Foram exemplarmente derrotados pelo Altíssimo.

Ninguém discordará de que existe uma luta, uma guerra de hostes espirituais antagônicas. Aliás, a própria Escritura nos relembra recorrentemente dessa questão. O diabo manifesta-se com o propósito claro de concorrer contrariamente à obra divina, arrebanhando para o redil da mentira os que se voltam contra tudo aquilo que se chama Deus. E o faz sustentando a ilusão de que a mentira é virtuosa ou poderosa como a verdade. Evidente que ambas as forças não possuem o mesmo poder, como defendiam os maniqueus, mas as forças do mal possuem poder suficiente para enganar aqueles que, por desconhecerem a verdade e suas manifestações, dão ao mal contornos do bem.

Com efeito, temos por certo que as manifestações antecedentes às que se observaram nos primórdios do povo hebreu são as fabricadas pelo diabo a fim de corromper a manifestação natural e benfazeja da Revelação. E isto Edwards denuncia como um comportamento natural daquele que busca fraudar a Verdade[183]. É, em síntese, o erro tentando sobrepor a verdade, ainda que reconheça sua impossibilidade para tal. Contudo, por outro lado, todos nós cremos que Deus é um Deus de revelação. A própria natureza divina é eminentemente de revelação, tendo em vista que, até mesmo o que é tangível

dentro da criação divina é revelação por natureza, como nos assevera o salmista (Sl 19), ou seja, que *os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras das suas mãos*.

Assim, tudo em Deus ou é revelação, ou se torna em relação a nós. Neste último, torna-se quando ele decide revelar por manifestação de sua vontade algo que antes não fora revelado (Dt 29.29), mas revelou-se tendo em vista a natureza característica de Deus. E é, visto que ele se relaciona por meio de revelação. É assim desde o princípio quando, na viração do dia, descia a fim de conversar com Adão. Esta é uma premissa natural em Deus na sua relação com o homem. Deus se relaciona por meio de revelação, seja pela nossa edificação na Palavra, seja na orientação direta ou indireta do Espírito, no nosso íntimo, acerca de coisas que devemos fazer.

---

[182] MURRAY. Ian. H; *David Martyn Lloyd-Jones: The Fight of Faith 1939-1981*, Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1982, p. 221.

[183] Cf. EDWARDS. *op. cit.1992*, p. 9

A PROFECIA EM CORINTO: POR QUE PROFETIZAR É MAIS IMPORTANTE DO QUE FALAR EM LÍNGUAS?

O contexto de Corinto ilustra muito claramente as dificuldades relacionadas ao nosso contexto no confronto entre o poder de Deus com o império das trevas. Como saberemos o que é de Deus e o que é do diabo? Ou como poderemos atestar que o extraordinário sendo operado é oriundo de um poder puro, como aquela médium espírita afirmou em visita à congregação de Lloyd-Jones? Poderíamos explanar um sem-número de casos desse tipo de operação do erro. No contexto da igreja de Corinto temos um em especial que ilustrará suficientemente nossa tese.

A pítia era um claro fenômeno profético, embora não associado ao culto de Iavé, mas uma revelação falsa e satânica. Neste sentido, aplicar-se-ia o conceito teológico de Rutherford que trazemos novamente à discussão. O cargo de pítia era exercido por duas ou três jovens sacerdotisas, ou, em tempos mais antigos, por uma anciã, que se assentavam no tripé em cima de uma cavidade na terra de onde emergia o espírito oracular na forma de fumaça, concedendo-lhe inspiração. Vejamos o que a erudição diz a respeito do assunto:

> Como resultado, irrompia em sons inarticulados enigmáticos, semelhantes à *glossolalia*. Estes dizem respeito aos eventos futuros, conforme sugere o título *promantis*, e tinham conexão direta com a pessoa que consultava o oráculo e que vinha a ele por causa de um

> problema que a deixava confusa, acerca do qual procurava ajuda na forma de instrução. Apresentaria por escrito uma pergunta que se levantara na sua própria vida. As perguntas, talvez, tocassem em assuntos dos negócios, da religião, da política, da ética ou da educação, e nelas achamos refletida a gama total da vida no mundo da antiguidade. Visto que a resposta da Pítia usualmente era incompreensível para o visitante, porém, havia necessidade de outros oficiais no santuário, cuja tarefa era traduzir a expressão vocal em dito que pudesse ser entendido com clareza e lembrado. Esta tarefa era realizada por anciãos sábios e altamente respeitados, que o oráculo conclamara a esta posição, e que também eram conhecidos como profetas. Não operavam por inspiração direta; se fosse este o caso, teriam recebido o título adicional de *mantis*. Pelo contrário, a sua transmissão do recado incluía o emprego do seu entendimento (*logismos*). Recebiam os oráculos pitianos, testavam-nos, completavam-nos, interpretavam-nos, e formulavam o dito final. Logo, nunca falavam por iniciativa própria, mas, sim, depois de um visitante ter apresentado uma pergunta e depois de a Pítia ter pronunciado o oráculo[184].

Para entender esse fenômeno é essencial a ajuda de Rutherford. Conforme exposto, ele dividiu a revelação sobrenatural em quatro categorias, e a quarta dessas divisões conclui pela existência de uma revelação que é falsa e satânica. Ele não desconsiderava a atividade demoníaca, mas entendia-lhe como inimiga insidiosa. Assim, a revelação pagã, para Rutherford, não deixa de ser revelação e, mesmo tendo *status* de sobrenaturalidade, a revelação é eminentemente falsa; revelação, sim, mas objetivamente satânica. Sobre o mesmo contexto da médium citada por Lloyd-Jones, qual a justificativa para pensar que uma médium tem a capacidade para discernir a pureza de poderes, enquanto um legítimo servo de Deus não seria capaz de fazer o mesmo?

Trazendo para o contexto neotestamentário e buscando entender o caso de Corinto, por exemplo, temos um caso tipicamente análogo às manifestações percebidas e normatizadas pelo apóstolo Paulo na Igreja daquela localidade: os que falavam em línguas deveriam interpretar, caso contrário, deveria haver

quem assim procedesse para que a edificação fosse coletiva. Os gregos consulentes dos oráculos pitianos, ou de Delfos, possuíam os registros da sapiência grega ao seu dispor (similar à Escritura), o depósito da sabedoria de seu tempo. Entretanto, para questões mais particulares, os consulentes careciam de uma palavra mais objetiva e pontual. E em razão disto, consultavam seus profetas.

As Escrituras registram as prescrições gerais, princípios normativos de natureza mais genérica, mas não alcançam todas as particularidades sobre as quais um crente genuíno certamente necessitará de orientação providencial de Deus, *eg*. com quem se casar[185], se devemos comprar determinado imóvel, ou vendê-lo, *et al*. Neste sentido, o entendimento de Baxter que expressamos anteriormente recomenda aos Cessacionistas revisitar suas convicções.

A associação que lançamos mão na presente seção é necessária para entender um pouco sobre o contexto paganizado do qual muitos na Igreja de Corinto eram originários. Aliás, Walter Chantry, analisando uma admoestação paulina impressa na Carta aos Coríntios (12.1-3), pontua esta questão quando diz o que segue:

> Paulo recorda aos coríntios a sua experiência anterior no paganismo ocultista. Eles adoravam ídolos, objetos inânimes. Todavia, os poderes satânicos se achavam presentes, com influência controladora sobre os homens.[186]

Não que a revelação dentro do cenário cristão seja uma espécie de prática depurada e refinada do modo pagão de receber revelação. Na verdade, as práticas pagãs às quais os crentes de Corinto estavam ambientados antes da conversão é que eram clara expressão do erro, eram emulação da genuína estrutura da revelação.

Talvez em virtude desse ponto eles valorizassem tanto o dom de línguas, porque a pítia com os quais alguns daqueles crentes coríntios, senão todos, haviam tido contato, manifestava-se com sons inarticulados que denotavam

superioridade fenomenológica ante a atividade dos profetas intérpretes. Estes prestavam-se ao mister de traduzir o oráculo divino, portanto, num sentido objetivo, ocupavam lugar secundário, muito embora essencial. Secundário porque deveriam aguardar a manifestação da pítia, da qual eram dependentes.

Evidente que muitos desses coríntios tiveram contato com os mais diversos oráculos de origem satânica. E Paulo os admoesta sobre o engano impresso naqueles pronunciamentos. Paulo lhes diz que o passado era um simulacro da realidade profética que procede de Deus. E não só isto, agora eleva o dom profético a um *status* maior que o dom de línguas, posto que este depende daquele no exercício da edificação da Igreja. Em síntese, no passado, a inarticulação fonética mantinha um *status quo* superior ao da interpretação. Paulo, por sua vez, demonstra estar invertida essa escala de valores e normatiza a funcionalidade de ambos os dons dentro do contexto próprio. A interpretação deve prevalecer sobre o fenômeno glossolálico inarticulado, para edificação da Igreja.

---

[184] COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2006, pp.1877-88.

[185] Para os que menosprezam estas questões, uma das profecias de Alexander Peden nos alerta para a importância delas. Somente Deus tem o conhecimento do que se passa no coração humano. As Escrituras estabelecem o padrão de piedade, mas quem os segue, seguirá ou deixará de seguir, só Deus o sabe. Um homem e uma mulher não podem apenas aparentar serem de Deus. Somente ele sabe quem somos nós e o que fazemos em oculto. Somente ele sabe o que somos e no que nos tornaremos. Se Deus testemunhou quanto à integridade de Jó, bem como sobre a maldade de Saul, por que se negaria a nos falar diretamente sobre pessoas com as quais convivemos e desejamos nos unir em sociedade comercial ou matrimônio?

[186] CHANTRY. Walter. *Sinais dos Apóstolos.* São Paulo: PES, 1996, p. 47.

RECORDANDO ANTIGOS CONCEITOS

Explanações oferecidas, agora precisamos entender que, tendo em vista esta natureza eminentemente revelacional, aprouve ao Senhor utilizar-se de profetas, a fim de anunciar sua vontade ao seu povo. Deus fez e faz isso através do ministério profético não só com o propósito de anunciar o futuro, como se as profecias se restringissem a um amanhã desconhecido, mas também para denunciar as injustiças e anunciar os decretos do Senhor.

O ministério profético possui em sua natureza, extensão com maior alcance que o proposto por muitos eruditos nas discussões hodiernas sobre o assunto. Dentre os aspectos peculiares da atividade profética Brueggemann nos relembra uma delas quando diz que

> A função do ministério profético é alimentar, nutrir, fazer surgir uma consciência e uma percepção alternativa à consciência e à percepção culturais dominantes à nossa volta. Por isto, meu ponto de vista é que o ministério profético não está ligado, em primeiro lugar, a crises públicas específicas, mas, sim, em tempo e fora de tempo, à crise dominante que é duradoura e reconhecível pela prática de cooptar e domesticar nossa vocação alternativa.[187]

Portanto, profetismo não envolve apenas existência de escrituração canônica, êxtases, revelações sobrenaturais, vaticínios de juízo condenatório ou palavras imediatamente recebidas dos céus. O profeta é, antes de tudo, um despenseiro daquilo que Deus disse no passado (1Co 9.17). Saliente-se que,

num primeiro plano, está a palavra revelada e anteriormente registrada. Paulo asseverou isto quando disse que toda Escritura é útil para o ensino. O *"toda"* Escritura aqui mencionado é o conjunto da revelação registrado nas páginas do Antigo Testamento.

No entanto, nem sempre o novo está envolvido na voz do profeta, ou seja, o profeta, por vezes, exortava o povo a relembrar o que havia sido dito no passado. Muitas novas revelações que surgiam num contexto bíblico tinham sua base de sustentação em revelações feitas no passado. Os exemplos são distribuídos de maneira farta por toda extensão bíblica. A interpretação acerca de uma profecia, pode — e várias vezes o é — ser profecia com mesmo peso.

Evidente que esse discurso se coaduna com a proposta de uma vida que segue como contracultura de maneira permanente. Stott, seguindo na esteira deste raciocínio, diz que a cultura do Reino é baseada na autoridade e no governo de Deus, e tais padrões são totalmente opostos aos deste mundo. Aqueles são duradouros e não se degeneram com as adaptações da modernidade. O povo de Deus precisa ser capaz de rejeitar atitudes e padrões que não são pertinentes ao seu Reino, porque sua cultura é conformada segundo o Reino, onde o Rei, o Senhor do Reino, está acima de qualquer comportamento que se opõe à sua vontade e autoridade. A notícia e o assunto principais dos filhos deste Reino devem ser o anúncio de seu Rei; as dimensões do seu mundo novo; das coisas do Espírito, do ambiente e amplitude espirituais que suplantam os limites do físico, do terreno.

A contracultura cristã está relacionada às pessoas ou a grupos de pessoas cujo comportamento é contra aquilo que está numa cultura geral. Contracultura cristã é um sistema de valores, padrão ético, devoção religiosa, estilo de vida e relacionamentos em que padrões, valores e maneira de viver são delineados pelo governo de Deus. Stott mostra-nos que a encarnação e a vivência do Sermão do Monte levariam, de fato, a Igreja a funcionar como

uma sociedade alternativa que sempre tencionou ser e poderia oferecer ao mundo uma autêntica contracultura cristã[188].

O que Brueggemann e Stott parecem dizer de maneira clara é que o ministério profético sempre nos relembrará de nosso mandato alternativo, que se iniciou com Moisés ao apontar para uma ruptura radical com a realidade socioeconômica, política, bem como do sincretismo religioso egípcio. Em Cristo, agora, o cume do profetismo em Israel, tal perspectiva deve ser ampliada. No Sermão do Monte analisado por Stott, Jesus redefine o padrão contracultural de seu povo em relação às sociedades gerais, indicando um novo prisma de justiça, ambição, relação interpessoal, caráter e compromisso. E declara sua crença em que Jesus

> desejava que o seu Sermão do Monte fosse obedecido. De fato, se a Igreja tivesse aceitado realisticamente os seus padrões e valores, como ali demonstrados, e tivesse vivido segundo eles, ela teria sido a sociedade alternativa que sempre tencionou ser, e poderia oferecer ao mundo uma autêntica contracultura cristã.[189]

Com efeito, o ministério profético é antes de tudo uma torre de vigia à anunciação do perigo iminente e sempre presente da Igreja se conformar com o padrão do mundo em que está inserida. Além, é claro, de convocar o mundo a se arrepender e seguir o padrão estabelecido por Deus. Neste sentido, Paulo exerce-o quando nos exorta, juntamente com os crentes de Roma, a não nos conformarmos com este século, mas a renovarmos nossa mente para conhecer a boa, agradável e perfeita vontade do Senhor (Rm 12.2).

Todavia, se por um lado a profecia é o anúncio de que somos paladinos de uma contracultura, por outro, a profecia possui igualmente caráter preditivo. O anúncio do futuro em êxtases, revelações oníricas, visões *et al* fazem parte dessa estruturação revelacional. Neste sentido, o elemento místico está intimamente agregado ao ministério profético e o supernatural comanda essa estrutura estabelecida.

Retomando a discussão sobre o elemento sobrenatural que necessariamente deve permanecer como pedra fundamental da inauguração do Reino de Cristo, temos a considerar algumas questões importantes. Na verdade, faz-se necessário entender estas questões para delinear um padrão correto sobre as bases desse Reino inaugurado.

Para o Dr. Codling, a manifestação dos dons de revelação é marca mais que evidente deste reino que foi inaugurado por Cristo e seus apóstolos. Ele vai dizer claramente, em oposição aos vários pensamentos cessacionistas, que os dons de revelação não são, de certo modo, apenas manifestações da inauguração do Reino (como que exclusiva naqueles primeiros dias apostólicos), mas do Reino inaugurado, com evidência permanente até o segundo advento do Senhor. E diz o que segue:

> Estes dons, e em particular os dons revelatórios, não são meramente sinais autenticadores do trabalho fundacional de Jesus e seus apóstolos. Eles são sinais da atual chegada do reino, porque eles são o real poder de Deus em ação. Este poder real não é o trabalho de governar a natureza, mas de superar o pecado e suas consequências. [...] Deus está restaurando sua criação ao estado de pureza original. Essa restauração não envolve somente o reino espiritual, mas o físico [...] Os dons representam o poder de Deus entregue ao homem. Onde o Espírito de Deus está presente, aí é poder, o poder do seu reino (At 1.8; 1Ts 1.5).[190]

Para Codling, a manifestação dos dons de revelação é o anúncio do senhorio de Cristo sobre toda a criação. E não só naquele período comumente chamado de fundacional, mas também no período subsequente. Não é o poder dos apóstolos que sustenta a Igreja, mas o de Cristo.

Desta forma, podemos entender a ênfase deste senhorio de Cristo nos contornos apologéticos do autor da Carta aos Hebreus. É que a criação fora amaldiçoada pelo pecado adâmico, toda ela foi transtornada e, nesse sentido houve transformações que abalaram o cenário original. Ainda que especulativamente, entendemos que a criação original não estava afetada por

maremotos, terremotos e outras espécies de catastrofismos naturais; tudo era perfeito e bom. Após o pecado, este cenário tornou-se maldito e sujeito a convulsões.

Embora MacArthur confronte[191] o elemento místico do profetismo moderno, a mensagem bíblica demonstra fartamente que este é essencial dentro do próprio conceito de profetismo nas Sagradas Escrituras. Ou seja, o misticismo está tão presente no profetismo bíblico que tentar exclui-lo do movimento moderno é tentar negar a existência do próprio fenômeno bíblico.

Contudo, MacArthur denuncia os carismáticos definindo o que chama de erro místico como tentativa de aliar uma espécie de busca por algo a mais a uma negação da suficiência da Escritura. Vai além, acusando aqueles de desprezarem a suficiência do próprio Cristo. Em resumo, diz que

> o misticismo moderno abraça um conceito de fé que de fato rejeita completamente a realidade e a racionalidade. Declarando guerra à razão e à verdade, ele está assim em direto conflito com Cristo e a Escritura.[192]

Esquece-se de afirmar que em todos os sentidos a fé cristã é essencialmente suprarracional e a realidade celeste nem sempre se acha em harmonia com as realidades terrenas, tangíveis. Nossa indagação é renitente e deseja saber se, nesse sistema proposto por MacArthur, o espiritual é ou não real. Ainda que intangível ou invisível, o fenômeno deixa de ser real apenas por que não o vejo ou por que não consigo explica-lo racionalmente? Isto é negar a realidade para MacArthur?

Os continuístas, pelo menos os sensatos, não negam o aspecto da racionalidade do plano físico. Igualmente não negam que existe um mundo espiritual que permeia o físico, ou melhor, que em comparação a este é superior. A intenção dos continuístas é jungir a ideia de realidade espiritual e sua relação constante que a vincula ao plano físico. Ou seja, o que os continuístas buscam fazer é não dicotomizar ambas as realidades, mas fundi-las adequadamente em uma realidade única. Este pensamento, levando em

consideração a perspectiva bíblica, é muito mais racional e real do que a perspectiva proposta pelo cessacionismo.

Aqueles que subscrevem uma manifestação profética nos dias atuais, utilizando-se do equilíbrio necessário, não têm negado a suficiência da Escritura, muito menos a de Cristo. Nada obstante, percebe-se que MacArthur não referencia suas conclusões e aparenta desejar que nós acreditemos em todas elas, confiados unicamente em sua "reputação". Prefere a impropriedade de exigir padrão dialético de seu interlocutor, sobre o qual ele, MacArthur, não está disposto a igualmente se pautar.

Entretanto, mesmo nas suas denúncias percebemos que ele se volta contra a forma oracular dos supostos anúncios proféticos e não contra a ocorrência do fato. Ele questiona hesitante que dado líder carismático teria recebido uma revelação divina para mudar sua igreja de localização. Enfim, MacArthur pontua que a forma pela qual aquele líder presumivelmente tenha recebido a instrução era estranha e intimidatória, porém, não nega expressamente que fosse desejo de Deus mudar aquela comunidade de lugar:

> Talvez Deus quisesse que aquela igreja mudasse – essa não é a questão. Porém, o apelo do pastor a seus próprios sentimentos místicos, subjetivos e autenticados por ele mesmo estava errado[193].

MacArthur objetivamente alega sua incapacidade de saber se aquela mensagem, supostamente divina, era verdadeira ou não. Mas não se exime de dizer, por outro lado, que o apelo de quem falava se dava no autoatendimento de "*sentimentos místicos, subjetivos e autenticados por ele mesmo estava errado*". Mas o primeiro problema deveria ser resolvido. Embora MacArthur tenha apontado um suposto problema, é certo que maior problema arrumou ao dizer, a seu ver, qual seria o padrão correto.

Deus queria ou não mudar a Igreja de lugar? A despeito da negação de MacArthur, é claro que esta era a questão. Se sim, aquela de fato era uma revelação divina. Caso contrário, o pastor deveria ser acusado de proferir

falsa profecia. Contudo, MacArthur somente repudiava a ameaça expressa na fala do pastor feita aos rebeldes que porventura se indispusessem contra a indicação de mudança. MacArthur simplesmente objeta o uso do texto bíblico do qual lançou mão o líder carismático. Não se deteve aos elementos exegéticos tão sagrados e objetivos para Cessacionistas, limitando-se unicamente a atacar o *modus operandis* do "controvertido" pastor. E erra ao afirmar que a autenticação da palavra profetizada seja dada pelo próprio pastor em questão, tendo em vista que tal análise também pode ser rotulada como atendendo aos seus sentimentos racionais, supostamente objetivos, e requerendo autoautenticação.

É verdade que no exemplo em questão, o citado líder carismático evoca o texto de Números 13.31, afirmando tacitamente que este oferece apoio à sua visão de mudar a comunidade de lugar. Nesse sentido, caberia a MacArthur demonstrar através da exegese bíblica[194] que o pastor estaria errado em sua suposta visão, o que não ocorreu. Preferiu, por outro lado, oferecer solução diferente, ao apontar o que segundo ele deve ser o padrão normativo para as igrejas locais do mundo inteiro: *Que conflitos como estes devem ser resolvidos com base em um acordo sábio, mantido entre os anciãos cheios do Espírito que buscam a vontade de Deus.* E mais, esta decisão deve ser unânime e regada com orações[195].

Resumindo, para MacArthur qualquer decisão não unânime não pode ser chancelada como sendo da parte de Deus. Levando este raciocínio às últimas consequências, o próprio relato de Números 13 revelaria que a vontade de Deus de que seu povo possuísse a terra prometida não era mais divina, pois estava desprovida da unanimidade entre os cabeças de Israel (13.3), visto que somente Josué e Calebe anuíram em avançar e tomar posse da terra prometida. Ambos são criativamente guindados por MacArthur à condição de rebeldes subversivos contrários à direção divina. Cabe aqui uma pergunta: ausente o requisito da unanimidade como proposto por MacArthur, era ou

não vontade do Senhor que seu povo se apossasse de Canaã? Para MacArthur, não. Sobre o assunto, em toda história da Igreja não encontro relato de alguém defendendo uma teoria tão absurdamente antibíblica como esta.

Por outro lado, em tese, qualquer decisão equivocada, contrária à vontade de Deus, deverá ser aceita como se deste fosse, se decidida sob a chancela da unanimidade. Esta proposta de MacArthur toma o lugar da autoridade bíblica, e vai muito além do suposto erro denunciado por ele contra os continuístas. Em síntese, a autenticação do sentimento místico subjetivo dar-se-ia sob o selo da unanimidade. Para MacArthur se todos concordarem, tudo bem, ainda que seja um delírio coletivo. Assim, concluímos que MacArthur não deve ser levado a sério. Não neste assunto.

Unânime é o entendimento que alguns profetas anunciaram que o Espírito de profecia seria derramado em grande medida, numa escala nunca dantes vista entre o verdadeiro Israel. Charles Feinberg comentando a matéria diz que

> Não há registro algum no Antigo Testamento no qual um escravo tenha recebido o dom da profecia. Nos últimos dias, porém, realizar-se-á o ardente desejo de Moisés (Nm 11.29). Os sonhos, as visões e a profecia de que se falam são os três modos mencionados em Números 12:6. Observe-se que o versículo 29 reitera a mesma verdade contida no versículo 28: derramarei o meu Espírito. Repete-se, também, o elemento tempo. Não pensemos que esta seja a primeira menção de um derramamento do Espírito de Deus sobre Israel nos livros proféticos do Antigo Testamento (Is 32.15; 44.3,4; Ez 36.27,28; 37.14; 39.29; Zc 12.10).[196]

A estruturação mantida até ali restaria derribada. Percebemos os rudimentos desse anúncio no cenário do Antigo Testamento, caso de Saul como contado entre os profetas mesmo sem sê-lo (1 Sm 10.11,12; 19.24). Destarte, sabendo que a estruturação tenha sido firmemente estabelecida,

percebemos que ela não foi inflexível e permitiu que modificações fossem acomodadas. É o que C.S. Lewis falando sobre milagres aponta:

> Quero dizer com isso que há regras por trás das regras e uma unidade mais profunda que a uniformidade. O profissional competente jamais quebrará, com uma nota, uma sílaba ou um golpe de pincel, a lei natural e interior da obra que estiver produzindo. Quebrará, porém, sem nenhum escrúpulo quaisquer regularidades e ortodoxias superficiais que críticos pouco imaginativos tomam equivocadamente por suas leis. [...] Se tivéssemos apreendido o espírito mais secreto da obra que Deus realizou desde o início até o fim' como um todo e da qual a Natureza não passa de uma parte (talvez pequena), estaríamos em posição de decidir se interrupções milagrosas da história da Natureza foram simples deslizes indignos do Grande Artífice ou expressões da mais verdadeira e profunda harmonia em sua obra total[197].

A menção do argumento de Lewis, ainda que referente ao tema milagre é importante porquanto assuntos desta natureza recorrentemente são descridos em vista de elementos estruturantes e ordinários, sobretudo quando o tema é profecia. Em síntese, quem acredita na possibilidade de manifestação profética na Igreja pós-apostólica não nega a existência de normas ou regras (como a exposição da Palavra), mas diz apenas que elas podem ser suspensas. Foi o caso como narrado entre puritanos escoceses, além de Calvino. A norma ordinária é Deus falar aos homens através de leitura, estudo e exposição da Escritura. Contudo, esta norma pode ser quebrada, como já fartamente demonstrado neste livro.

Com efeito, quebrada a estrutura profética, como já percebida inclusive no Antigo Testamento, a mensagem divina não mais ficaria restrita aos canais de comunicação estabelecidos anteriormente. A Escritura nos afirma que a ideia é inversa, visto que Deus retificaria a estrutura de comunicação de sua vontade, alargando as tendas do profetismo para além dos limites de Israel. Em síntese, depois da ascensão de Cristo, qualquer um poderia ser profeta,

bastando para tanto que a disposição divina assim o comissionasse.

A partir de então, a comunicação divina seria exercida de maneira abrangente nesse aspecto. Deus haveria de quebrar o monopólio israelita, e mais, quebraria a estrutura por completo, refazendo-a, oferecendo um novo significado e anunciando que o Reino de Deus restara estabelecido por entre todas as nações. Neste sentido, as línguas de Atos transformaram-se em maldição para o povo judeu. Ali houve a clara manifestação de que os oráculos divinos não mais pertenciam exclusivamente à etnia judaica, como apontavam profecias importantes. Isaías e Jeremias falaram a respeito dessa transferência (Jr 31.29-34; Is 44.3-5). O Dr. Carson nos recorda preceito importante sobre o tema, quando diz que

> o próprio Moisés reconhece que o *desideratum* apontava para uma distribuição universal do Espírito; afinal, quando Josué reclama com ele sobre como Eldade e Medade profetizavam, responde: *"Tu tens ciúmes por mim? Quem me dera todos os do povo do Senhor fossem profetas, que o Senhor colocasse neles seu Espírito"* (Nm 11.27-29. É acerca disso que Joel profetiza (Jl 2.28-32, nas diversas seções); e, de acordo com Pedro, no dia do Pentecostes, é o que se cumpre (At 2). Mas isso significa que a preocupação de Joel não é simplesmente com um mero detalhe — mais pessoas profetizarão um dia —, e sim com uma cosmovisão escatológica de grandes proporções.[198]

E esta desestruturação também foi denunciada pelo autor da Carta aos Hebreus, ainda que sua mensagem focasse a obsolescência do culto pactual prescrito por Moisés (Hb 9). Neste caso, Deus retifica a prescrição mosaica, agora obsoleta, colocando-a nos trilhos adequados, enquanto no caso relativo à profecia, Deus a amplifica. Desvincula-a da antiga estruturação profética[199] – a exclusividade em divulgar os oráculos divinos – e inaugura um novo tempo, um tempo em que o povo será também canal desta vocalização (Jl 2.28-9 *cf* At 2.17-18,39). Como dito alhures o aviso sobre derramamentos do Espírito foi amplamente anunciado na Escritura veterotestamentária e não

só Joel o fez. Deus avisara seu povo de que fatos grandiosos haveriam de acontecer.

Seguindo este viés, ainda que espose conclusões Cessacionistas, Palmer Robertson nos diz algo interessante quando afirma que *"Deus não costuma surpreender amiúde seu povo com algo totalmente inusitado. Ele o prepara para que possa entender o que [Deus] está pra fazer.*[200] Esta conclusão é lógica somente se focarmos as promessas inscritas no Antigo Testamento e fizermos correlação com os fatos ocorridos não só no Novo Testamento como também em dias posteriores, como expôs Edwards em sua defesa do Grande Despertamento. Deus nos avisou por meio dos profetas que estes acontecimentos dar-se-iam em profusão. Não há motivos para descrer e rejeitá-los, salvo as distorções que conduzem o povo à apostasia.

Ademais, os estudiosos cessacionistas têm proposto uma espécie de progressividade na revelação profética que, consequentemente, alcança o ápice no ministério profético de Jesus Cristo. De certa forma esse pensamento é verdadeiro, ou seja, de fato o ministério profético alcançou sua plenitude em Cristo. Mas tal conclusão nos oferece base suficiente para afirmar que manifestações proféticas não mais seriam percebidas após a ascensão de Jesus? Evidente que não. As profecias não foram registradas apenas no decorrer do labor apostólico, como a consecução da obra revelada em Cristo, mas também podem ser percebidas em outros momentos da história da redenção.

Com isso em mente podemos inferir que a informação primordial, nas Escrituras, é o anuncio da manutenção da estrutura profética até que a Igreja se encontre definitivamente com o Senhor na eternidade. Por assim dizer, é essencial que Deus preserve "antigos modos" de se revelar até que Cristo retorne. E isto em clara justaposição com a Escritura, mesmo que este principal edifício de revelação esteja alicerçado. Ambos coexistirão pacificamente até o grande e último derramamento do Santo Espírito, que

começa a ser percebido mais claramente dentro da realidade neotestamentária. A desestruturação da instituição profética é verificada por meio do estabelecimento de vários mensageiros, alguns anônimos, e, sobretudo, pelo teor da mensagem, que agora, via de regra, pertence quase exclusivamente à igreja local. Ao colimar o comportamento desta Igreja vivendo dentro de uma nova realidade existencial, podemos inferir que houve significativa mudança se comparada à atividade profética praticada no Antigo Testamento. A fonte é a mesma, entretanto, o canal da vocalização profética não mais pertence a uma linhagem específica.

Além do mais, a profecia presta-se também ao mister de revelar os mistérios do coração incrédulo (1 Co 14.24) para que, estando este prostrado creia que de fato Deus está no meio do seu povo (v. 25), além de possuir um caráter intimamente orientador na vida do crente.

Os profetas das Igrejas locais do Novo Testamento, ao que tudo indica, profetizavam sem se preocupar com aspectos canônicos. Seus oráculos, não foram concebidos para que se registrasse na Escritura. A profecia sobre a qual se assenta doutrina é a vocalizada por intermédio de apóstolos e alguns escolhidos pela providência divina a fim de escriturarem o cânon. Quanto a este assunto falaremos mais adiante. Devemos concluir que esta nova perspectiva condiz com o que foi falado até aqui, ou seja, que está sendo estabelecida uma nova ordem, ainda que caminhe em conjunto com as palavras divinamente inspiradas com o propósito de compor o depósito de doutrina, o guia que instruirá os crentes em épocas posteriores.

Portanto, tomar esse testemunho não dá motivos para admitir-se a expectativa da cessação do dom de revelação. Importa isso sim aguardar os desdobramentos das revelações que ainda estão por vir, sem se preocupar com as questões subjetivas relativas à questão, somente relembrando dos *landmarks* estabelecidos pela própria Escritura, sobretudo os prescritos pelo apóstolo Paulo ao normatizar o elemento da profecia que compreenderia o

fim da revelação canônica até o retorno de Cristo (1Co 13).

---

[187] BRUEGGMANN, Walter. *A Imaginação Profética*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 12.

[188] STOTT, John. *Contracultura Cristã: A Mensagem do Sermão do Monte.* São Paulo: ABU, 1981.

[189] *Ibid* p. 5

[190] CODLING. Don. *Sola Scriptura and The Revelatory Gifts. How Should Christians Deal With Present Day Prophecy.* Rice: Sentinel Press, 2005, p. 107. **[Publicado no Brasil pela Editora Carisma com o título "Sola Scriptura e os Dons de Revelação: como lidar com a atual manifestação do Dom de Profecia?, Natal: 2016]**.

[191] MACARTHUR, John. *Nossa Suficiência em Cristo.* São Paulo: Fiel, 2007, pp. 169-174.

[192] *Ibid* pp.170-71.

[193] *Ibid* p.174.

[194] Já que ele valoriza sobremodo a exegese bíblica – e não há erro nisso – estranha-se o fato de não ter lançado mão dessa ferramenta. Extrair exegeticamente as verdades bíblicas e interpretá-las adequadamente oferecendo aplicações harmônicas com o texto não foi objeto da atenção de MacArthur. Deveria mostrar-nos como agem os profetas à moda cessacionista, já que segundo esta corrente, os tais são meros intérpretes da Palavra.

[195] *Idem*. p. 174.

[196] Cf. FEINBERG, *op. cit.* p. 79.

[197] LEWIS. C.S. Milagres. São Paulo: Vida, 2006, pp. 149-50.

[198] CARSON, D.A.. *Showing the Spirit*. Grand Rapids: Baker, 1988, p. 153. [tradução nossa]: "Moses himself recognizes that the desideratum was a universal distribution of the Spirit; for when Joshua complains to him that Eldad and Medad are prophesying in the camp and indignantly demands that they be stopped, tha aged leaders responds, "Are you jealous for my sake? I wish that all the LORD'S people were prophets and that the LORD would put his Spirit on Them! (Nm. 11:27-29).

[199] Como uma linhagem específica de homens separados para o ofício de profetizar. Aliás, o próprio Carson corrobora com nosso pensamento ao sustentar que "sob a antiga aliança, Deus lidou com seu povo de acordo com aquilo que chamamos de maneira tribal. A despeito dos temas relacionados com o remanescente, as Escrituras apresentam Deus trabalhando com seu povo como um grupo tribal, cujo conhecimento de Deus e cujas relações com Deus eram peculiarmente dependentes de líderes especialmente capacitados. O Espírito de Deus era derramado não sobre cada crente, mas, de forma distinta, sobre profeta, sacerdote, rei e alguns poucos líderes especialmente designados, como Bezalel". Cf. Carson, 1988, p. 151.

[200] ROBERTSON. Palmer. A Palavra Final: Resposta Bíblica à Questão das Línguas e Profecias Hoje. São Paulo: Puritanos, 1999, p. 47.

APÓSTOLOS SOMENTE?

Outra questão sempre reclamada pela erudição cessacionista diz respeito ao exercício dos dons de revelação. Vários escritores afirmam que estes dons só foram exercidos pelos apóstolos, ou, em casos excepcionais, pelos delegados diretamente estabelecidos por eles. Ou seja, para o cessacionismo moderno, os dons estavam jungidos ao ofício apostólico. Cumpre advertir que este raciocínio representa apenas parte da verdade. Ele deflete a luz para outra direção e não alumia todo o campo como se requer. O Dr. Merold Westphal asseverou que "meia verdade iluminada nunca revelará a verdade inteira"[201]. Sim, é claro que alguns – não todos – apóstolos foram instrumentalizadores dos dons extraordinários, contudo, havemos de concordar que nem todos exerceram o dom de curas, revelação, *et al*. Assim como nem todos escreveram Escritura. Aliás, não-apóstolos escreveram-na também. Caso de Lucas, Marcos – fonte da qual procedem outros tantos documentos inspirados. Anônimos também a escreveram, caso da Carta aos Hebreus, por exemplo. Outra restou perdida, a que Paulo já havia dirigido à Igreja de Corinto, uma epístola anterior à de 1 Coríntios, que não temos colacionada à nossa Bíblia (1Co 5.9). Enfim, a teologia cessacionista encara de maneira excessivamente escrupulosa algumas matérias, sobretudo no tocante ao cânon.

Mas ainda quanto ao poder apostólico, é certo também que parte desse

poder foi delegada a outros discípulos, como Filipe, por exemplo. Nada obstante, a erudição cessacionista deixa silente algumas questões extremamente importantes. Com efeito, podemos notar que dentro do ambiente neotestamentário subsiste certo grupo de homens que exerciam atividades miraculosas e de revelação e que não compunham o dito colégio apostólico, nem deles era proveniente por delegação. Vejamos um desses textos no evangelho segundo escreveu Marcos:

> Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que, em teu nome, expelia demônios, o qual não nos segue; e nós lho proibimos, porque não seguia conosco. Mas Jesus respondeu: Não lho proibais; porque ninguém há que faça milagre em meu nome e, logo a seguir, possa falar mal de mim. Pois quem não é contra nós é por nós. (Mc 9.38-40).

Em que pese os argumentos cessacionistas, eis um caso típico a demonstrar claramente a tese aqui levantada. João estranhara, com razão, a existência de um exorcista que não fazia parte do colégio apostólico. Sua reação natural foi reportar o caso a Jesus dizendo que tal homem fora proibido de continuar exercendo seu ofício, tido por João como espúrio. Talvez, para o discípulo, aquele ministério não procedia da parte de Deus em virtude do exorcista anônimo não compor a comitiva do Senhor. Os cessacionistas agem de igual forma quando não só rejeitam as manifestações proféticas da atualidade, como sugerem proibi-las alegando serem espúrias, porquanto, tendo sido encerrado o cânon, tais profecias não podem proceder de Deus.

A erudição reformada deve encarar este assunto sem tanto melindre. Afirmar que os apóstolos eram homens como qualquer um de nós, assim como o profeta Elias o era (Tg 5.17-18), não é desprestigiar o colégio apostólico, em absoluto.

Atualmente, o que tem havido, sem sombra de dúvida, é uma “apostolatria”. Paulo, Pedro ou qualquer outro do colégio apostólico eram

homens como nós, sujeitos às mesmas aflições e foram unicamente canais da manifestação poderosa de Deus, cumprindo sim uma importante missão, mas que, por exemplo, falharam algumas vezes na administração da cura (Mt 17.19,21) como será exposto neste livro. A Escritura não poupou esses homens e tais fatos foram devidamente registrados.

O que os distinguiu foi o fato de terem sido infalíveis como canais da vocalização de Deus na escrita da Bíblia. Contudo, o Espírito – e não eles – era infalível. A infalibilidade apostólica, além de derivada, era circunstancial, mediada pela operação santificadora, iluminadora e reveladora do Espírito Santo de Deus.

Os apóstolos num sentido mais objetivo são registrados como fundamentos do Cordeiro (Ap 21.14), figuras representativas que se vinculavam por analogia às doze tribos de Israel (Ap 21.12). Portanto, eles cumprem este papel representativo dentro do espírito da nova aliança do Cordeiro. É o antigo e o novo em convergência concreta da amplitude do Reino de Deus, que engloba judeus e gentios. Em Apocalipse, ambas as realidades demonstram a representação deste espectro universal do Reino, como predito pelo profeta Isaías (Is 19.17,19-25).

Mas isto não significa exclusivismo tal que nos segregue do colégio apostólico, deslocando os apóstolos como crentes de primeira categoria, enquanto os crentes pós-apostólicos (sobretudo) são referenciados como cidadão de segunda classe no reino de Deus.

---

[201] Informação verbal fornecida pelo Dr. Merold Westphal no Simpósio Internacional de Filosofia Cristã ministrada na cidade de São Paulo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, nos dias 21 a123/10/2008.

A RELAÇÃO ENTRE PROFECIA E ESCRITURAÇÃO CANÔNICA

Chegamos agora a uma parte relevante da nossa discussão. Vamos expor alguns princípios que geralmente são esquecidos em debates do gênero. Vez por outra teólogos cessacionistas afirmam ser verdade absoluta a ideia de que toda palavra de Deus, sendo revelação inspirada, deve necessariamente fazer parte do registro canônico, ou seja, compor a Escritura Sagrada. Argumentam que as reivindicações do movimento carismático moderno são falsas porque não reivindicam acréscimo às Escrituras.

Muito embora este argumento seja defendido pela maioria deles, hoje em dia se observa um realinhamento quanto a questão. Palmer Robertson é um caso típico. Ele busca conciliar esta tensão ao afirmar que mesmo as palavras de Jesus, sendo ele mesmo Deus, e dos profetas como instrumentos legítimos da revelação divina, não necessariamente foram todas registradas. Seguindo este entendimento ele diz:

> Naturalmente, não carece presumir que cada palavra que os profetas proferiram era alocução revelacional inspirada, tal como no caso de Jesus. Parece algo incontestável, porém, que eles proferiram muitas palavras revelacionais, tiveram muitos sonhos revelacionais, realizaram muitos sinais revelacionais que não se encontram registrados na Escritura.[202]

Este fenômeno é percebido em toda extensão da Escritura, ou seja, mesmo

homens inspirados por Deus, pertencentes a uma linhagem profética estabelecida em Israel, ao falarem inspiradamente sob a supervisão do Santo Espírito, não tiveram todas as palavras registradas. Para os partícipes do mundo bíblico esta questão havia sido resolvida pacificamente. Tanto que João registra que Jesus teria dito um sem-número de vaticínios e doutrinas além de feito outros tantos milagres, contudo, vários deles não foram registrados (21.25).

Com efeito, qualquer reivindicação de Cessacionistas para que as profecias carismáticas hodiernas necessariamente sejam registradas como Escritura restará vencida pelos argumentos sustentados pelo próprio cessacionismo, como o verificado na opinião de Robertson, ou seja, de que nem sempre revelação profética era registrada como bíblica.

Assim, se no Antigo Testamento e no Novo Testamento, no qual se registrou a expressão máxima da revelação profética – Jesus –, nem todas as palavras foram registradas como Escritura, por que reivindicar que as revelações carismáticas hodiernas façam parte do cânon bíblico?

Ademais, sabemos que essa questão tem vários desdobramentos. A profecia nunca possuiu estruturação fixa dentro do sistema mantido por Deus. As manifestações do espírito profético não foram uniformes, nem na literatura veterotestamentária, e igualmente não se verificou estruturação rígida dentro do universo neotestamentário.

No mundo veterotestamentário observamos algumas manifestações que destoam do profetismo ordinário, ou seja, daquele que usualmente estamos acostumados a estudar, qual sejam, o oracular e o ritual. Antes da profecia estratificar-se definitivamente nos assim chamados profetas-escritores, algumas formas anteriores são verificadas no Antigo Testamento. Referimo-nos ao profetismo de êxtase, por exemplo. Compunha-se de um grupo de profetas extáticos que perambulavam mundo afora, usando instrumentos musicais a fim de alcançarem o transe e, assim, anunciarem suas

mensagens[203]. Os profetas de Baal assim também procediam (1Rs 18.26b). Ou seja, este tipo de profetismo era verificado dentro do mundo do Antigo Testamento, e é, de certa forma, mostrado sem melindres em suas páginas.

Outro caso típico eram as remotas sociedades monásticas que gravitavam em torno de um líder maior, *e.g* Eliseu (2Rs 2.3; 4.38), a quem conferiam o título de mestre e em cujos os pés assentavam-se para aprender das artes e dos oráculos da divindade.

Outra menção refere-se aos profetas do serviço cúltico, que não devem ser confundidos com os profetas escritores. Estes, via de regra, criticavam o formalismo ritual e também exerciam importante atividade junto ao monarca, pronunciando oráculos como respostas às lamentações comunitárias, especialmente para o rei. O profeta do templo tinha lugar ao lado do sacerdote do culto. Em síntese, havia variedade considerável de profetas que cumpriam funções distintas dos já mencionados profetas escritores.

Assim sendo, exigir que as profecias (ou que se julga como tais) dos dias atuais se adequem dentro de uma estrutura que sequer existe ou existiu na composição bíblica não promove justiça ante aos reclamos dos continuístas para os quais Deus continua falando ao seu povo. Reivindicar aquele padrão como sendo primordial não resolve o impasse.

---

[202] Cf. ROBERTSON, *.op. cit*., 1999, p. 66.

[203] Parece-nos claro que Saul é contado como partícipe em um desses fenômenos (1Sm 10.5 ss; 19.18ss).

O CESSACIONISMO E O CONTINUÍSMO COMPARADOS

Nesta discussão, cessacionismo e continuísmo são as duas postulações que disputam espaço no ambiente acadêmico. Contudo, em considerações recentes[204] trazidas a lume neste trabalho, pudemos perceber que, a despeito de vários dos estudiosos citados serem cessacionistas, nenhum deles desconsiderou a possibilidade de atuação mais profusa do Espírito Santo, que transpõe os limites da atividade pneumatológica ordinária. Aliás, outros como Edwards disseram que esta deve ser a expectativa da Igreja, tendo em vista o registro das recorrentes promessas acerca de vários derramamentos do Espírito até que gozemos o que será o último e incomparável de todos eles.

Vários eruditos cessacionistas insistem em estabelecer os padrões pelos quais o Espírito atua. Não obstante, existe um aspecto atributivo e ontológico, que é esquecido acerca do Espírito: a soberania (Jo 3.8). Richard Gaffin reconhece esta soberania, no entanto, descuida em observar questões importantes relacionadas ao atributo em questão, como o fato de o Espírito agir diferente até mesmo de padrões previamente estabelecidos.

O conceito de soberania deve ser compreendido em toda sua extensão. Desconsiderar o mais importante padrão da atividade do Espírito é desprezar os próprios mistérios que envolvem o ser do Espírito. Gaffin exemplifica sua posição com um conceito estranho à própria realidade da obra soberana do Espírito, senão vejamos:

> As Escrituras, vistas em sua totalidade, ensinam que o Espírito, segundo sua soberania, acha por bem circunscrever sua atividade e estruturá-la segundo os padrões revelados. Esses padrões, e não o que o Espírito possa determinar fazer além deles, devem ser o enfoque e modelo das expectativas da igreja hoje. [205]

É evidente que, seguindo este raciocínio, nos depararemos com um conceito de soberania que não corresponde à verdade. Para Gaffin, a soberania do Espírito não é a mesma com a qual estamos acostumados a lidar, e sim uma soberania manquejante, desprovida dos parâmetros mais amplos quanto ao seu entendimento elementar. Um soberano exerce sua soberania, porquanto ela lhe é intrinsecamente característica. Aquele que tem poder para estabelecer regras, tem o poder de quebrá-las a fim de cumprir seus propósitos. A força da soberania divina consiste em possuir poder para instituir regras, e igualmente ostenta credenciais para estar acima das leis promulgadas. É o que já registramos anteriormente na fala de Lewis que disse:

> [...] há regras por trás das regras e uma unidade mais profunda que a uniformidade. O profissional competente jamais quebrará, com uma nota, uma sílaba ou um golpe de pincel, a lei natural e interior da obra que estiver produzindo. Quebrará, porém, sem nenhum escrúpulo quaisquer regularidades e ortodoxias superficiais que críticos pouco imaginativos tomam equivocadamente por suas leis. [206]

Gaffin também afirma que a atividade mais poderosa da qual diz conhecer sobre o Espírito denota sua perspectiva talvez um tanto quanto comedida a respeito:

> O que está em debate nesse simpósio não é se o Espírito de Deus opera hoje de modo poderoso, dinâmico, sobrenatural e direto. Nenhuma obra do Espírito, sustento, é mais radical, impressionante, milagrosa e totalmente sobrenatural do que aquilo que ele faz – agora, hoje – com os que não passam de mortos em suas transgressões e pecados (Ef 2.1,5).

> Além de qualquer capacidade humana – racional-reflexiva, místico-intuitiva, ou qualquer outra – o Espírito os torna vivos para Deus em Cristo Jesus (Rm 6.11).[207]

O Dr. Gaffin entende, corretamente por sinal, que uma das obras mais poderosas do Espírito é restituir vida a um morto. Ressuscitar alguém de fato é sem dúvida uma obra portentosa. Mas, e depois? Cessa-se a atividade do Espírito? E como se dá a relação Espírito x crente nessa atmosfera racional-reflexiva, místico-intuitiva ou qualquer outra como ele mesmo menciona? O Espírito ressuscita o morto e este sopro de vida, entendemos, se dá através do despertar resultante de convencimento via comunicação. Ou seja, o Espírito deve necessariamente falar ao morto, convencendo-lhe do pecado, da justiça e do juízo. Isso é instrução. Assim sendo, se o Espírito fala a um morto a fim de vivificá-lo, por que não falaria com o agora vivo a fim de mantê-lo vivente, instruindo-o no caminho em que deve andar?

Entendemos que este processo regenerativo feito na vida do homem pecador para que compreenda as verdades do Evangelho, se arrependa, se converta e viva, é essencialmente um evento de revelação. Se o Espírito revela-se a um morto para lhe conceder vida, qual a dificuldade em acreditar que este mesmo Espírito revela-se a um regenerado a fim de lhe desvendar questões diversas? O apóstolo Paulo na Carta aos Romanos (5.10) nos diz que, se quando inimigos fomos reconciliados, muito mais benefícios recebemos após efetiva reconciliação. A dinâmica aponta para uma progressão. Fomos reconciliados e, depois disto, salvos para vida. Quanto ao nosso argumento, o Espírito fala à mente para nos vivificar e continuará falando a fim de que continuemos vivos. Isto é relacionamento. Isto é consolo.

Prosseguindo, Dr. Gaffin faz ares de esquecer que necessariamente o debate gravita em torno da atuação sobrenatural do Espírito não só na questão correspondente à regeneração do ser, que é, conforme dissemos,

eminentemente por revelação.

Devemos também elucidar os pontos que se diluem dentro de uma esfera mais coletiva, na Igreja, com a demonstração de sinais que verdadeiramente manifestam que o reino de Deus não é só tagarelice. Estamos convictos de que a mensagem bíblica nos afiança serem necessariamente extraordinários os eventos envolvendo o Espírito, e de maneira abrangente, desde a regeneração até as demais atuações. Tudo conspira a favor do entendimento de que, desde a regeneração até o ressuscitar dos mortos no dia final, toda a obra do Espírito é sempre grandiosa e poderosa. O sobrenatural é natural quando o ser em questão é o Espírito Santo.

Quanto ao ponto denunciado por Gaffin e sobre sua cosmovisão pneumatológica, percebemos que embora os cessacionistas tenham uma teologia muito bem articulada sobre conversão, providência e santificação, eles tendem a negligenciar o miraculoso de Deus e falham em entender suas operações.

O ser incapaz de explicar muitas passagens denunciado aqui é aquilo que extraímos do pensamento de Gaffin. Ele simplesmente se recusa a tecer considerações sobre aspectos relevantes da atividade pneumatológica, daquilo que transpõe a regeneração do ser humano na conversão. A relação mística do novo convertido com o Espírito Santo dentro da estrutura eclesiológica deveria merecer atenção especial. Mas, o que ele diz? Nada. Simplesmente se nega a comentar.

O Dr. Merold Westphal, alertando sobre os postulados do ateísmo de suspeição, parece indicar que o cessacionismo, sobretudo o moderno, assumiu os mesmos princípios egocêntricos daquele quando diz que

> Crenças podem ser racionais e não serem verdadeiras. Nós cremos naquilo que cremos, porque desejamos crer naquilo. E desejamos crer naquilo porque isso satisfaz algum desejo do coração. É falacioso achar que a forma como eu creio em algo, necessariamente essa crença seja verdadeira. Contudo, a razão pela qual se chama isso de resposta menos

> adequada é porque ela é uma recusa de reconhecer uma verdade para qual a suspeição nos aponta. É uma forma de defletir, de apontar para um lado distinto, refletindo para outro ponto a luz que deveria brilhar em dado lugar iluminando a verdade inteira.[208]

Reside neste raciocínio de Westphal uma questão importante. Para ele, os aspectos da filosofia ateísta que mais se sobressaem são os apelos que atendem às demandas da razão humana. Destarte, para serem verdadeiras, nossas crenças necessariamente devem ser racionais, bem arrumadas e julgadas pelo crivo do intelecto. É claro que Westphal aplica esta crítica contra os oponentes do Cristianismo. Contudo, sem maiores problemas, podemos utilizá-la em desfavor dos cessacionistas. Por que a doutrina cessacionista enraíza-se justo nesse solo retórico. O fato primordial é que nesse plano nossa crença baseia-se quase exclusivamente naquilo que nossa mente deseja crer. Desejamos crer em algo porque nosso coração assim deseja que creiamos. Nada obstante, o maior alerta oferecido é que, ao fazermos isto, nós defletimos a luz para outro foco e somente parte da verdade resplandece. É sobre isto que nos exorta o Dr. Ron Smith ao nos dizer que devemos ser cuidadosos e considerar também aqueles que defendem doutrinas que se confrontam. A dinâmica do argumento cessacionista ignora o alerta e cai numa perigosa armadilha quando subscreve em fé os eventos sobrenaturais das Escrituras, mas nega enfaticamente os da Igreja pós-apostólica. Lloyd-Jones, falando na Conferência Anual da Fraternidade Médica em 1971, apontou na mesma direção quando disse:

> Digo então que, se simplesmente dizemos que não acreditamos nisso, adotamos uma atitude não-científica. Temos que enfrentar os fatos; se esses concordam ou não com as nossas teorias é outro assunto. É errado rejeitar os fatos, por qualquer que seja a razão. [209]

Lloyd-Jones referia-se à questão da cura milagrosa. Não aborda a questão profecia ou a qualquer manifestação de revelação. Mas, para ele é irracional

ou ilógico rejeitar os fatos que se apresentam diante dos olhos, ainda que não consigamos estabelecer alicerces logicamente aceitáveis que se harmonizem na mente natural.

Retomando o ponto exposto por Westphal, evidente que a mesma acusação poderia ser feita inversamente aos que creem nas manifestações do Espírito decorridos os eventos neotestamentários. A questão, entretanto, não é esta, até em razão de que o ponto aqui é se existe ou não indício de fraude nos postulados de quem defende a estrutura filosófica do cessacionismo de Warfield, até os dias de hoje.

A questão não é possuir uma teologia racional e, consequentemente, verdadeira, até porque, em se tratando deste assunto, a própria fé cristã possui elementos com matizes caracteristicamente suprarracionais. A trindade, por exemplo, está no patamar dos assuntos sobre os quais a compreensão humana deve se impor rígidos limites. Neste sentido, atestar sobre a veracidade no exercício dos dons na Igreja pós-apostólica é tarefa que corriqueiramente enveredará pelos meandros da subjetividade. Quanto a isto, Kuyper havia sinalizado, como já demonstramos anteriormente.

Em resumo, qualquer sentimento de incompreensão relacionado à obra subjetiva do Espírito só pode ser vencido quando nos tornamos partícipes das mesmas infusões do Espírito. Não se pode conhecer intimamente a obra do Espírito apenas pela Escritura, tanto que o apóstolo nos exorta a que nos enchamos do Espírito (Ef 5.18). Arrazoar sem ter vivenciado os benefícios pedagógicos dessa experiência com o Santo Espírito de Deus nos levará sempre aos princípios de uma teologia que busca racionalizar o “não-racionalizável”. E isto evidentemente não tem nada a ver com um suposto inter-relacionamento da teologia Continuísta com os ideais da filosofia pós-modernista denunciada por um importante cessacionista[210]. Assim como não é correta a afirmação de que todos os Cessacionistas têm abraçado um quase deísmo que exclui o sobrenatural dos tempos atuais. A diferença é substancial

para que um Continuísta sustente esta acusação contra os cessacionistas, mas não deixa de causar preocupação e a nos recomendar cautela.

Lançando mão da estratégia de ataque conhecida como *tu quoque*[211], um carismático preparado, em um debate com qualquer cessacionista, deverá somente afirmar que este não pode agir como um descrente que no debate acerca da fé exige evidências para aceitar matérias que não podem ser objeto de especulação do indiscutível. Em resumo, não se pode entender com a razão o que só pode começar a ser entendido a partir da experiência prática. Razão e emoção caminham de mãos dadas em prol do entendimento teológico sobre o ofício do Espírito. Neste caso, a fé dos continuístas não poderia ser considerada negação à racionalidade e apelo desesperado ao misticismo-subjetivista. Pelo contrário, o continuísmo deve ser visto como elaboração teológica sincera que busca unir fé e razão, verdade e poder do Espírito.

O cessacionismo, por outro lado, abraça uma espécie de teologia muito próxima do antissobrenaturalismo de Bultmann. A diferença significativa entre ambos é que este último não deseja crer que as manifestações sobrenaturais constantes nas Escrituras sejam legítimas e dignas de crença. Para ele, tudo não passa de uma bem-intencionada fraude piedosa. Já aquele, não deseja acreditar em manifestações do sobrenatural, negando-se a acreditar que Deus conceda dons aos homens a fim de dar seguimento à obra iniciada. Assim sendo, defender este sistema antissobrenaturalista é complexo para um cristão genuíno. A roupagem é conservadora, mas seu viés teológico deita raízes no solo da teologia liberal. E esse é um problema que os teólogos cessacionistas devem resolver. Por que para Bultmann um fato histórico que envolva um caso de ressurreição dentre os mortos, por exemplo, é totalmente inconcebível?

> Não há justificação para afirmar a ressurreição de Jesus como um evento que realmente aconteceu se não deve ser afirmada como um evento

> histórico como tal. Se determinado evento aconteceu ou não há dois mil anos não é tornado certo pela fé, mas unicamente pela pesquisa histórica, na medida em que se pode obter certeza quanto a questões dessa espécie. Dogmática Cristã, *ed*. Sinodal, 1987, vol. I, p. 533.

O argumento do cessacionismo moderno é quase o mesmo de Bultmann, ainda que repaginado. Apela-se a uma renitente causa necessária para acomodar a existência do miraculoso e do extraordinário. Vejamos o que diz Brian Schwertley a respeito de sua descrença no miraculoso contemporâneo:

> Você já viu algum desses modernos curadores da fé ir até um hospital e curar os doentes? Já viu algum curar alguém nas escadarias da prefeitura, em um shopping center ou em um parque público? Se esses curadores da fé têm a mesma capacidade que os apóstolos, por que eles operam suas curas nas igrejas, diante das pessoas que já creem? Sinais são para os incrédulos; crentes não precisam ser convencidos de que Jesus é o Cristo – eles já creem nisso. Por que não ouvimos mais do dom de curar sendo usado nos corredores dos hospitais? Por que os curadores não utilizam seus dons em lugares como a Índia ou Bangladesh? [212]

As premissas defendidas por Schwertley devem ser consideradas, integralmente. Em defesa do que ele julga ser o padrão bíblico, primeiramente deveria atentar para o fato de que os milagres bíblicos não foram concedidos a fim de serem espetáculos à parte. Pedro e João, por exemplo, não fizeram campanhas de cura e libertação. A missão primordial de ambos era a anunciação do Evangelho. O coxo à porta formosa do templo foi curado mediante um evento incidental[213]. Os apóstolos não saíram com o propósito de curar aquele homem. Ou pelo menos não é isso o que o texto bíblico nos recomenda cogitar.

Além do mais, as curas miraculosas do Novo Testamento serviam ao propósito de Deus de glorificar-se a si mesmo e a seu Filho. Observamos que na cura do coxo do templo Lucas registra como ato contínuo ao evento miraculoso a verificação de que o propósito havia sido alcançado, ou seja,

“todos glorificavam a Deus pelo que acontecera” (At 3.12,13). Isto fica demonstrado na ocasião em que Paulo e Barnabé rejeitaram a adoração manifesta em Icônio (At 13). O dom não se presta à autopromoção de quem é agraciado. É bem verdade que muitos dos pretensos curadores modernos são charlatões e aproveitadores da fé desesperada de uma massa que erra por não conhecer a Escritura. Mas este argumento não deve permitir que percamos de vista que o propósito essencial da cura não é a autopromoção de quem supostamente reivindique possuir o dom, incluindo aí os de revelação.

Em segundo lugar, todos os relatos de cura em países como Índia e Bangladesh, onde o povo não recebe a mínima assistência governamental, são simplesmente ignorados por cessacionistas como Schwertley. Por exemplo, existem incontáveis registros[214] de manifestações sobrenaturais ao longo do ministério de William Duma[215] na África do Sul. Duma foi um famoso pregador sul africano usado por Deus de maneira surpreendente até sua morte, em 1977. Relatam-se inúmeros casos de curas sobrenaturais, incluindo um surpreendente caso de ressurreição da menina Litta, filha de um evangelista conhecido na região[216]. Stegen também menciona outro caso de ressurreição de Thofozi, uma de suas colaboradoras na missão, nos idos de 1973. Schwertley, no entanto, não cita este e tantos outros casos. Não cita porque não os conhece ou por desonestidade? Evidente que nosso assunto gravita necessariamente em torno do dom de profecia, contudo, a julgar pelo esforço cessacionista de sempre agregar o dom de curar ao de profecia, fizemos esse comentário complementar. Erlo Stegen[217] relata um sem-número de manifestações sobrenaturais no livro *Avivamento na África do Sul*. Quanto a este ponto, aproveitamos para registrar que um dos mais conhecidos teólogos cessacionistas do Brasil, o Dr. Augustus Nicodemus, importante líder de representativa denominação presbiteriana, afirma – ainda que discretamente – ter sido curado[218] de esterilidade[219] nos idos de 1984 entre os Kwasizabantu,[219a] missão liderada por Stegen. Embora relate que ninguém

tenha lhe imposto as mãos ou orado particularmente por ele, o fato é que, como bem ele pontua, saiu de lá curado. E não estamos falando de um resfriado qualquer.

Intriga-nos o fato de um cessacionista que não crê na operação divina através da instrumentalidade humana (no caso, alguém que receba o dom de curar como os apóstolos receberam) se dê ao trabalho de visitar a missão do Rev. Stegen, que na ocasião experimentava um singular derramamento do Espírito Santo no tocante à cura. Ora, se Deus cura em qualquer lugar como crê Nicodemus (e nós também cremos assim), e se não há o envolvimento direto da instrumentalidade humana como funcionava com os apóstolos (como ele afirma, nós não), por que ir até lá? Também não ficou claro como ele sabe que saiu de lá curado. Sentiu o fluir de algo diferente? Foi-lhe dito que estava curado? Fez exames posteriormente? Esta é uma questão que não ficou esclarecida. Aliás, tenho a impressão de que o problema denuncia certa "prescrição sintomática" característica do nome, reveladora, nicodêmica: "*Tu é mestre em Israel e não compreendes estas coisas?*" (Jo 3. 8, 10).

O importante nessa discussão é perceber que convicções teológicas cessacionistas podem sofrer abalos quando seus defensores estão necessitados de uma intervenção divina miraculosa de dimensões como a que ele aparentava estar carecendo. Talvez suas convicções tenham sido questionadas intimamente e não vemos motivo para zombar deste fato ou fazer pouco caso como se isto fosse um triunfo das convicções Continuístas. Pelo contrário, louvamos a Deus pela cura do Augustus e oramos no sentido de que seu testemunho seja anunciado aos quatro cantos. Em quê seria vergonhoso admitir a cura divina por intermédio do ministério de cura pelas mãos do Rev. Stegen? A meu ver, nenhuma vergonha, nenhum demérito aos apóstolos do primeiro século.

Quanto ao fato de a majoritária opinião cessacionista afirmar que não há, como havia na Igreja do primeiro século, o envolvimento da

instrumentalidade humana na operação miraculosa de cura, é importante notar que temos registros de acontecimentos que igualmente envolveram os puritanos escoceses, caso os exemplos que trouxemos aqui, como o do Rev. Duma, não sirvam como testemunho conclusivo.

Robert Fleming relata-nos que o ministério de Robert Bruce registra sucessivos casos de curas das mais variadas enfermidades, depois de orações e imposição de mãos de Bruce.[220]

John Welsh foi protagonista de um caso igualmente impressionante, no sentido mais preciso do termo. Trata-se de um verdadeiro caso de ressurreição[221]. É o que nos garante Howie sobre a morte e a ressurreição do Lorde Ochiltree, governador do Castelo de Edimburgo, o mesmo citado aqui no capítulo “A ocorrência de profecias entre os puritanos escoceses”. Welsh ficou profundamente comovido com sua morte. Durante três horas lamentou com grande ternura a morte do amigo. Resistiu a que levassem o corpo e sempre pedia que permitissem ficar um pouco mais ao lado dele.

Passadas 36 horas desde a constatação do falecimento e como o clima era quente, os amigos de Welsh persuadiram-no ao enterro de imediato. Mas Welsh mantinha-se resoluto e renovava seus pedidos para continuar numa espécie de vigília. Após 48 horas, os clamores dos circunstantes a fim de que Welsh liberasse o corpo para o sepultamento recrudesceram. Alguns julgaram até que Welsh pensava que o amigo não estava realmente morto, mas sob algum ataque apoplético[222] e em razão disto resistia em permitir o enterro. Propuseram-lhe então que médicos e cirurgiões examinassem o corpo. Se nenhum sinal vital fosse percebido, Welsh se renderia e daria espaço para que os preparativos do enterro fossem providenciados.

Exames clínicos feitos, pinças espetadas em todas as partes do corpo, uma corda torcida com grande força no pescoço do defunto e nenhum sinal de reação fora verificado, diante do que não restou outro veredito a não ser declarar o morto como morto. Ainda assim, Welsh permaneceu resoluto e

pediu uma última oportunidade. Concordaram.

Welsh prostrou-se diante do estrado em que estava o Lorde Ochiltree e clamou ao Senhor com toda força de sua alma; por vezes olhava para o corpo morto para depois continuar a luta incessante com o Senhor, até que, de rompante, o jovem Lorde abriu os olhos e gritou, chorando, para Welsh, um distinto conhecido: *"Oh senhor Welsh, eu estou saudável, exceto por minha cabeça e minhas pernas"*. Estes foram os lugares que eles haviam machucado dolorosamente com beliscões e outros traumas.

Evidências existem e estão à disposição. Lançar mãos delas é o grande desafio e, como já dito, dependerá de como enxergamos a força de testemunhos como estes. Seria bom ouvir o Dr. Brian Schwertley e toda uma ala cessacionista mais criteriosa a respeito.

Haverão de negar que Deus ressuscitou mortos através da instrumentalidade humana depois do primeiro século? Negarão os relatos dos maiores homens que o puritanismo escocês produziu? Negarão o testemunho de uma nação inteira em 140 anos de história em que o Espírito de Deus se derramou poderosamente no ministério de homens consagrados integralmente à verdade divina, à oração, e uma vida piedosa a serviço de Deus?

Sobre tais quesitos, o Dr. Lloyd-Jones considera os argumentos cessacionistas dizendo que eles são *"baseados em conjecturas para justificar uma deficiência particular. Para sustentar o cessacionismo, basta apagar o Espírito"*.[223] Via de regra nosso Cristianismo é superficial e os ministérios pastorais, sem profundidade. Homens sem poder porque não se dedicam à oração como o fizeram os puritanos escoceses. Daí vem a pergunta: Você que lê este livro agora, dedica quantas horas ininterruptas de oração por dia? Ou quantos pastores você conhece que têm uma vida de oração como a que tinha Welch? Quantos você conhece que dedicam oito horas de oração diárias? A erudição teológica é digna de nota, mas, sem a piedade, será apenas entulho de conhecimento que não produzirá a verdadeira vida. É preciso unir as duas

áreas: profundidade em doutrina bíblica e experiência espiritual vigorosa; luz e calor; lógica e fogo. É assim que tem que ser. É esta a dinâmica do Reino.

Acreditamos que Deus não muda e que nele não há variação de sombra alguma. Ele é soberano e o entendimento cessacionista tem andado sob o fio da navalha quanto a negar o mais elementar dos atributos divinos. Falar ou deixar de falar compete-lhe por decisão soberana. Por mais elaborada que seja uma elaboração teológica a serviço da cessação dos dons, ela deporá contra a verdade de que Deus se relaciona muito mais intimamente com sua criação do que a vã filosofia cessacionista supõe.

Mas ainda quanto ao ponto "evidência", Alvin Plantinga há muito tem se debatido contra os ateístas que insistem em desacreditar a fé cristã pelo que estes alegam ser insuficientemente evidente. Aqui percebemos que os postulados do cessacionismo moderno, do antissobrenaturalismo de Bulltmann e as bases epistemológicas do ateísmo caminham de mãos dadas sem quaisquer problemas, porquanto são nascidos de uma mesma fonte. Plantinga apresenta a questão dizendo que

> Obviamente, a disputa aqui é ultimamente ontológica, ou teológica, ou metafísica; aqui vemos as raízes religiosas e ontológicas de discussões epistemológicas sobre a realidade. O que você crê ser racional depende de sua posição metafísica e religiosa. Depende de sua antropologia filosófica. Sua visão sobre que tipo de criatura é um ser humano vai determinar, no todo ou em parte, suas visões sobre o que é racional ou irracional para os seres humanos crerem; essa visão vai determinar o que você acha ser natural ou normal ou saudável em relação à crença. Então a disputa sobre quem é racional e quem é irracional aqui não pode ser resolvida com considerações epistemológicas; não é uma disputa fundamentalmente epistemológica, mas sim ontológica ou teológica.[224]

Ademais, o cessacionismo moderno, quando confrontado com as evidências requeridas, assevera que elas não são fruto da operação de Deus. Não adiantará muito provar por meio das evidências proposições racionais

que se harmonizem cognitivamente, se os cessacionistas, confrontados com tais evidências, ainda assim negarem a efetiva atuação sobrenatural de Deus na Igreja pós-apostólica.

Se nos for requerido pela ciência ateísta evidências da ressurreição de Cristo, tais como eles esperam, seremos incapazes de oferecê-las. Mas a lacuna da evidência não exclui o fato de que a dita ressurreição se deu historicamente. Nada obstante, pelas leis da probabilidade de Hume, o fato de haver acontecido apenas uma vez não garantiria o fato de que esta ressurreição seja crível[225]. A questão não é fácil de ser resolvida, mesmo que em casos mais específicos tais evidências sejam apresentadas.

A crença neste fato histórico espraia-se no único e suficiente testemunho do Espírito e das Escrituras. Para nós cristãos, esta convicção basta em si mesma. Contudo, para o cético este ponto conclusivo não é nada científico e sequer poderá ser considerado como evidência. No entanto, a ressurreição continuará sendo verdade absoluta a despeito dos reclamos da ciência contra o que foi cunhado como subjetivismo metafísico da fé cristã.

Portanto, os apelos que Schwertley faz às evidências não passam de subterfúgio para negar um fato histórico reputado como verdadeiro. Por fim, o que é objetivo para nós é extremamente subjetivo para a ciência, sem, contudo, alterar a verdade dos fatos. Os fatos existem por si.

Por outro lado, a despeito de serem os ateus críticos severos de nossas proposições metafísicas em razão de não estarem reunidas evidências materiais segundo suas expectativas, é interessante observar que alguns admitem taxativamente a existência de vida inteligente em outros planetas, sem, contudo, disporem de evidências inegavelmente consistentes que sustentem esta crença. Nenhum deles viu, tocou nem conversou com tais seres, no entanto garantem sua existência.

O apelo às evidências não é o foco ou o sistema encontrado na Escritura para fazer provar suas proposições. Este modo de pensar e constatar como

verdade realidades supostamente abstratas está mais para o cientificismo ateísta que para um cristão. Se o que propusemos é verdade, então por que Schwertley e tantos outros insistem em clamar por aquelas? Se a Bíblia não se propõe como baú de evidências, e os reformados cessacionistas creem que ela é única regra de fé e prática, parâmetro de nossa *práxis*, então por que insistem em navegar na contramão? Neste assunto pode? Nos demais, *Sola Scriptura?*

C.S. Lewis nos exorta a buscar uma rota alternativa, mais condizente com as postulações bíblicas quando diz que o ceticismo pode até mesmo ser encontrado na pena de sinceros cristãos. É claro que Lewis tece suas considerações falando sobre a tensão havida entre Sobrenaturalismo x Naturalismo. Mas entendemos que seus postulados podem e devem ser usados como analogia ao nosso ponto de discussão. Ou seja, sustentar a naturalidade do sobrenatural na Igreja deveria ser a premissa básica de qualquer cristão. Eis o que Lewis diz acerca do ceticismo e do que devemos fazer a respeito:

> Isto não significa (como fui tentado certa vez a suspeitar) que esses clérigos sejam apóstatas disfarçados que se aproveitam deliberadamente da posição e do sustento que lhes concede a Igreja Cristã para minar o Cristianismo. Origina-se do que podemos chamar sequela. Todos nós estamos impregnados de Naturalismo. Nem mesmo a conversão tem efeito imediato sobre essa infecção que atava nosso sistema. As suposições do Naturalismo precipitam-se sobre nossa mente, no instante em que nos descuidamos com a vigilância, e, em parte, o comportamento desses estudiosos resulta de uma ideia bastante favorável, que é realmente tão honrosa a ponto de ser exagerada. Temem que o inimigo leve vantagem, considerando-a um justo direito seu e em consequência, tornam o Naturalismo parte de seu método para eliminar o sobrenatural, seja onde for e mesmo que remotamente possível, a fim de forçar uma explicação natural até o ponto de ruptura antes de admitir a menor indicação de milagre. [...] Devemos desenvolver um olfato como o dos cães de caça para aquelas fases da argumentação que não dependem de

> conhecimento histórico e linguístico, mas estão sujeitas às suposições dissimuladas de que os milagres são impossíveis, improváveis ou impróprios. Isso significa que devemos realmente nos reeducar, nos esforçar muito e continuamente para eliminar de nossa mente o tipo de pensamento em que fomos educados.[226]

Por sua vez, outros eruditos indicam objetivamente que a escassez de eventos sobrenaturais, e até uma suposta falta de interesse nos dons de línguas e profecias nos escritos de Paulo, sejam causa suficiente para concluirmos que o apóstolo estivesse apontando uma iminente cessação dos dons de revelacionais. É a posição defendida por Palmer Robertson:

> Essas muitas referências a um corpo estabelecido de doutrina, em 2Timóteo e Tito, apontam para uma circunstância diferente daquela que fora expressa nos primeiros escritos de Paulo. A completa ausência de referência aos dons de profecia e línguas nessas últimas cartas se contrasta radicalmente com a circunstância prevalecente na correspondência inicial para com as igrejas de Tessalônica, Corinto e Roma.[227]

Antes de analisarmos os pontos de suas conclusões é preciso dizer que Robertson labora no argumento do silêncio. Para ele é suficiente crer na ideia de que, se tais recomendações sobre profecia não estão inseridas nas cartas a Timóteo e Tito, devemos concluir que o assunto estaria para ser esgotado ainda no ambiente do Novo Testamento. Este argumento também é revelador sobre algo que desejamos trazer à discussão.

A argumentação de Robertson é grosso modo persuasiva. No entanto, ao analisarmos mais detidamente os escritos paulinos a respeito do assunto, tomamos outra conclusão. Em primeiro lugar, as manifestações carismáticas foram observadas em profusão somente em algumas Igrejas, não em todas. Como bem pontua Robertson, esses dons foram verificados com maior evidência nas Igrejas de Corinto, Tessalônica e Roma. Em segundo lugar, quanto às demais Igrejas, o contexto bíblico não nos permite afirmar o

mesmo. Se verificadas posteriormente, elas poderiam seguir o padrão normativo contido nos registros dirigidos às Igrejas mencionadas anteriormente.

Contudo, este argumento não seria suficiente para refutar a tese proposta por Robertson. Respondendo às afirmações propostas por ele sobre uma suposta falta de interesse de Paulo, dizemos que, dentro de um esquema didático, Paulo não mais necessitava deter-se em discorrer sobre o assunto, tendo em vista que todas as prescrições a respeito já estavam registradas nas cartas enviadas às Igrejas do Novo Testamento (1Co 14.31-34). Ou seja:

a) Que tudo deveria ser feito com ordem e decência (1Co 14.40);
b) Deus é de paz e não de confusão (14.33);
c) Que não se proíba o falar em línguas, e
d) Que o dom de profecia deveria ser buscado com zelo para a melhor edificação da Igreja como um todo (14.31,39).

Em síntese, era desnecessário, sob o ponto de vista pedagógico, repetir tais assuntos, porquanto esses ensinos já estavam claramente expostos em escritos anteriores. Se Timóteo e Tito desejassem saber doutrina e normas sobre tais questões, deveriam recorrer então aos escritos mencionados, porquanto são a regulamentação sobre o uso dos dons, e isto anota acertadamente Robertson dando lugar de destaque.[228]

Ademais, a dita ausência de menção sobre o dom de profecia na carta escrita a Timóteo não parece indicar muita coisa sobre a questão. Paulo não estaria restrito a discutir este assunto em correspondência caracteristicamente mais íntima. Os assuntos, como esperado, versam mais sobre exortações quanto ao ministério de Timóteo, que a partir de então não mais contaria com a presença de seu pai na fé.

Todavia, o mais interessante da posição cessacionista como defendida por

Robertson é que parece impor um elemento novo ao raciocínio de Paulo ao afirmar que ele estava consciente da manifesta cessação dos dons de revelação, ou, no mínimo, que já estivesse enxergando o dom arrefecendo na Igreja do primeiro século.

É um pensamento original, contudo, perigoso de se defender, tendo em vista que preliminarmente não há amparo que subsidie posições desse matiz. Prova é o texto de 1 Coríntios 13 discutido por décadas sem que um consenso seja alcançado. Por exemplo, vários eruditos, incluindo um respeitado cessacionista[229], têm defendido que o perfeito se refira ao retorno de Cristo e não ao cânon como outros tantos defendem[28]. Com efeito, Sinclair Ferguson, conhecido e respeitado erudito cessacionista, nos aponta que

> A afirmação de Paulo de que quando visse a perfeição, o imperfeito desapareceria‘ (1Co 13.10), tem sido às vezes entendido pelos cessacionistas como uma referência à completação do cânon da Escritura, e com ela a cessação dos dons especiais dos quais a profecia, línguas e conhecimento revelatório são representantes (1Co 13.8). Então veremos ‘face a face’ e não um pobre reflexo (1Co 13.12); o contexto aqui é Nm 12.8; a referência é à intimidade de Moisés, face a face, comunhão não enigmática com Deus.

Se Ferguson estiver certo em suas conclusões, certamente se verá em dificuldades para sustentar parte importante de suas premissas cessacionistas. Se tal analogia articulada pelo apóstolo é relativa à intimidade divina com Moisés, e, se esta intimidade se revelava no face a face, só podemos concluir que o perfeito ao qual Paulo se refere é a face de Cristo, a consumação da mensagem do Evangelho. Paulo estaria então relacionando o face a face de Moisés com Deus ao nosso face a face com Deus, em Cristo, na eternidade. Neste cenário, não precisaremos mesmo de dons de revelação, quer sejam línguas ou profecias ou qualquer outro como discernimento para julgar espíritos.

Em segundo lugar, devemos entender também a razão específica quanto à

existência dos dons. Eles não serviram somente à Igreja como instrumentos alicerçadores, como insiste a erudição cessacionista, mas fazem a conexão direta do presente com o futuro, o que quer dizer que, com o retorno de Cristo, os dons não mais serão necessários, assim como não mais o serão a fé e a esperança, visto que haveremos de ver a confirmação da fé pela concretização da esperança, quando veremos face a face a fonte de todo o conhecimento e perfeição. Em síntese, entendemos que para Paulo a ideia do *perfeito* é um conceito escatológico e não pode, neste caso, referir-se ao cânon. Neste sentido, Gordon Fee entende que o contexto de Paulo nesta seção específica da carta dirigida aos coríntios aponta para a diferença entre o presente e o futuro[230]. Logo, o perfeito aqui utilizado refere-se ao segundo advento de nosso Senhor.

Daniel Wallace, respeitado exegeta neotestamentário e professor no Seminário Teológico de Dallas, também sugere a mesma proposição quando afirma que

> O artigo no v.10 é anafórico, reportando-se às duas partes de ἐκ μέ ρους no v. 9. É como se Paulo dissesse: quando o perfeito vier, o em parte será aniquilado. A questão é: com a chegada do perfeito (muito provavelmente o retorno de Cristo), tanto o dom de profecia quanto o dom de conhecimento passariam.[231]

E prosseguiu dizendo que

> Embora não haja nenhuma objeção a τελειον se referir *gramaticalmente* ao fechamento do cânon (pois o adjetivo naturalmente seria neutro caso se referisse a um objeto, mesmo se o substantivo inferido fosse feminino, *v.g.* γραφη) é difícil ver tal hipótese nessa passagem, pois pressupõe que: (1) Paulo e os coríntios sabiam que ele estava escrevendo o texto sagrado, e (2) o apóstolo previu o fechamento do NT antes do retorno do Senhor. Uma visão mais provável é: "o perfeito se refere à vinda de Cristo (note o término dado no v. 12 [τότε] como "face a face", uma referência pessoal que não comporta facilmente a visão do cânon.[232]

Importante seria se pudéssemos estabelecer um ponto de convergência neste assunto. Muito embora esta questão seja relevante ao deslinde da demanda, não iremos abordá-la em profundidade. Nossa intenção aqui é demonstrar as incompatibilidades notórias dos postulados cessacionistas quando confrontados com as teologias do Reino de Deus e do Espírito Santo.

Deveremos fazer as devidas análises necessárias à pacificação do tema dentro da esfera teológica, sobretudo, observando-se os princípios da pneumatologia e da eclesiologia, e verificar se existe algum meio de se harmonizar o cessacionismo – como defendido atualmente – com as teologias do Reino e do Espírito. Levando-se em consideração os registros trazidos no segundo capítulo deste trabalho, comprova-se, em tese, que os sistemas são irreconciliáveis.

Dois outros postulados da teologia cessacionista moderna serão analisados agora. O primeiro versa sobre o entendimento do uso dos dons, enquanto o segundo refere-se à eficácia no uso dos mesmos.

Sobre a primeira questão, dizer que a afirmação cessacionista de que os dons apostólicos foram concedidos para tão-somente autenticar a mensagem divina, grosso modo carece de sustentação teológica. Por isso é imperativo entender a razão precípua do dom.

Vários cessacionistas, ao afirmarem que o propósito dos dons é autenticar a mensagem apostólica, fazem ares de esquecer a asseveração de Paulo ao dizer que o único propósito é o de edificar a Igreja. Sem esquecer-se de pontuar que em primeiro plano está em jogo a glória de Deus, ou seja, o que Lucas registra em Atos 4.21 é que todos se vejam glorificando a Deus pelo ocorrido.

Por conseguinte, quando Tiago orienta que os presbíteros se reúnam e orem pelos enfermos, visto que a oração da fé os curará, diz claramente que a manifestação de cura não só perduraria na Igreja pós-apostólica, como desvincula aquela da atuação caracteristicamente apostólica. Evidente que os

apóstolos possuem sua dignidade singular dentro da superestrutura eclesiológica, mas ao que parece eles mesmos entendem que a própria estrutura é o mais importante; em suma, que a vida do crente ao se relacionar com o Espírito em busca do crescimento e perfeita varonilidade, é mais importante do que o próprio papel que eles exercem.

Quanto ao segundo ponto, qual seja a eficácia do dom concedido, é preciso igualmente entender as manifestações de curas havidas dentro do contexto neotestamentário. A erudição cessacionista insiste em afirmar que as curas apostólicas eram todas bem-sucedidas. Qualquer análise preliminar irá constatar que os fatos podem não ser assim. Vamos iniciar pelos Evangelhos.

Inicialmente, podemos perceber que nesse cenário existe o registro de exorcismos e curas malsucedidas. Jesus por vezes admoestou e condenou a falta de fé daqueles que eram seus discípulos (Mt 8.26; 16.8; 21.21; 17.16,19,21).

Em segundo lugar, podemos perceber que no livro de Atos e em outras passagens do Novo Testamento algumas curas não foram efetivadas, como no caso em que Paulo cita a doença mortal de Epafrodito (Fp 2.26-27), sem falar na menção do espinho na carne do qual ele mesmo não pode se ver livre (2Co 12.7-9). Timóteo padecia de constantes enfermidades estomacais, nada obstante, não consta ter sido alvo da assistência divina pelas mãos de Paulo. Por quê?

Edmund Clowney nos oferece uma via de entendimento. Comentando sobre o uso operacional dos dons concedidos no período apostólico, ele assevera que

> Apesar de haver épocas em que muitos milagres eram realizados pelos apóstolos, eles não estavam continuamente em evidência. O espinho da carne de Paulo não foi removido e ele deixou Trófimo doente em Éfeso [...][233]

Percebe-se claramente que, a despeito de esposar posição cessacionista, o

autor não encontra dificuldades para afirmar o fato de que, mesmo para um apóstolo, as manifestações de cura nem sempre eram realizadas ao arbítrio do agente dos *charismas* para dispor como conviesse. Os dons não eram conferidos para serem espetáculos à parte, como sugeriu Schwertley ao clamar por evidências. Eles eram investidura de poder, mas circunscrita ao soberano arbítrio divino. Não serviam para estarrecer incrédulos, mas se prestavam ao serviço de um plano superior, como anota Clowney mais uma vez:

> Jesus afirmou que seus milagres eram as obras de seu Pai (Jo 5:19,30-40). Ele não podia realizar milagres simplesmente porque seus inimigos pediam que ele realizasse (Mt 12:39). [...] Os milagres de Jesus, então, não eram realizados ao acaso, eles cumpriam o plano de seu Pai [...][234]

Por que Schwertley, sendo adversário do continuísmo, julga que pode inverter o ônus da prova? Porque continuístas teriam a obrigação de mostrar sinais e maravilhas para cessacionistas que descreem nestas manifestações sobrenaturais, nos moldes como apresentados pelos Carismáticos?

Além do mais, é muito clara a anotação de que milagres não devem ser equiparados a atos discricionários de poder. Antes devem ser vistos como manifestação da soberania providencial não só em equipar a Igreja na obra de expansão da fé evangélica, como também no efetivo atendimento circunstancial em momentos cruciais para a Igreja.

E Clowney arremata explicando de maneira muito equilibrada e piedosa a especial razão na concessão de dons à Igreja de Cristo:

> O Senhor formou sua Igreja como um corpo orgânico. Os dons que ele concede não são dados por nossa causa. Sua presença não fundamenta o orgulho, e sua ausência não justifica a ira. Quando os dons são de muitas formas desvinculados do fruto do Espírito no serviço de amor, eles se tornam um barulho vazio, que atrai a atenção para a realização de nada (1 Co 13). A questão principal não é a natureza dos dons, mas seu uso na

> edificação dos santos e na proclamação do evangelho ao mundo. Todos os dons carismáticos eram abundantes em Corinto (2 Co 12.12), mas sua apresentação não ganhou aprovação do apóstolo, nem levou adiante a obra do Senhor naquela cidade [...] A cessação dos sinais apostólicos não significa a cessação dos dons do Espírito. Os santos ainda possuem as graças que foram sobrenaturalmente aumentadas nos dons miraculosos. Jesus pronunciou uma benção especial sobre aqueles que creriam sem ver. Ele continua a abençoar aqueles que não mais procuram por sinais, mas se alegram nos dons e no fruto do Espírito, pelos quais o Senhor continua a mostrar sua presença com seu povo.[34]

A Igreja para ele possui organicidade que não se diluiu com o fim da era apostólica. Igreja é Igreja que segue desde o seu estabelecimento inicial até a eternidade celeste. Evidente que a função carismática dos dons será desnecessária na eternidade, visto que nem o evangelho estará sendo expandido no mundo caído, nem, por consequência, o reino de Deus estará em franco combate contra o reino das trevas.

Neste sentido, precisamos levantar o seguinte raciocínio e registrar aqui que, se nem todas as palavras proféticas foram registradas, podemos por inferência entender que os atos dos apóstolos também não o foram.

Por outro lado, a ênfase demasiada que os teólogos continuístas têm dado sobre a necessidade de se ver sinais e maravilhas ou que a existência dos dons seja quase obrigatória nas Igrejas cristãs independentemente de onde estejam localizadas, ou da real necessidade, põe em risco o próprio equilíbrio que se percebe na Escritura. Nem todas as Igrejas neotestamentárias vivenciaram o que se vivenciou em Corinto. Pelo menos não temos os registros à mão. Ademais, esta mesma Escócia que testemunhou grandes manifestações do poder de Deus vive atualmente um grande esfriamento espiritual. Para que o poder de Deus seja derramado alguns elementos precisam estar reunidos. O primeiro destes elementos, sem sombra de dúvidas, está intimamente relacionado à vontade soberana de Deus.

Com efeito, já foi dito aqui que nem mesmo no ambiente

neotestamentário, com a presença e a atuação do colégio apostólico, viu-se manifestações de curas em todas as Igrejas primitivas. Muita coisa ocorrida nesse ambiente não foi registrado, é bem verdade, mas nos parece que esta preocupação com os dons não ocupava integralmente a agenda dessas Igrejas, com exceção de Corinto. Não nos deparamos com qualquer discussão do tipo. Eles simplesmente viviam a fé, repartindo o pão de casa em casa, ouvindo a pregação da palavra de Deus, atendendo a necessidade dos mais carentes, congregando-se em amor e, sobretudo, evangelizando o mundo de então. Esta era a agenda majoritária da Igreja neotestamentária. Dons? Discussão importante, mas pontual em alguns momentos da narrativa bíblica, porque fluíam naturalmente e nenhuma igreja questionava a validade das manifestações carismáticas em outras igrejas neotestamentárias. A discussão tornou-se pontual quando a imoralidade e o orgulho soberbo entre os Coríntios foram objetos de disciplina, ou quando algumas regulações quanto ao uso dos dons foram necessárias para corrigir impropriedades, como no caso do silêncio imposto às mulheres na avaliação de profecias, ou quanto aos limites próprios à atividade de profetizar ou das línguas estranhas estarem vinculadas à interpretações.

Assim, nós podemos concordar com a asseveração do Dr. Gaffin sobre qual deve ser a expectativa natural da Igreja pós-apostólica, sem esquecer que, se houver a ocorrência de dons de revelação no seio da Igreja, estes eventos não devem ser vistos com reservas, nem ser ponto de dissensão entre os membros, salvo se a contribuição dessas ocorrências depuser contrariamente ao propósito de existirem no arraial do povo de Deus, como se deu no contexto de Corinto.

---

[204] *cf.* Calvino, Gillespie, Rutherford e Edwards.

[205] GAFFIN. Richard. *in Cessaram os dons Espirituais? 4 pontos de vista.* org. Wayne Grudem. São Paulo: Vida. 2003, p. 25.

[206] Cf. Lewis, *op. cit.* pp. 149-50.

[207] Cf. GAFFIN, *op. cit.* p. 26.

[208] Informação verbal fornecida pelo Dr. Merold Westphal no Congresso Internacional de Ética e Cidadania da Universidade Presbiteriana Mackenzie, com o tema Filosofia e Cristianismo, no dia 21 de outubro de 2008 no auditório Ruy Barbosa, na cidade de São Paulo/SP.

[209] LLOYD-JONES, D. Martin. *O Sobrenatural na Medicina.* São Paulo: PES, p. 16.

[210] Cf. GAFFIN. *op. cit.* 1996, p. 27.

[211] O *tu quoque* é um tipo específico de proibição de comportamento contraditório na medida em que, em face da incoerência dos critérios valorativos, a confiança de uma das partes é violada. Isto é, a parte adota um comportamento distinto daqueloutro adotado em hipótese objetivamente assemelhada. Incluindo-se aí, evidente, a ideia de considerar a resposta cristã de que a suspeição não conta a história toda, ou seja, esconde parte importante da verdade. Este conceito é largamente utilizado pela apologética a fim de confrontar-se com os postulados do ateísmo.

[212] SCWHERTLEY, Brian. *O Movimento Carismático e as Novas Revelações do Espírito.* São Paulo: Puritanos, 2000, pp. 54-55.

[213] Questão secundária que aparece no desenrolar da demanda principal e que fica à ela vinculada. Ou seja, a pregação do evangelho é a demanda principal.

[214] GARNET. Mary. *Take Your Glory, Lord: William Duma His Life Story.* Roodepoort: Baptist Publishing House, 1979, pp. 40ss.

[215] Para maiores informações consultar o site www.dacb.org/stories/southafrica/duma_william.html, bem como http://baptistunionhistoricalsociety.blogspot.com.br/2011/12/rev-william-duma.html.

[216] Cf. GARNET, *op. cit*., 1979, p. 51.

[217] O Rev. Erlo Stegen vivenciou importante avivamento entre os Zulus na África do Sul. Ele é diretor da Kwasizabantu Mission. Maiores informações poderão ser colhidas no website da missão no seguinte endereço: http://www.ksb.org.za/Default.htm.

[218] Trata-se do testemunho do próprio Augustus, na seção de comentários e respostas a um artigo publicado por ele no blog que mantém em parceria com outros articulistas. A resposta está registrada assim: *"Cleber, Já me aconteceu de orar por um doente e ele ficar bom na mesma ocasião. Já me aconteceu de orar por doentes que se recuperaram aos poucos. [...]* ***Eu mesmo fui curado em 1984 durante uma visita que fiz a Kwasizabantu, África do Sul, onde estava ocorrendo um grande avivamento espiritual entre os Zulus. Ninguém orou por mim e ninguém me ungiu ou impôs as mãos, rsrsrs, mas saí de lá curado.*** *Sobre este avivamento, veja o livro STEGEN, Erlo. Avivamento na África do Sul. Tradução de Augustus Nicodemos Lopes. São Paulo, Editora Os Puritanos, 1996. 78 pp. Eu creio que Deus cura hoje em resposta às orações. Só* ***não creio que temos hoje homens como os apóstolos, que tinham o dom e o poder de curar a todos em quem impunham as mãos ou a quem determinavam a cura****. Abs."* Disponível em http://tempora-mores.blogspot.com.br/2010/07/carta-ao-reverendo-van-diesel. html. Acesso em 11/06/2012.

[219] Informação colhida de fonte fidedigna ligada ao Augustus. A propósito, o artigo é a simulação de uma resposta em forma de carta fictícia em que ele se corresponde com um tal reverendo Van Diesel, criticando os métodos de cura de esterilidade tal como ungir com óleo as partes íntimas do enfermo. Daí ser interessante que além de expor o caso em si no artigo sobre cura de esterilidade, na seção "respostas", mencionar como se processou a sua própria. Ou seja, que ninguém lhes tocou as partes. Ao nosso ver, trata-se de uma confissão pública, embora acanhada, sobre a enfermidadeque o vitimou, mas feita de forma que somente os mais próximos saberiam do que estava falando.

[219a] Kwasizabantu foi fundada por Erlo Stegen a partir de 1954. Em 1966-1967, os esforços de Stegen culminaram no desencadeamento de conversões em massa, acompanhadas de curas milagrosas. Em 1971, sua base foi estabelecida em um lugar chamado Kwa Sizabantu (que em Zulu significa "lugar de ajuda para as pessoas"). Isto tornou- se epônimo do movimento.

[220] Cf. FLEMING, 1801, *op. cit*. p. 96.

[221] Cf. HOWIE. *op. cit*, 1870, pp. 132-33.

[222] Suspensão súbita, completa ou incompleta, do movimento e da sensação relacionada com uma afecção cerebral, hemorragia, congestão ou derramamento sanguíneo. Dicionário da Língua Portuguesa. Porto Editora.

[223] Cf. LLOYD-JONES, *op. cit*. p. 46.

[224] PLANTINGA. Alvin, *Teísmo, ateísmo e racionalidade.* Artigo traduzido por Vitor Grando, disponível1em1http;//despertaibereanos,blogspot,com/2008/10/tesmo-atesmo-e-racionalidade-alvin.html. Acesso em 16/11/2008.

[225] Para uma visão em maior amplitude sobre este conceito sugerimos a leitura do capítulo 2 do livro de Jon Ruthven in *Sobre a Cessação dos Charismata: A polêmica cessacionista dos milagres pós-bíblicos.* Natal: Editora Carisma, 2017.

[226] LEWIS. C.S. Milagres. São Paulo: Vida, 2006, pp. 249-251.

[227] Cf. ROBERTSON. *op. cit.* p. 84.

[228] *Ibid*. p. 82

[229] GAFFIN, Richard *in* Perspective on Pentecost.

[230] FEE. Gordon. *Gods Empowering Presence: The Holy Spirit in the Letters of Paul.* Peabody: 1994, p. 209.

[231] WALLACE. Daniel B. *Gramática Grega. Uma Sintaxe Exegética do Novo Testamento.* São Paulo, Editora Batista Regular do Brasil, 2009, p. 236.

[232] *Ibid*. p. 295.

[233] CLOWNEY, Edmund. *A Igreja*. São Paulo. CEP, 2007, p. 226.

[234] *Ibid*. p. 225.

CONCLUSÃO

Como pudemos ver no decorrer do livro o cessacionismo na verdade nada mais é que o fruto de sucessivas convulsões históricas no seio do Cristianismo. Foi uma luta de contraponto em todos os sentidos que teve início no século 12 e ganhou força, sobretudo na complexidade de oferecer resposta mais abalizada acerca de como atestar a verdadeira obra do Espírito. Neste sentido, tomar a via de apagar o Espírito como denunciado por Lloyd-Jones foi mais fácil para alguns.

O cenário estava delineado; a Igreja Romana com seu rígido formalismo ritualista, bem como a degradação moral do clero de então, o impedimento de acesso ao povo às escrituras e a ausência de uma vida santa com Deus foram fatores relevantes para o florescimento de dezenas de grupos com ideais místicos.

Por outro lado, a demasiada ênfase dos teólogos místicos na relação místico-subjetiva entre o homem e Deus, o desapego ao estudo da palavra revelada e os transtornos sociais e eclesiásticos verificados com a eclosão do movimento, foram motivos suficientes para o despertar de uma oposição com apelos mais centrados na razão. E esta oposição foi rigidamente concebida para refutar todo e qualquer postulado defendido pelos místicos medievais. Toda uma máquina institucional fora colocada em ação a fim de calar os líderes do movimento místico. O apelo à tradição e à autoridade papal eram assuntos prioritários no confronto de então. Esta posição veio ser duramente criticada e combatida pelos reformadores. O lema *Sola Scripturæ* compõe

parte desse movimento crítico e reacionário contrário à postura romanista de valorizar demasiadamente a tradição e de estabelecer como verdade absoluta e inquestionável a infalibilidade papal.

Com o campo de batalha delineado, adversários e argumentos conhecidos, estratificou-se o pensamento que depois veio a ficar conhecido como teologia cessacionista. Esta teologia recebeu sistematização mais refinada pelas mãos de Warfield com a publicação do livro *Counterfeit Miracles*.

Estratificou-se também o que hoje conhecemos como teologia continuísta buscando resgatar parte dos ideais místicos, lançando mão da exegese de importantes textos bíblicos. Percebe-se, entretanto, que agora muitos teólogos procuram desvincular-se da ênfase demasiada daquela relação místico-subjetiva e apresentar, por meio do estudo exegético, bases sólidas para a crença na teologia continuísta.

A partir da consolidação da ideia de ambos os lados o processo histórico não demonstra ter chegado a um consenso teológico, e os argumentos para a não-mudança são os mesmos.

Neste sentido, convém que a parte final deste livro reserve espaço para algumas anotações para ambos os grupos. Quer cessacionistas, quer continuístas, todos precisam revisar alguns padrões atuais. Precisam revisitar antigos conceitos e buscar alinhá-los o mais próximo da verdade bíblica, nem que para isto tenham que forçosamente romper com tradições antigas que deram forma a ambos os sistemas.

CONSELHO AOS CESSACIONISTAS

De um lado, os cessacionistas apelando para uma fé que seja somente centrada no estudo das Escrituras, repelindo quase totalmente a manifestação dos dons carismáticos e entendendo que apenas assim a Igreja poderá seguir seu caminho gozando de paz.

Provamos aqui que as teses cessacionistas não encontram respaldo na visão padrão dos puritanos sistematizadores da CFW, mormente nas obras de Gillespie e Rutherford. Entendemos que os postulados como hoje estão postos pelo movimento cessacionista moderno precisam de realinhamento que se ajuste às conclusões dos dois escoceses. Esta mudança já seria um grande progresso. Por que não pensar detidamente sobre as proposições de Rutherford quanto aos níveis de profecia? Ou como tais categorias podem abranger e explicar a relação entre revelação e iluminação propriamente dita, como alguns cessacionistas têm proposto?

Ademais, em que pese a importância da obra de B.B Warfield, é preciso que os cessacionistas a coloquem no seu devido lugar e tenham em mente que ela se propôs a combater os ensinos de algumas seitas heréticas do romanismo de outrora. Além do mais, entender que ela é um tratado filosófico, portanto, definitivamente, não se trata de estudo exegético dos textos que apontam as controvérsias da matéria. Em suma: trata-se de história e filosofia; não teologia exegética.

Por outro lado, precisam analisar com maior atenção e sem preconceito os registros das vidas dos puritanos escoceses, cotejar todos os relatos,

investigar as fontes, perscrutar quanto à vida e obra de todos eles, bem como considerar sinceramente sobre a veracidade do que se deu na Escócia entre os séculos 15 a 17 e em outros períodos da História da Igreja, como o Grande Despertamento nos Estados Unidos. Será tudo invencionice? Será que homens honrados da seara calvinista uniram-se com o propósito de formatar uma fraude piedosa? Seria absurdo cogitar tal hipótese, tendo em vista dezenas de registros de acontecimentos extraordinários nos ministérios desses homens.

Os cessacionistas devem entender que proposições como as defendidas por eles não ajudam na consolidação de nossa fé e, ao contrário do que julgam, não focam no principal, qual seja, a hegemonia do Reino de Deus em contraponto à qualquer manifestação diversa. Ter como críveis apenas as manifestações do primeiro século da Igreja pela operação direta dos apóstolos e seus agentes mais próximos, em detrimento dos demais personagens que não mantiveram relação direta com a Comissão de Jesus (como o anônimo que expelia demônios em nome de Jesus), e de outros tantos casos que foram registrados nos anais da Igreja no decorrer da História, é aviltar a atuação do Espírito Santo entre o período que compreende o apagar das luzes do primeiro século até os dias atuais.

Provamos aqui que o Cristianismo não é fé que se sustenta na racionalidade. Ela nos impulsiona a jungir os elementos de uma fé que cultua sim com a razão, mas que não exclui o campo dos afetos e dos sentidos mais emocionais da alma humana. A fé se expressa, sobretudo, no campo destes afetos demonstrados pela intensa alegria de ter sido salvo do poder da morte, do diabo e de uma eternidade afastada da presença de Deus.

Esta alegria incontida não pode ser confundida com o emocionalismo como denunciam os cessacionistas. Emoção sincera é esperada da alma que, consciente de seu antigo estado e do sacrifício redentor feito em seu favor não encontra outra resposta que não a efusividade como a de um pai que

testemunha seu filho salvar-se de uma grande tragédia.

Em segundo lugar, é preciso que se desvencilhem da ideia de que profecia preditiva necessariamente implica canonicidade, e entender que até mesmo os grandes cessacionistas estão revisando suas posições quanto à matéria. Gaffin, por exemplo, afirma que sua posição não é tão fechada como tem sido interpretada por alguns. Ele não nega que as experiências bíblicas possam ocorrer hoje, caso em que se verificou entre os puritanos escoceses. O que Gaffin[235] (1996, p. 153) tem procurado esclarecer é que a alegada superioridade daqueles que afirmam possuírem dons espirituais extraordinários em comparação com cristãos que não possuem tais dons não pode ser aceita como válida. Este é um passo importante na construção do pensamento.

Por fim, precisam entender que o poder de Deus é necessário na expansão do Evangelho em várias partes do mundo onde a mensagem do Reino não foi pregada ou que está em franca oposição com o diabo e seus anjos de maneira muito mais ostensiva; que Cristo em seus vários pronunciamentos nos exortou que sua Igreja enfrentaria as forças do maligno e que, investida desta tarefa de guerrear com o reino das trevas, necessitaria munir-se das armas devidas, armas que vão muito além do adequado conhecimento das Escrituras.

---

[235] Gaffin, 1996, p.153 *Apud* Dean Smith, 2000, p. 23.

CONSELHO AOS CONTINUÍSTAS

Os continuístas perseguem um ideal nobre na sua vivência de fé quando procuram uma relação mais íntima com o Espírito, relação que promova a obediência ao mandato apostólico que ordena o crente a se encher do Espírito Santo e a vivenciar um mover sobrenatural através do experimentar carismático. Dizem, portanto, que esta relação é essencial no caminhar da Igreja de Cristo. Navegam em direção contrária dos cessacionistas e propõem uma fé mais vigorosa e relacional com o Espírito Santo, oferecendo-se como instrumentos para que Deus os use como canais de comunicação divina através da profecia preditiva, da cura etc.

Mas, como sua contraparte, precisam aprender com Gillespie e Rutherford igualmente. Há vários exageros que têm causado cisões no corpo de Cristo e, em sua grande maioria, por faltar zelo e caridade para com o debate.

Aberrações teológicas verificadas nos movimentos modernos requerem que mentes sãs se oponham obstinadamente contra tudo aquilo que depõe contra a Escritura e as regras ali estabelecidas: unção sem qualquer critério, profecias inventadas, achaques em nome da fé, manipulação das massas – nada disso promove a glória de Deus. O mesmo pode-se dizer do personalismo e da autopromoção que igualmente contribuem para o enfraquecimento da nossa fé e devem ser denunciados. Importa que Jesus cresça e que seus servos, todos nós, cessacionistas e continuístas, diminuamos. É preciso ter isto em mente.

É importante também assentar o entendimento que nos aponta para o norte

correto. Se, por um lado, a teologia mais racional como muitos cessacionistas têm proposto precisa ser adequada ao todo-bíblico no tocante à teologia do Reino de Deus e do Espírito Santo, por outro, as práticas continuístas de alguns grupos independentes que se autointitulam ministérios proféticos precisam enquadrar-se numa espécie de rigorismo comportamental.

Não se pode admitir, em hipótese alguma, qualquer prática que não glorifique a Deus. Não carecemos que cenários bíblicos sejam reproduzidos em pretensos cultos de libertação como se tem testemunhado em vários lugares. Fogueiras santas, correntes dos trezentos e dezoito, rosas ungidas etc. não foram verificadas em nenhum dos avivamentos que estudamos. Também nos cabe perguntar: qual o propósito de comportamentos como a tal unção do riso, ou do rugido do leão? Em quê isto glorifica a Deus? Em que paralelos achamos isso na Escritura? Ainda que procurar por comportamentos semelhantes na Escritura não seja a melhor resposta, tenho dificuldade em aceitar o apóstolo Pedro espojando-se no chão rindo como uma hiena, ou rugindo feito um leão.

É preciso compreender que estas práticas adotadas pelos movimentos neopentecostais são resultado de complexo sincretismo entre Cristianismo e cultos afro-religiosos com um apelo quase sempre voltado para escravizar mentes incautas arrimando-se no medo, na culpa e na cobiça. E esta mensagem impregnada de tais práticas é contrária à mensagem bíblica que anuncia libertação aos cativos, lança fora o medo e nos impõe um novo padrão de simplicidade de vida e contentamento em toda situação.

E, se tais pregadores modernos se esforçam tanto para reproduzir cenários do Antigo e do Novo Testamentos, por que então não se propõem andar com as nádegas de fora como Isaías o fez (Isaías 20.2-4)? Por que não imitam Elias e provam do sustento divino através de corvos à beira do ribeiro, ao invés de viverem em mansões nababescas e circularem pelas ruas do país em reluzentes carros de luxo? “Imita-se” apenas o que convém?

Nós entendemos que é importante sim a existência dos dons carismáticos na Igreja, sem, contudo abrir mão da ideia de que o estudo dedicado da Palavra revelada conforme registrada nas Escrituras é o norte principal a ser seguido. Ela, a Escritura, é o meio mais seguro garantido por Deus para ensino e preservação da verdade contra o erro em vista da malícia do coração e de Satanás. Esta era uma preocupação legítima dos deputados reunidos em Westminster e deve ser o pensamento de todo cristão sincero.

Poder sobrenatural sim, mas conhecimento da Palavra igualmente – o equilíbrio proposto pelo sistema bíblico. Paulo operava sinais e maravilhas, mas igualmente manejava as escrituras com absoluta precisão. Neste sentido cabe uma pergunta: qual dos pretensos operadores de sinais da atualidade podemos dizer o mesmo? Eu arrisco dizer que poucos, senão nenhum. Temos deficiências tremendas a corrigir e não conhecer profundamente a Palavra de Deus é uma delas. Este desafio está proposto para qualquer um dos grupos aqui estudados.

Nosso maior desejo é que o entendimento destas verdades produza paz perene e comunidades cada vez mais sadias. Que conheçam a verdade revelada nas Escrituras, mas, sobretudo, que busquem intimidade maior com o Santo Espírito. Que haja profetas como na Escócia de Alexander Peden, de John Welch, de George Wishart; a mesma de John Knox, Richard Cameron e outros tantos valorosos homens de Deus. Nada obstante, que haja mais amor, tolerância, pureza, bondade, justiça, longanimidade e fidelidade. Que a nossa sabedoria, como diz o apóstolo Tiago, seja moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade e hipocrisia.

Por fim, seguindo a recomendação apostólica devemos sim procurar com zelo os dons espirituais (1Co 14.1 e At 4.30), mas devemos fazê-lo com as motivações corretas. Assim como Moisés, meu desejo é que todos sejam profetas, revelando os segredos ocultos do coração humano, a fim de que este mundo caído tome conhecimento que Deus é a fonte de todo conhecimento,

sabedoria, verdade e poder que vem do alto.

Que Ele assim nos ajude.

REFERÊNCIAS

ARDREY, Adam. *Finding Merlin - The Truth Behind the Legend.* Edimburgo: Mainstream Publishing Company, 2007.

BARROW, Greg. *A Reformation Discussion of Extraordinary Predictive Prophecy Subsequent t the Closing of the Canon of Scripture.* Edmonton: 1998.

BARKER, William. *Puritan Profiles, 54 Personalities Drawn Together by the Westminster Assembly.* Fearn: Christian Focus Publications, 1996.

BAXTER, Richard. *Practical Works of Richard Baxter, with a preface, Giving some account of the author, and of this edition of his practical works an essay on his genius, works, and times; and a portrait, in four volumes, vol. one.* Printed by Robert White for Nevill Simmons, 1673, this facsimile reprint by George Virtue, London: 1838.

BEZA, Theodoro. *Joannis Calvini Vita in Joannis Calvini, Magni Theologi, Institutionum Christianae Religionis, Libri Quatour. Editio postrema, Innumeris mendis, quibus priores hactemus Scatuére, liberata: Cui Accesserunt EPISTOLAE atque RESPONSA, Tam ipsius CALVINI, quam insignium aliorum in Ecclesia Dei virorum una cum Indicibus Suis utrobique, ut aucfioribus, ita accuratiobus. Praemissa est VITA ejusdem CALVINI à Theodoro Beza conscripta.* AMSTELODAMI, APUD Johannem Jacobi Schipper, 1667.

BOYS, Thomas. *The Suppressed Evidence: or, Proofs of the miraculous faith*

and experience of the church of Christ in all ages, from authentic records of the fathers, Waldenses, Hussites, reformers, United brethren, &co. London. Hamilton Adams, 1832.

BROWN, Peter Hume. *John Knox: A Biography, vol. i.* London: Adam and Charles Black, 1895.

BRUCE. Robert. *Sermons by the Robert Bruce, Minister of Edimburgh* (1843 edition). Still Waters Revival Books.

BRUEGGEMANN, Walter. *Imaginação Profética.* São Paulo: Paulinas, 1983.

CAIRNS, Earle. *O Cristianismo através dos séculos. Uma história da Igreja Cristã.* São Paulo: Vida Nova, 1995.

CALVINO, João. *Institutas da Religião Cristã*, vols. i a iv.

_____. *Calvins Tracts Relating to The Reformation, vol. i, By John Calvin with His Life by Theodore Beza.* Translated from the original Latin, by Henry Beveridge, ESQ. Volume first. Edinburgh: Printed for the Calvin Translation Society, 1844.

_____. *Treatises Against the Anabaptists and Against the Libertines.* Translated and edited by Benjamin W. Farley. Grand Rapids: Baker Book House, 1982.

_____. *1 Corinthians, in New Testament commentaries.* Grand Rapids: Eerdmans, 1948.

_____. *Calvin's Commentaries*, 22 vols. Grand Rapids, MI, MI: Baker, 1993.

_____. *Calvin's New Testament Commentaries*, 12 vols., eds. David Torrance, and Thomas Torrance. Grand Rapids, MI, MI: Eerdmans, 1989-93.

_____. *Letters of John Calvin selected from Bonnet* Edition.

Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1980.

CAMERON, Thomas. *Peden the Prophet.* Edinburgh: James A. Dickson, 1981.

CARSON, D.A. *Showing the Spirit*. Grand Rapids: Baker, 1988.

CALDERWOOD, David. *The History of the Kirk of Scotland.* Edinburgh: Wodrow Society, 1842.

CHANTRY, Walter. *Sinais dos Apóstolos.* São Paulo: PES, 1996.

CODLING, Don. *Sola Scriptura and the Revelatory Gifts. How Should Christians Deal With Present Day Prophecy?* Rice: Sentinel Press, 2005 **[Publicado no Brasil pela Editora Carisma com o título "Sola Scriptura e os Dons de Revelação: como lidar com a atual manifestação do dom de profecia? 2016]**.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 2006.

COSTA, Hermisten Maia Pereira. *João Calvino: O Humanista Subordinado ao Deus da Palavra – a propósito dos 490 anos de seu nascimento.* São Paulo: Revista Fides Reformata 4/2, 1999.

D'AUBIGNÉ. J.H. Merle. *História da Reforma do Décimo-Sexto Século, vol. iii.* São Paulo: CEP [?]

DEERE, Jack. *Surpreendido com a Voz de Deus.* São Paulo: Vida, 1993.

EDWARDS, Jonathan. *A Verdadeira Obra do Espírito: Sinais de Autenticidade*. São Paulo, Vida, 1992.

FEE, Gordon. *God's Empowering Presence: the Holy Spirit in the Letters of Paul.* Peabody: Henrickson, 1994.

FEINBERG, Charles. *Os Profetas Menores.* São Paulo: Vida, 1993.

FERGUSON, Sinclair. *The Holy Spirit.* Downers Grove: IVP, 1997.

FLEMING, Robert. *The Fulfilling of the Scripture.* Glasgow: impresso por Stephen Young, vol.i, 1801.

GAFFIN, Richard. *Perspectives on Pentecost. New Testament teaching on the Gifts of the Holy Spirit.* Phillipsburg: New Jersey, Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1979.

GARDNER, London T. *An Historical Account of The Lives of Dr. Martin Luther and Mr. John Calvin. Who were the Great Intruements of Establishing The Protestant Religion. The Whole Impartially Collected for the Use of Protestants of all Denominations BOUND WITH An Impartial History of Michael Servetus Burnt Alive at Geneva For Heresie; The Whole Impartially Collected for the Use of Protestants of all Denominations.* London: T. Gardner & Aaron Ward, 2nd edition, 1740.

GARNET, Mary. *Take Your Glory, Lord. William Duma His Life Story.* Roodepoort: Baptist Publishing House, 1979.

GILLESPIE, George. *The Works of George Gillespie: One of the Commissioners from Scotland to the Westminster Assembly. Treatise of Miscelany Questions. With a memoir of his life and writings by W.M. Hetherington, vol. 2.* Edmonton: reprint edition september 1991 from the 1846 edition.

GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo, vol. vi. A Era dos Reformadores.* São Paulo: Vida Nova, 1989.

GRANT. Maurice. *The Lion of the Covenant. The Story of Richard Cameron.* Evangelical Press, 1997.

GREAVES, Richard L. *Theology and Revolution in the Scottish Reformation.* Grand Rapids: Christian University Press, 1980.

GRUDEM, Wayne. *Cessaram os Dons Espirituais? 4 pontos de vista.* São Paulo: Vida, 1996.

HALSEMA, Thea Van. *João Calvino era Assim.* São Paulo: Editora Vida Evangélica. 1968.

HAMILTON, Patrick. *Biographia Scoticana: or, a Brief Historical Account of The Lives, Characters, and Memorable Transactions, of The Most Eminent Scots Worthies.* Glasgow: Printed and Published by Khull, Blackie, & Co, and By A. Fullarton & Co. Edinbugh, 1824

HOWIE, John. *Scots Worthies.* Edimburgo: W.R. M‘Phun Publisher Trongate, 1830.

_____. *The Scots Worthies. Revised from the Author’s original edition by the Rev. W.H. Carslaw*, DD. Edinburgh and London: Oliphant, Anderson, & Ferrier, printed by M’Farlane & Erskine, Edimburgh, 1870.

_____. *Biographia Scoticana Or, a brief historical account of the lives, characters and memorable transactions of the most eminent Scots Worhies, The second edition, corrected and enlarged.* Glasgow: Printed by John Bryce, and Sold at his Shop, opposite Gibson’s-Wynd, Salt-market, 1781.

_____. *Biographia Scoticana: or, A brief historical account of the Lives, Characters, and Memorable Transactions, of The Most Eminent Scots Worthies.* Edinburgh: Printed For J. Dick & Co, 1828.

_____. *Biographia Scoticana or a brief Historical Account of the Lives, characters & Memorable Transactions of the most eminent Scots Worthies* by John Howie, of Lochgoin. Dumfries. Printed and published by D. Halliday, Waugh & Innes; Stirling & Kenney; and T. Nelson, Edinburgh R. Griffin & Co., and J. Dow, Glasgow: W. Mason, London: and W. M’Comb, Belfast, 1835.

_____. *Lives of the Scottish Covenanters, vol. i.* Wilmington: Cross Publishing, 1974.

JANTON, Pierre. *Prophétie et Prophesying chez John Knox et dans La Tradition Puritaine.* Geneviève Demerson et Bernard Dompnier (eds.), Les

Signes de Dieu aux XVIe et XVIIe Siècles: Actes du Colloque Organisé par le Centre de Recherches sur La Réforme et La Contre-Réforme Clermont-Ferrand: Faculté des Lettres et Sciences humaines de l'Université Blaise-Pascal, 1993.

JONES, David Martin Lloyd. *Os Puritanos, Suas Origens e Sucessores.* São Paulo: Ed. PES, 1993.

_____. *Discernindo os Tempos.* São Paulo: PES, 1994.

_____. *The Sovereign Spirit: Discerning His Gifts.* London: Harold Shaw Pub, 1986.

_____. *O sobrenatural na Medicina.* São Paulo: PES, n/d.

KNOX, John. *The Works of John Knox.* ed. D. Laing. Edinburgh: James Thins, 1895.

KUYPER, Abraham. *The Work of the Holy Spirit.* Grand Rapids: Eerdmans, 1975.

_____. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

LOPES, Augustus Nicodemus. *A Bíblia e seus intérpretes. Uma breve história da interpretação.* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

LUZ, Waldyr Carvalho. *John Knox. O Patriarca do Presbiterianismo.* São Paulo. 2001.

MACARTHUR, John. *Nossa Suficiência em Cristo. Três influências letais que minam a sua vida espiritual.* S. J. dos Campos: Fiel, 2ed. 2007.

MATOS, Alderi Souza de. *Fundamentos da Teologia Histórica.* São Paulo: Mundo Cristão, 2008

MILNE, Garnet Howard. *The Westminster Confession of Faith and the Cessation of Special Revelation (Studies in Christian History & Thought).* Tese de Ph.D. na Universidade de Otago, Dunedin, Nova Zelândia, 2004,

publicada pela Paternoster Press, EUA, 2007.

MONMOUTH, Geoffrey of. *The History of the Kings of Britain*; tradução inglesa de Lewis Thorpe. Penguin Books: London, 1966.

MURRAY, Ian. *David Martyn Lloyd-Jones: The Fight of Faith 1939-1981*. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1982.

NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã.* São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

POYTHRESS, Vern Sheridan. *Modern Spiritual Gifts as Analogous to Apostolic Gifts: Affirming Extraordinary Works of the Spirit Within Cessationist Theology*. JETS 39/1 março de 1996, pp. 71–101.

RIBEIRO, Boarneges. *O Culto em Corinto e o Nosso Culto.* São Paulo: O Semeador, 1992.

RIDLEY, Jasper. *John Knox.* New York-Oxford: Oxford University Press, 1968.

ROBERTSON, Palmer. *A Palavra Final: Resposta Bíblica à Questão das Línguas e Profecias Hoje.* São Paulo: Os Puritanos, 1999.

RUTHERFORD, Samuel. *A Survey of Spirituall Antichrist.* London. Printed by F.D. & R.I for Andrew Grookeand are to be fold at his shop at Green-Dragon in Pauls Chucrch-yard, 1648.

_____ . *The due right of presbyteries, or, A Peaceable Plea for the Government of the Church of Scotland*, cap. 16,

SCWHERTLEY, Brian. *O Movimento Carismático e as Novas Revelações do Espírito.* São Paulo: Puritanos, 2000.

SMELLIE, Alexander. *Men of Covenant: The Story of the Scottish Church in the Years of the Persecution.* Londres: Andrew Melrose, 1905.

SMITH, Dean R. *The Scottish Presbyterians and Covenanters: A*

Continuationist Experience in a Cessationist Theology. Westminster Theological Journal 63.1 (Spring 2001): 39-63.

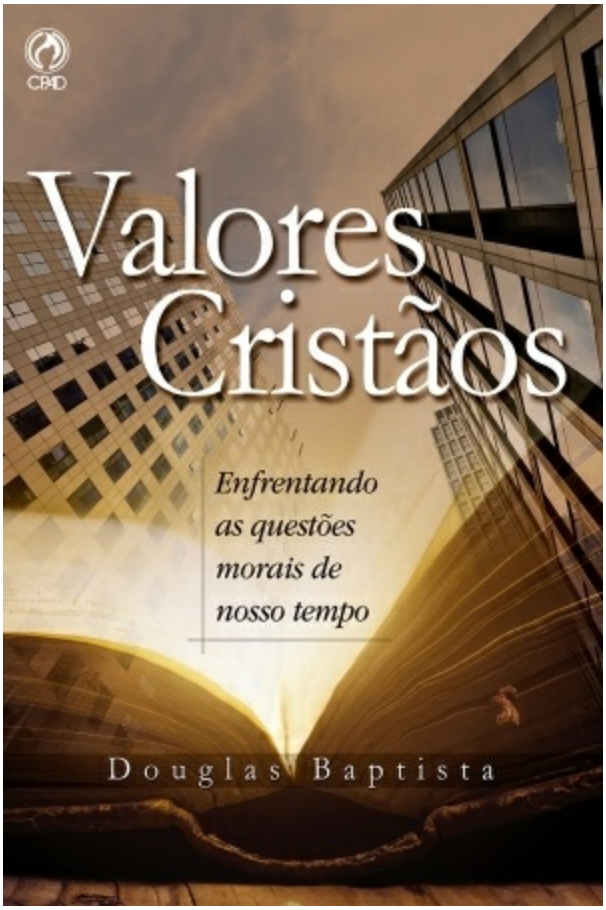
STOTT, John. *The Message of The Sermon on the Mount: The New Testament Series*. Leicester: Inglaterra, Inter-Varsity Press, [1985?].

WALLACE, Daniel B. *Gramática Grega. Uma sintaxe Exegética do Novo Testamento.* São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009.

WALKER, Patryck. *Biographia Presbyteriana* vol. i. Edinburgh: J. Stevenson, 1685.

WARFIELD, Benjamin Breckenridge. *Counterfeit Miracles.* Edimburgo, Banner of Truth Trust, 1918, reimpressão de 1983.

WODROW, Robert. *The History of the Suferrings of the Church of Scotland. From the Restauration to the Revolution,* vol. iv. Glasgow: Blackie & Son, 1750.


CPAD
Valores Cristãos
Enfrentando as questões morais de nosso tempo
Douglas Baptista

Valores Cristãos

Baptista, Douglas

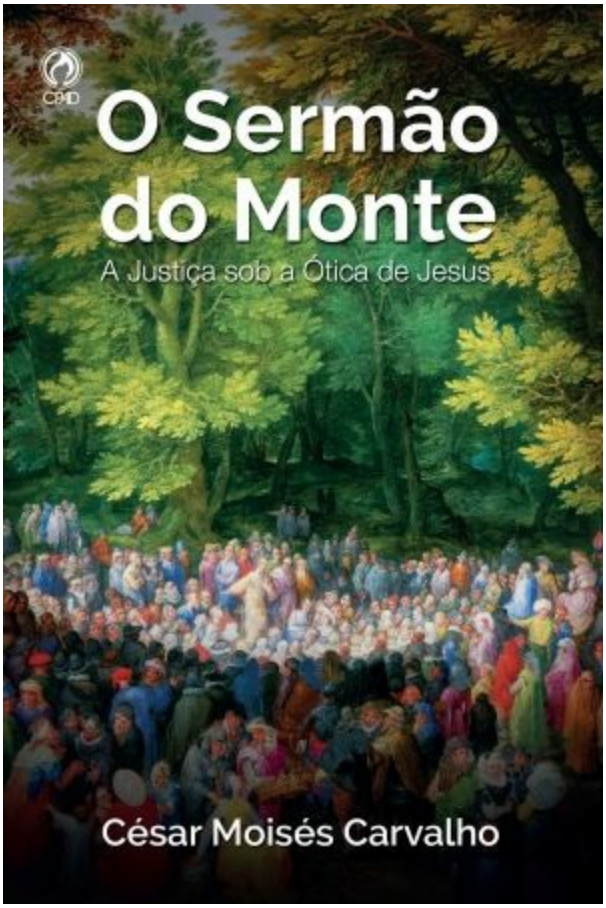
9788526315754

160 páginas

Compre agora e leia

Neste novo século e milênio, os valores sólidos da moral e da ética judaico-cristã têm sido sistematicamente substituídos por um relativismo cultural cuja consequência é o esfacelamento das relações humanas. Venha nesta jornada com o pastor Douglas Baptista estudar e defender os valores cristãos nas questões dos Direitos Humanos, Aborto, Pena de Morte, Suicídio, Doação de Órgãos, sexualidade, finanças, etc., e juntos, enfrentar as questões morais de nosso tempo. Um Produto CPAD.

Compre agora e leia


CPAD
O Sermão do Monte
A Justiça sob a Ótica de Jesus
César Moisés Carvalho

O Sermão do Monte

Carvalho, César Moisés

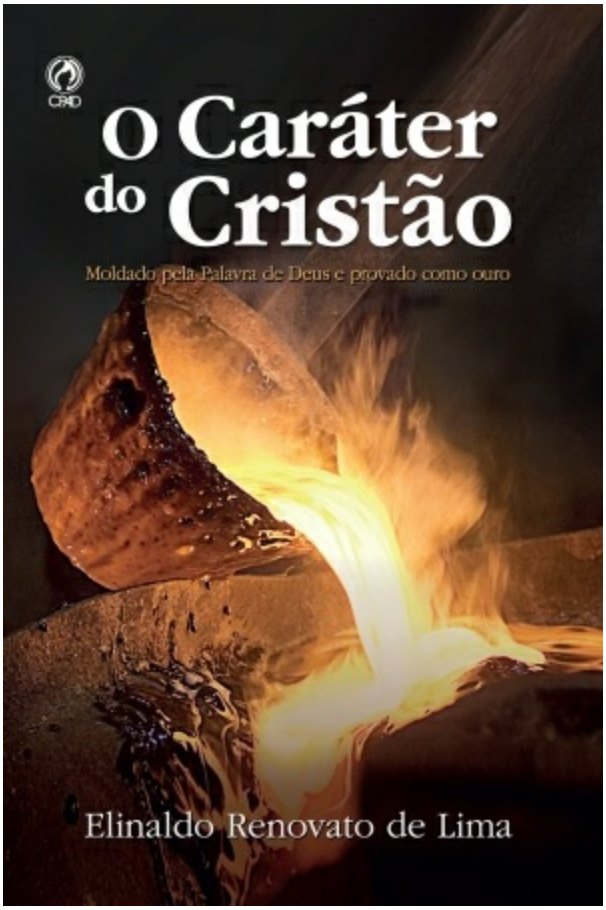
9788526314436

160 páginas

Compre agora e leia

Estudar o Sermão do Monte é um desafio pois a familiaridade com o material e a aparente facilidade dos seus enunciados esconde o fato de que se trata de um texto de difícil interpretação e, ainda pior, aplicabilidade. Nesta obra, os capítulos foram organizados obedecendo a estrutura da revista Lições Bíblicas Jovens, porém desenvolvidos em forma de comentário bíblico valorizando, sobretudo, o aspecto teológico do mais popular e célebre dos sermões proferidos pelo Mestre. Um Produto CPAD.

Compre agora e leia


O Caráter do Cristão
Moldado pela Palavra de Deus e provado como ouro
Elinaldo Renovato de Lima

O Caráter do Cristão

de Lima, Elinaldo Renovato

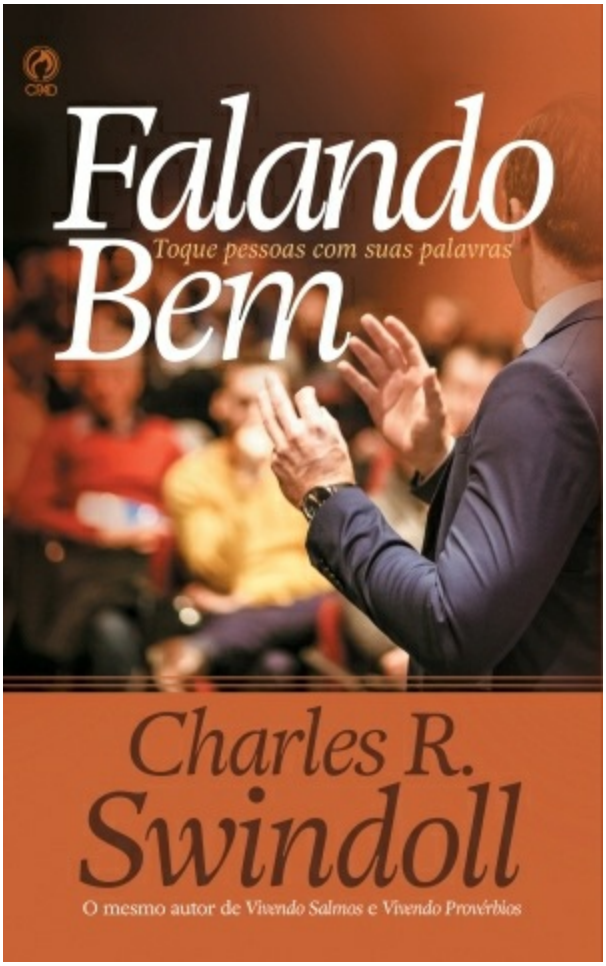
9788526314429

160 páginas

Compre agora e leia

O pastor Elinaldo Renovato prepara um estudo completo de personagens bíblicos que nos ajudarão a entender o verdadeiro caráter Cristão. Começando com Abel, passando por Isaque, Jacó, Rute e Maria, e terminando com nosso maior referencial, Jesus, este livro é um alerta à igreja com relação aos maus exemplos deste mundo e um chamamento a termos a Bíblia como maior parâmetro de caráter.

Compre agora e leia


CPAD
Falando Bem
Toque pessoas com suas palavras
Charles R. Swindoll
O mesmo autor de Vivendo Salmos e Vivendo Provérbios

Falando Bem

Swindoll, Charles R.

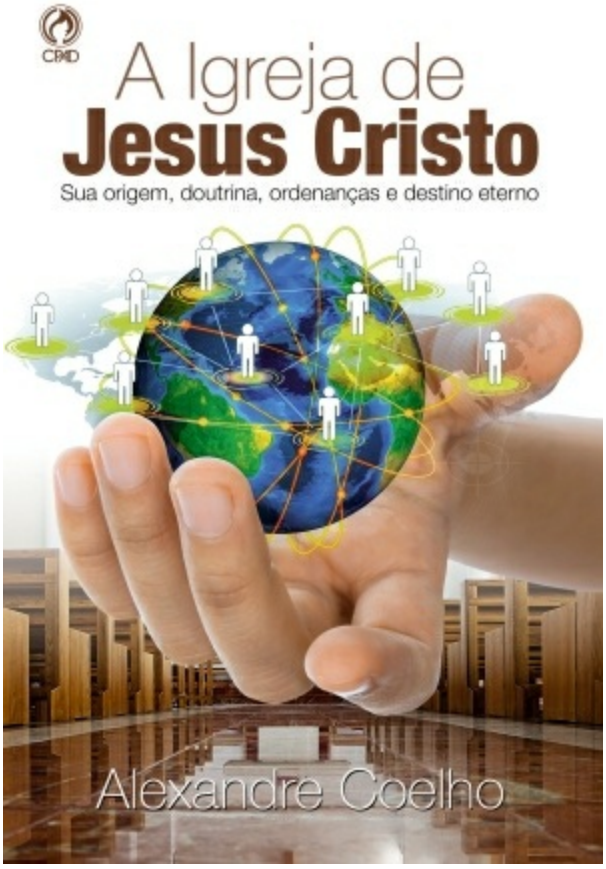
9788526315679

264 páginas

Compre agora e leia

Saber comunicar-se bem é uma importante qualidade na vida de qualquer pessoa, mas para os que pregam a palavra de Deus, esta habilidade é um dos principais "instrumentos de trabalho". Em "Falando Bem" o autor Best-Seller e mestre em comunicação, Charles R. Swindoll, conta os muitos segredos práticos sobre como discursar e pregar de maneira eficaz. Repleto de técnicas, histórias pessoais e modelos que explicam claramente as fórmulas de uma fala bem-sucedida, esta obra ensina os principais fundamentos de comunicação, tais como preparar um discurso, organizar pensamentos, filtrar o supérfluo, capturar a atenção do ouvinte e saber como e quando parar. Esta obra é o resultado de uma vida inteira de conhecimentos adaptados às necessidades de comunicação para os querem aperfeiçoar ou aprender a se comunicar com qualidade. Um produto CPAD.

Compre agora e leia


CPAD
A Igreja de
Jesus Cristo
Sua origem, doutrina, ordenanças e destino eterno
Alexandre Coelho

A Igreja de Jesus Cristo

Coelho, Alexandre

9788526314320

160 páginas

Compre agora e leia

"Temos um chamado radical para os nossos dias: ser da igreja e colabora com ela. Diante de tantas críticas que são feitas contra a igreja, precisamos nos posicionar e agir de forma coerente com a nossa fé. Devemos ter uma postura de fazer algo por nossa igreja." O que é a Igreja? No que ou em quem ela se fundamenta? Quais são seus objetivos? O que são ordenanças? Neste livro, o pastor Alexandre Coelho discorre sobre diversos temas de grande relevância tanto acerca das doutrinas da igreja quanto sobre a vida e da prática eclesiástica de uma igreja viva e cheia do Espírito Santo. Um Produto CPAD.

Compre agora e leia